

## EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA

**RAIMUNDO ALCEU DOS SANTOS FILHO**

### DESTAQUES



**A PEDAGOGIA DE PROJETOS E O  
DESENVOLVIMENTO DOS ESTUDANTES**  
Aline Pereira Matias



**O ENFRENTAMENTO À DISCRIMINAÇÃO RACIAL NA ESCOLA**  
Elisângela Oliveira Silva



**DESENVOLVIMENTO DO POVO PARA POVO NAS PROVÍNCIAS DE  
BENGO, LUANDA E HUAMBO (1993-2013) NA PERSPECTIVA  
HISTÓRICO-EDUCATIVA**  
Celestina Silepo



**Editor Responsável:**

Antônio Raimundo Pereira Medrado

**Editor correspondente (Angola):**

Manuel Francisco Neto

**Coordenaram esta edição:**

Andreia Fernandes de Souza

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

**Organização:**

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

**Colunistas:** Cleia Teixeira da Silva / José Wilton dos Santos

**Colunista:** Isac dos Santos Pereira

**AUTORES(AS) DESTA EDIÇÃO**

- Aline Lima Carvalho
- Aline Pereira Matias
- Celestina Silepo
- Elisângela Oliveira Silva
- Gabriela Amorim Guerra Bezerra
- Geni Santana Cardoso
- Ilda Helena Domiciano Paukoski
- Ismenia Maria Pires Vaz
- Jonatas Hericos Isidro de Lima
- Josefa Bezerra de Meneses
- Mateus Canivonga e Bela Cadete
- Neide Benedita de Moraes
- Rosinalva de Souza Lemes
- Rubia Mara Requena dos Santos
- Silvana Trindade de Azevedo
- Solange Alves Gomes Zaghi
- Tatiane Pavão Ongaro Borges
- Vanessa Izidorio de Arruda Domingues

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano III, n. 32 (set. 2022). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2022.

118 p. : il. color

Bibliografia

Mensal

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

ISSN 2675-2573 (on-line)

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

**ACESSOS:**

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.32>



São Paulo  
2022

**Editor Responsável:**

Antônio Raimundo Pereira Medrado

**Editor correspondente (ANGOLA):**

Manuel Francisco Neto

**Comissão editorial:**

Antônio Raimundo Pereira Medrado

José Roberto Tenório da Silva

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

**Coordenação editorial:**

Ana Paula de Lima

Andreia Fernandes de Souza

Denise Mak

Isac dos Santos Pereira

Patrícia Tanganelli Lara

Thaís Thomas Bovo

**Com. de Avaliação e Leitura:**

Prof. Me. Adeilson Batista Lins

Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt

Profa. Esp. Ana Paula de Lima

Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza

Profa. Dra. Denise Mak

Prof. Me. Isac dos Santos Pereira

Prof. Dr. Manuel Francisco Neto

Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco

Profa. Dra. Patrícia Tanganelli Lara

Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo

Profa. Ma. Veneranda Rocha de Carvalho

**Bibliotecária:**

Patrícia Martins da Silva Rede

**Colunistas:**

Profa. Mestranda Cleia Teixeira da Silva

Prof. Doutorando Isac dos Santos Pereira

Prof. Mestrando José Wilton dos Santos

**Edição, Web-edição e projetos:**

Antonio Raimundo Pereira Medrado

José Roberto Tenório da Silva

Lee Anthony Medrado

**Contatos**

Tel. 55(11) 98031-7887

Whatsapp: 55(11) 99543-5703

primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)

netomanuelfrancisco@gmail.com (Luanda)

https://primeiraevolucao.com.br

**Imagens, fotos, vetores etc:**

<https://publicdomainvectors.org/>

<https://pixabay.com>

<https://www.pngwing.com>

<https://br.freepik.com>

É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desta revista, desde que citada a fonte.

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

Publicada no Brasil por:

Edições  
**Livro Alternativo**

CNPJ: 28.657.494/0001-09

Colaboradores voluntários em:



A revista **PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial criado pela Edições Livro Alternativo para auxiliar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

O corpo editorial da revista é formado por professores, especialistas, mestres e doutores que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação. É totalmente financiada por professoras e professores, e distribuída gratuitamente.

**PROPÓSITOS:**

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores e autores independentes.

**PRINCÍPIOS:**

O trabalho voltado (principalmente) para a educação, cultura e produções independentes;

O uso exclusivo de softwares livres na produção dos livros, revistas, divulgação, palestras, apresentações etc desenvolvidas pelo grupo;

A ênfase na produção de obras coletivas de profissionais da educação;

Publicar e divulgar livros de professores(as) e autores(as) independentes e/ou produções marginais;

O respeito à liberdade e autonomia dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à diversidade.

**Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores.  
Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.**



Filiada à:



Platform & workflow by  
OJS / PKP



Google Acadêmico

CiteFactor  
Academic's Scientific Journals

**www.primeiraevolucao.com.br**

A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

# SUMÁRIO

## 05 APRESENTAÇÃO

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Andréia Fernandes de Souza

## 16 DESTAQUE

Prof. RAIMUNDO ALCEU DOS SANTOS FILHO

## EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA

## COLUNAS

### 06 **Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes**

Isac dos Santos Pereira



### 08 **Semeando Ideias**

Cleia Teixeira da Silva / José Wilton dos Santos



## ARTIGOS

1. A PSICOMOTRICIDADE E O DESENVOLVIMENTO CORPORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL	19
Aline Lima Carvalho	
★ 2. A PEDAGOGIA DE PROJETOS E O DESENVOLVIMENTO DOS ESTUDANTES	23
Aline Pereira Matias	
★ 3. DESENVOLVIMENTO DO POVO PARA POVO NAS PROVÍNCIAS DE BONGO, LUANDA E HUAMBO (1993-2013) NA PERSPECTIVA HISTÓRICO-EDUCATIVA	27
Celestina Silepo	
★ 4. O ENFRENTAMENTO À DISCRIMINAÇÃO RACIAL NA ESCOLA	35
Elisângela Oliveira Silva	
5. A ARTE E SUA IMPORTÂNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	45
Gabriela Amorim Guerra Bezerra	
6. A IMPORTÂNCIA DA CULTURA DIGITAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL	51
Geni Santana Cardoso	
7. A ARTE CONTEMPORÂNEA NA ESCOLA	55
Ilda Helena Domiciano Paukoski	
8. A AVALIAÇÃO ESCOLAR E O ALUNO NESSE PROCESSO FORMATIVO	61
Ismenia Maria Pires Vaz	
9. O LETRAMENTO E DESENVOLVIMENTO DOS ESTUDANTES NO ENSINO FUNDAMENTAL	67
Jonatas Hericos Isidro de Lima	
10. O LÚDICO COMO INSTRUMENTO NA FORMAÇÃO MORAL DA CRIANÇA	73
Josefa Bezerra de Meneses	
11. PLANO CURRICULAR NO ENSINO SECUNDÁRIO DO PRÉ-UNIVERSITÁRIO (PUNIV)-LUANDA-ANGOLA	79
Mateus Canivonga e Bela Cadete	
12. PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO AMBIENTE ESCOLAR	85
Neide Benedita de Moraes	
13. CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	91
Rosinalva de Souza Lemes	
14. A EVOLUÇÃO DO E-LEARNING E SUAS PRINCIPAIS FERRAMENTAS DIGITAIS	95
Rubia Mara Requena dos Santos	
15. A HORA DA HISTÓRIA E O PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM	101
Silvana Trindade de Azevedo	
16. A ALFABETIZAÇÃO DESDE A TENRA IDADE	107
Solange Alves Gomes Zaghi	
17. A IMPORTÂNCIA DA PSICOPEDAGOGIA NA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO	111
Tatiane Pavão Ongaro Borges	
18. O DESENHO COMO LINGUAGEM ARTÍSTICA	115
Vanessa Izidorio de Arruda Domingues	

**A**os fins de semana me deparo com o pé-de-caqui. Seco, estagnado, galhos sem nenhuma perspectiva, parecendo com aquelas árvores de filmes de terror. Olho e penso acho que realmente ele morreu dessa vez. Nenhum inseto, nenhum broto, nada, investigo e percebo algum pedaço sem vida, faço a poda e concluo que não tem mais jeito.

Eis que a chuva, o frio, o calor e a intensidade da primavera chegam. O caquizeiro parece viver uma nova paixão. Se abre ao novo, lança suas folhas, suas flores e em menos de duas semanas é uma nova árvore, daquelas que conseguimos nos proteger do sol. Frondosa, acolhedora, me engana de novo, mais um ano. Logo disputaremos com as aves seus frutos.

Nosso trabalho vislumbra alguns caquizeiros ao longo do ano, parecem não estarem aqui, mas quando se dão conta de seu processo, crescem, produzem e nos encantam.

Que nesta chegada da primavera a edição de setembro sirva para inspirar, acorde aqueles projetos que você tem vontade de realizar, dê frutos e compartilhe com os demais.

Boa leitura! Boa plantação! E claro, boas colheitas!



**Prof.ª. Dra. Andréia Fernandes de Souza**

Licenciada em Artes Visuais, Pedagogia e Matemática. Doutora pela (UNIFESP). Professora Nota Dez em 2015 (VICTOR CIVITA). Professora dos anos iniciais na rede pública estadual e municipal de São Paulo.



## O QUE VEM DEPOIS DA MORTE? O DESENHO ANIMADO NA CONSTRUÇÃO DE NOVOS OLHARES

ISAC DOS SANTOS PEREIRA

**O** que há do outro lado de lá? Por que pode doer tanto uma separação do corpo físico de uma pessoa que se ama?

A morte, esse mistério, assombro, alento, justificativa, fato que percorre a vida de todos, lá está, também na vida dos pequenos, das crianças, que sem saberem como lidar, passam, em algum momento por questões que se aproximam dela.

Não é factualmente, por vezes, que esse ser em formação vai compreender o que é a morte, no entanto é por intermédio das construções imaginárias do humano, materializadas em obras de Arte, por exemplo, que se entenderá parte dessa verdade que chega a todos.

O desenho abaixo, fruto da representação de um estudante do quinto ano do Fundamental I feito a partir da apreciação do filme “Viva- a vida é uma festa”, o convida para refletir sobre a vida após a morte; seria ela uma diversão que todos, querendo ou não esperamos ousadamente?

Através da animação e de sua extensão reflexiva para o desenho, percebemos, para além de seu virtuosismo técnico com o desenho, que por mais que haja o pesar dessa passagem, há uma compressão; não que a morte seja boa, feliz, em sua integralidade, no entanto, algo que, pode ser compreendida parcialmente naquele momento pela criança.



Acervo fotográfico pessoal. Desenho de criança de 10 anos da EMEF Paulo Setúbal.

### Isac dos Santos Pereira

Doutorando e Mestre em Comunicação audiovisual pela Universidade Anhembi Morumbi – UAM com pesquisa sobre Naruto na sala de aula. Especialista em Arte/Educação: teoria e prática, pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - ECA/USP. Especialista em Neurociências Aplicada à Educação pela Universidade Anhembi Morumbi -UAM. Licenciado em Artes visuais pela Faculdade Paulista de Arte -FPA. Professor atuante de Arte no Ensino Fundamental I da rede Municipal de São Paulo, na Emef Paulo Setúbal. E-mail : isacsantos02@hotmail.com.

# EDUCAÇÃO ESPECIAL sob a ótica de especialistas

UMA COLETÂNEA DE ARTIGOS ESPECIALMENTE PRODUZIDA PARA SER ESPECIAL

**QUANDO A EDUCAÇÃO ESPECIAL DE QUALIDADE ACONTECE**

Ana Paula de Lima (ORG)

Shirley Rodrigues Maia (prefácio)

ISBN 978-85-94380-28-9

224 páginas



ISBN: 978-85-94380-28-9

[www.primeiraevolucao.com.br](http://www.primeiraevolucao.com.br)



José Wilton dos Santos  
Cleia Teixeira da Silva

Nesta edição, motivada pelo momento histórico que nosso país está passando, que são as eleições para diversos cargos políticos, a coluna “**Semeando ideias**”, de forma muito pertinente e atual, convida a todos e todas para brindar a matéria com uma taça de democracia. Portanto, dando continuidade aos nossos temas sempre pedagógicos, trataremos sobre **Grêmios Estudantis**.

Apresentaremos, nas próximas páginas, as conquistas e os avanços do Grêmios Estudantis na Rede Municipal de Educação de São Paulo e esperamos oxigenar o sentido de democracia de todos os leitores e leitoras da Revista Primeira Evolução.

A nosso ver, esse colegiado é o sentido máximo da democracia, perpassando o sentido restrito de ideia e/ou programa educacional.

Desejamos uma ótima leitura!!

## GRÊMIO ESTUDANTIL: UM BRINDE À DEMOCRACIA

Dentre as diversas instâncias de participação, destacamos o colegiado grêmios estudantis que, a nosso ver, é a cereja do bolo no contexto da democracia.

Como conceber que simples adolescentes tornem-se voz ativa e decisiva dentro das unidades educacionais? A resposta é simples, direta e vem do grupo de estudantes gremistas da região de Guaianases, quando trazem em seu slogan os seguintes dizeres: “**Nada sobre nós sem nós!**”.

Quando vemos estudantes tendo espaço para se expressarem, nosso contentamento vai a nível altíssimo, pois ninguém melhor que eles para opinarem sobre o que é bom ou não para eles próprios.

Os grêmios estudantis são instituições que, no Brasil, ultrapassam os 30 anos de existência e a história nos mostra que os estudantes atuantes dessa frente têm um senso de cidadania mais apurado, são munidos de responsabilidade e criatividade ímpares. Por vezes, na vida adulta chegam a assumir cargos de relevância, sejam públicos ou privados.

Quando estamos diante de grupo de estudantes que se apoderam do direito de fala e expressam suas opiniões (inquietações e ideias) de forma clara e objetiva, ratificamos ainda mais a nossa crença na democracia. É inegável que o pensamento coletivo deve prevalecer, afinal vivemos em sociedade desde que nos estendemos por gente.

O Município de São Paulo, sempre pioneiro em diversas frentes no contexto educacional, mais uma vez avança com passos largos no sentido da democracia. Com intuito de garantir aos estudantes o direito de se organizarem e participarem das decisões em suas respectivas unidades, em 2019, sob a gestão do saudoso Prefeito Bruno Covas, foi criado o Decreto dos Grêmios Estudantis. Esse Decreto determinou que as unidades educacionais de Ensino Fundamental, Ensino Médio e EJA instituíssem seus colegiados estudantis e ainda garantiu uma verba no valor de R\$ 5.000,00 (cinco mil reais) anuais para que estes colegiados pudessem planejar suas atuações e colocar em prática seus planejamentos, visando sempre o bem da comunidade escolar. Atualmente, no município de São Paulo, são 511 Grêmios Estudantis constituídos de um total de 578, ou seja, quase 90 % das Unidades Educacionais tem seus Grêmios ativos.

A despeito dessa verba, faz-se necessário ressaltar a importância da estudante **Marianne Pessoa de Souza**, que esteve à frente do grupo de trabalho que criou o Decreto. A Mari (como é conhecida), à época, era vice-presidente do Grêmios Estudantis da EMEF João de Lima Paiva, localizada no bairro de Guaianases, pertencente à Diretoria Regional de Educação de Guaianases.

Marianne, que ficou dois anos à frente do grêmios estudantis da sua escola, tornou-se o símbolo desse colegiado. Ressaltamos ainda as diversas participações da estudante nos eventos do VEM (Vozes Estudantis em Movimento), que devido à sua qualidade, tem muita repercussão na Rede Municipal de Educação de São Paulo. A estudante, que atualmente está cursando o terceiro ano do ensino médio em uma escola estadual, foi uma das convidadas para o VEM deste ano, que ocorreu no dia 11 de agosto no CEU Barro Branco, Bairro Cidade Tiradentes.

Procuramos a estudante a fim de compreender um pouco mais das suas ideias acerca dos Grêmios Estudantis:



Figura : Marianne, ex-gremista.

**Primeira Evolução:** Marianne, como você classifica a importância de existir uma verba própria para os grêmios estudantis?

**Marianne:** Existir uma verba para os grêmios estudantis é de grande importância. É através disso que os estudantes se sentem mais livres para conduzir suas propostas e colocar em prática seus pensamentos. Acredito que a autonomia e o protagonismo dos alunos ainda é algo que deve ser trabalhado nas escolas, e isso piora quando o assunto é não ter verba para o grêmio atuar.

**Primeira Evolução:** Como foi participar do grupo de trabalho que criou a portaria sobre os grêmios em 2019?

**Marianne:** Foi uma experiência incrível para mim. Sempre gostei de ser uma aluna gremista, e poder representar os estudantes nesse processo foi muito bom!

Outro símbolo dessa geração gremista é o estudante **Leonardo da Silva Castro**, que esteve à frente do **Grêmio Estudantil Força Jovem**, na função de Presidente, da EMEF Vereadora Anna Lambergia Zéglío. Leonardo foi um dos estudantes que, em 2019, pôde discutir junto ao órgão Municipal competente a qualidade dos uniformes estudantis disponibilizados pela Secretaria Municipal de Educação. Atualmente, os familiares dos estudantes da Rede recebem um crédito em cadastro próprio para fazer a compra do uniforme e dos materiais escolares.

Ao conversarmos com o Leonardo, que atualmente é estudante de Ensino Médio na Escola Técnica Estadual Getúlio Vargas, perguntamos:

**Primeira Evolução:** Além do Grêmio Escolar, temos outros importantes colegiados nas escolas, como Conselho de Escola, Comissão de Mediação de Conflitos, Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA), dentre outros. Qual a importância da participação dos estudantes nestes colegiados?



Figura : Leonardo, ex-gremista.

**Leonardo:** Tive a oportunidade de participar da maior parte desses colegiados, até então eu não entendia muito bem a importância de tudo aquilo, mas agora observando de fora, percebo que a participação dos estudantes nesses tipos de reunião tornou-se uma questão de **EMPODERAMENTO E APROPRIAÇÃO DOS ESPAÇOS DE FALA**. Acho até irônico dizer isso, mas nossos adolescentes, seja lá qual for sua faixa de idade, têm muito mais a agregar em diferentes discussões do que muitos pensam. E, de forma mais direta, defendo e apoio firmemente a inclusão de todos nas discussões que interferem diretamente no seu cotidiano escolar, até porque, ninguém melhor do que os próprios alunos para apontar o que **TÁ BOM** e o que ainda tá longe de **SER ACEITÁVEL**.

Impossível falar de Grêmio Estudantil sem trazer citações de Selene Secci, que sempre teve uma atuação muito contundente à frente desse colegiado. Selene enfrentou batalhas na defesa do direito de ser livre, já que é uma adolescente Trans. Perguntamos para Selene:



Figura : Selene, ex-gremista.

**Primeira Evolução:** A escola tem como pressuposto formar cidadãos éticos e respeitosos perante a diversidade humana. Em relação a isso, de que maneira os estudantes gremistas podem auxiliar no combate à injúria racial, ao racismo, ao bullying e à homofobia?

**Selene:** Trabalhando esses assuntos com eventos dentro da escola, dando oportunidade aos estudantes para discutirem esses temas. É imprescindível também que os professores, em seus planos de aulas, abordem essas temáticas de forma individual ou interdisciplinar em parceria com outros professores, promovendo assim uma cultura de respeito entre todos os integrantes da comunidade escolar.

Todos os estudantes citados até o momento foram gremistas atuantes na região de Guaianases, Zona Leste da Capital Paulista. Foram alunos que marcaram história em suas escolas e nas diversas edições do VEM que participaram. Em 2022, no evento do “**Vozes Estudantis em Movimento**”, a estudante **Sisany dos Santos** teve a honra de ser a mediadora da mesa- redonda que ocorreu entre os diversos estudantes gremistas convidados para o evento. Não poderíamos deixar de falar com ela:



Figura : Sisany, estudante gremista e mediadora do VEM 2022.

**Primeira Evolução:** Como foi a experiência de conduzir um bate-papo de tamanha responsabilidade no VEM 2022? Houve algum fato ou fala no evento que você levará para a vida?

**Sisany:** Foi um grande prazer contribuir com esta 6ª Edição do VEM, e ainda mais por conduzir aquele bate-papo que por sinal foi totalmente improvisado, pois eu estava muito nervosa e por conta do nervosismo não me lembrava de nada do que tinha acontecido no ensaio (risos). O fato é que vou levar para a vida as amizades que criei, os ensinamentos dos professores orientadores, as ideias e projetos que os estudantes aplicaram em suas respectivas unidades educacionais. Será uma honra enorme poder participar novamente desse evento maravilhoso, seja como mediadora, entrevistada ou acompanhando na plateia. Quem sabe Mestre de Cerimônia, que é um desejo de todos os estudantes.

Figura : Roda de conversa no VEM 2022.

Quando o assunto é o VEM, precisamos citar aqueles que são referências nesse campo: **Professora Ana Lúcia e Professor Onézio Cruz**, que representam a Diretoria Regional de Educação de Guaianases à frente dos colegiados de Gestão Democrática. Estes dois professores são mestres em garimpar talentos e proporcionar espaço de fala e protagonismo. É inacreditável como VEM a cada novo ano torna-se mais grandioso e atrativo.



Dada a importância do evento para a rede Municipal de Educação, não poderíamos deixar de conversar um pouco com uma das organizadoras. Neste ano, ocorreu a 6ª edição do VEM, evento que já se tornou uma tradição entre os estudantes gremistas da região de Guaianases.

A Ana Lúcia nos informa que o VEM nasce em 2017, através de uma proposta arrojada acerca de possibilitar que os estudantes sejam ouvidos de forma qualificada. “Nada sobre nós sem nós” é o slogan do VEM que se tornou um mantra entre os estudantes da região de Guaianases.

Perguntamos a Ana Lúcia:

Figura : Estudantes gremistas fazendo o credenciamento no VEM 2022.

**Primeira Evolução:** Sabemos da importância do apoio e da articulação entre equipe gestora, orientador (a) e estudantes gremistas para que este importante colegiado se constitua e seja ativo na unidade. Qual orientação podemos oferecer aos envolvidos para que essa parceria seja realmente efetiva?

**Ana Lúcia:** Defendo que o diálogo seja permanente. É necessário ter disposição para a abertura desse canal de comunicação e que nada seja discutido dentro da escola sem os estudantes, porque na verdade a gente está lá em função da existência deles. Que a frase: “**Nada sobre nós sem nós**” seja um molde para que possamos democratizar as instâncias de participação das escolas. A democratização das instâncias da escola tem o poder de reverberar na sociedade. A democracia não pode ser uma ideia, ela tem que ser uma ação; não pode ficar só no discurso, ela tem que internalizar em cada um de nós.



Que passemos a exercer democraticamente a participação de todos e que isso saia do papel e vire uma ação de todos os segmentos da escola. O nosso conselho para as equipes gestoras das escolas é dialogar, democratizar todos os espaços, e democratizar significa participação de todos levando em consideração que a escola é um espaço para os nossos jovens, nossas crianças e nosso bebês. A escola é o espaço de aprender a todo o momento, inclusive para professores, gestores e todos os demais atores da escola.

Ana Lúcia nos lembra ainda que todas as ações são coletivas da DICEU de Guaianases, com apoio da Dirigente Regional de Educação, Lucimeire Cabral de Santana, e compartilha com todos da equipe os resultados alcançados.



Direto do Itaim Paulista, a **EMEF Armando Cridey Righetti** conta com um Grêmio Estudantil muito ativo e participativo. Este grêmio, em abril de 2022, realizou a eleição para a nova gestão com a utilização de urnas eletrônicas. Várias parcerias foram costuradas, dentre estas: com Tribunal Regional Eleitoral e com Cartório Eleitoral do Itaim Paulista.

Figura 7: Estudante votando e outros dois estudantes na função de mesários.

Para a eleição, o envolvimento foi completo, já que contou com a participação dos professores, da equipe gestora, de todo o quadro de apoio e dos estudantes mesários, estudantes gremistas e pais que acompanharam a eleição. Alguns responsáveis, respeitando o direito dos seus filhos/as, os levaram à escola, fora do horário de aula, para que eles pudessem exercer seus direitos de voto e escolha. Este fato encheu os olhos de todos!

Figura 8: Estudantes chagando no Cartório eleitoral, onde fizeram o curso de mesário.



A eleição para a direção do **Grêmio Aliança pela Liberdade Estudantil** (Grêmio ALE) foi um sucesso de participação e envolvimento dos estudantes. Foram sete chapas concorrendo, onde cada chapa pôde expor suas ideias e fazer suas campanhas junto à comunidade escolar. Dos 766 estudantes matriculados na unidade educacional, mais de 500 efetivamente votaram, sendo eleita a chapa **Good Vibes**. Atualmente, o Grêmio ALE conta com 14 estudantes que estão em pleno exercício de gestão.

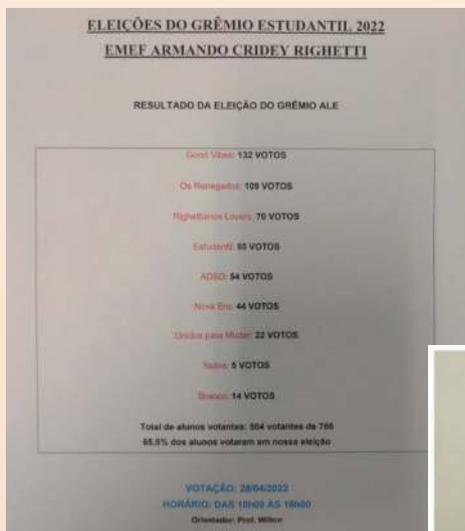


Figura 9: Dados tabulados da Eleição do Grêmio ALE.

Conversamos com a ex-presidente **Isabella Silva Pedroso** e com a atual presidente do Grêmio ALE **Emily Reis**:

**Primeira Evolução:** Emily Reis, quais dificuldades você tem enfrentado atualmente à frente do Grêmio Aliança pela Liberdade Estudantil?

Figura 10: Chapa vencedora - Pedro (Vice-presidente), Natalia, Julio Cesar e Emily Reis (Presidente).



**Emily Reis:** Cobranças de todos os lados (risos). Não bastassem os estudantes cobrarem mais ações e cumprimento das propostas de campanha, também há as cobranças dos professores, que pedem melhores posturas por parte dos integrantes do grêmio estudantil, já que estamos em uma posição de exemplos para os demais alunos da Unidade Educacional. Contudo, estou adorando toda essa responsabilidade de ser presidente do Grêmio.

**Primeira Evolução:** Isabella, como foi conduzir o Grêmio Estudantil durante o processo eleitoral com urnas eletrônicas? Qual foi a importância dessa ação?



Figura 11: Isabella Silva Pedroso, Presidente do Grêmio ALE que conduziu a eleição do gremista.

**Isabella Silva Pedroso:** Foi uma responsabilidade e tanto. Precisamos fazer curso de mesários no cartório do Itaim Paulista e, no dia da votação, ficamos responsáveis pelas seções de votação, que incluiu: organizar as turmas que iriam votar em cada seção e acompanhá-las até que todos tivessem votado. Foi extremamente positivo passar por uma experiência como esta, pois foi uma votação real, tal qual as que acontecem com nas eleições para os diversos cargos políticos. Os estudantes da

Unidade educacional puderam escolher, de forma democrática, quem eles gostariam que os representassem.

É importante citar que atualmente o Grêmio Estudantil da EMEF Armando Cridey Righetti está sendo orientado pela **Professora Cleide Feitosa de Carvalho Correia**, que vem dando continuidade, junto aos estudantes gremistas, às ações que estavam sendo desenvolvidas. Além disso, acompanha a implementação de novas atividades a partir das demandas que estão surgindo na unidade escolar.

Ao falar sobre o Grêmio ALE, vale ressaltar que o primeiro presidente desse colegiado, atualmente cursando Ensino Médio, foi **Samuel dos Santos Araújo**, que continua se destacando à frente do colegiado Grêmio Estudantil, em sua nova escola. Atualmente, o grupo gremista que ele lidera desenvolve diversas ações na E.E. Eunice Marques de Moura Bastos. Dentre estas ações, destacamos a administração da Sala de Leitura da escola, bem como realização de documentários sobre temáticas diversas (disponíveis no Instagram: @powlinefilmes). Isso demonstra que as aprendizagens adquiridas enquanto gremistas são incorporadas e acabam repercutindo em outros ambientes e em outros momentos da vida.

Para consolidar a gestão de um grêmio estudantil, é importante que este tenha ações coerentes com a realidade local. Nesse ínterim, o grêmio estudantil do CEU EMEF Professor Antonio Carlos Rocha tem muito a nos ensinar. A **Professora Laís Pimentel** e o **Professor Edimar Francisco Falda** nos falaram sobre as inúmeras ações que têm sido realizadas por seus estudantes gremistas:

O **Grêmio Estudantil AC Rocha**, do CEU Tiquatira, iniciou suas atividades em 2016 e teve como inspiração os movimentos estudantis das escolas estaduais, onde os alunos ocuparam as escolas. Primeiramente, o Grêmio se organizou com dois representantes por turma em forma de colegiado, ou seja, sem eleições de chapas. Em 2022, os professores orientadores do Grêmio organizaram chapas, debates e eleições, alterando o Estatuto e a forma de organização do Grêmio.

A chapa vencedora foi a **Moxie**, que possui 12 alunos que ocupam cargos na chapa como: presidente, vice-presidente, primeiro secretário, segundo secretário, primeiro tesoureiro, segundo tesoureiro, diretor (a) cultural, diretor (a) de imprensa, diretor (a) de esportes, diretor (a) social, primeiro suplente, segundo suplente e alguns colaboradores.

Entre as ações do Grêmio, buscamos analisar e discutir com os alunos filmes, imagens e textos sobre temas por eles escolhidos, buscando sempre que os estudantes proponham e executem uma ação para que a discussão possa ser socializada com toda a comunidade escolar.

Através de uma escuta ativa dos estudantes conseguimos executar algumas ações, como:

- Elaboração do Estatuto do Grêmio;

Confecção de porta papel higiênico com garrafas pet para garantir papel limpo e sem desperdício no banheiro;

- Solicitação para que a carne fosse servida em pedaços menores;

- Organização de algumas festividades como: festa junina, Halloween, Dia das crianças;
- Participação no Educaverde;
- Reportagens sobre os ODS's;
- Fotos dos alunos para recordação (Fotos individuais e da turma);
- Projeto Poder Negro - Fotos dos alunos negros para incentivar o empoderamento e a identidade;
- Palestras nos quintos e sextos anos de combate ao racismo, depois de alguns professores e alunos relatarem casos de racismo entre os alunos dos sextos anos;
- Criação do Instagram e manutenção das redes sociais;
- Mural;
- Podcasts;
- Cineclub;
- Participação no Conselho de Escola.

Laís e Edimar ressaltaram ainda que, para os professores orientadores dos Grêmios estudantis, há diversas formações na Diretoria Regional de Educação da Penha e, além disso, há propostas para encontro de todos os alunos dos Grêmios das escolas municipais da região.

Os orientadores nos relataram ainda que os demais alunos da escola passaram a cobrar mais ações da gestão do Grêmio Estudantil depois que a escolha dos representantes passou a ser organizada por meio de chapas e eleições.

A aceitação do Grêmio Estudantil é muito boa e percebemos que os demais alunos recorrem e contam para os gremistas quando têm alguma necessidade, acrescentaram os orientadores.



Figura 12: Integrantes do Grêmio Estudantil AC Rocha: Helena, Caio, Daniella, Wabson, Jeová, Maria Eduarda, Emily, Fernanda (em pé), Júlia, Vitória, João Victor, Sophia e Brenda (sentados).

A Primeira Evolução conversou com dois representantes do Grêmio Estudantil AC Rocha:

**Primeira Evolução:** Sabemos que este importante colegiado promove integração e empoderamento no ambiente escolar. De que maneira o Grêmio amplia possibilidades em outras importantes instituições, como família, por exemplo?

**Vitor Campos Silva:** Conscientizando os alunos nas relações com seus pares, seus professores e essa conscientização estendem-se aos pais e familiares. Focamos no diálogo, pois acreditamos que ele é resolutivo.

**Primeira Evolução:** O Grêmio Escolar tem um importante papel de levar à equipe gestora a demanda dos estudantes. Como tem sido essa comunicação entre Grêmio e Gestão Escolar?

**Raissa Santos Viana:** Estamos indo bem, temos a reunião com a diretora pelo menos uma vez por mês, no mínimo, para realmente apresentar os projetos.

É inevitável ver o quanto o Programa Grêmio Estudantil promove um maior envolvimento e participação dos estudantes no ambiente escolar e na comunidade. Os exemplos citados nos mostram isso claramente. Somos defensores da participação dos estudantes em todas as decisões das unidades educacionais.

À frente das instâncias de participação na Rede Municipal de Educação desde 2019, o Professor Rômulo Araújo Fernandes nos falou um pouco sobre um movimento importantíssimo, que vem ocorrendo

entre os meses de agosto e setembro de 2022, que são os encontros Regionais dos Grêmios Estudantis. Nesses encontros, os grêmios estudantis de cada região do Município de São Paulo têm se encontrado para compartilhar suas práticas e os resultados estão sendo permeados de muitas aprendizagens.

Figura 13: Encontros regionais dos grêmios estudantis.

**Primeira evolução:** Que avaliação você faz dos encontros regionais, movimentos que estão ocorrendo com os estudantes Gremistas da Rede Municipal de São Paulo?

**Rômulo Araújo:** Podemos considerar uma vitória, pelo simples fato de estarmos juntos nesse grande grupo, após atravessar o longo período de afastamento físico. Os Encontros Regionais dos Grêmios Estudantis representa a oportunidade de ampliação do espaço seguro de aprendizagem, estreitamento de laços, assim como a oportunidade de compartilhar os projetos e as experiências vividas com seu grupo em suas Unidades Educacionais. O Encontro possibilita que os adolescentes entrem em contato com os diferentes temas discutidos e tensões enfrentadas pelas escolas do seu território.

Vale lembrar que está sendo organizado pelos professores Rômulo e José Wilton dos Santos um grande evento de confraternização de grêmios estudantis a nível municipal denominado “3º Encontro Municipal dos Grêmios Estudantis”. Esse evento contará com a participação de quase dois mil estudantes e está previsto para ocorrer em 17 de novembro, no Clube Juventus, localizado no Bairro da Mooca em São Paulo. Nesse evento, haverá a homenagem do “Grêmios Estudantis em Destaque de 2022”, destinados aos grupos gremistas que se destacaram em seus territórios. Também fará parte desse grande encontro um momento formativo, que abordará as temáticas mais pautadas pelos estudantes



Figura 14: Secretário de Educação do Município de São Paulo recebe para conversa 40 estudantes gremistas da Rede Municipal de Educação.

durante os encontros regionais. O evento contará ainda com muitas apresentações artísticas de grupos de estudantes.

Outra ação de altíssima relevância para o colegiado Grêmio Estudantil ocorreu no último dia 21. O Secretário Municipal de Educação, **Fernando Padula Novaes**, recebeu 40 estudantes gremistas para um bate-papo. Participaram desse encontro três estudantes gremistas de cada Diretoria Regional de Educação. Nesta mesma data, o Secretário também teve uma conversa com os orientadores, onde ouviu as necessidades destes e se comprometeu a avaliar as possibilidades de atender as demandas levantadas (disponível no Instagram: @educaprefsp).

Assim como a Ana Lúcia, defendemos que o diálogo seja uma constante nas unidades educacionais e que seja respeitado o direito de manifestação e participação dos estudantes de qualquer nível educacional.

Nosso desejo é para uma sociedade verdadeiramente mais justa, onde todos saibam respeitar o espaço de fala e de direito do outro. E que a democracia seja uma vivência e não apenas um ensinamento.

Somos Democracia!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SÃO PAULO, Decreto 58.840, de 03 de julho de 2019. Dispõe sobre a Instituição do Programa Grêmios Estudantil na Rede Municipal de Ensino de São Paulo. Diário Oficial do Município, São Paulo, 03 de jul. 2019.

BRASIL, Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 16 de jul. 1990.



## AUTORES:



**Cleia Teixeira da Silva** é Mestranda do programa de Pós-graduação PROFLETRAS, da Universidade de São Paulo, e Coordenadora Pedagógica no CEU EMEF Professora Nazaré Neri Lima (DRE Guaianases).  
E-mail: cleia.oliveira@sme.prefeitura.sp.gov.br



**José Wilton dos Santos** é Mestrando do programa de Pós-graduação PROFMAT, da Universidade Federal do ABC, e Técnico Educacional na Secretaria Municipal de Educação.  
E-mail: josew@sme.prefeitura.sp.gov.br

# DESTAQUE

PROF. RAIMUNDO ALCEU DOS SANTOS FILHO

## EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA

PROFESSOR  
**RAIMUNDO ALCEU DOS SANTOS FILHO**

*Eu faço parte* de uma geração de professores de HISTÓRIA formados no contexto histórico da promulgação da Constituição Brasileira de 1988, considerada a Democrática e Cidadã que rompeu com o passado autoritário imposto e disseminado na sociedade e no Estado Brasileiro pela ditadura militar. Por isso, sendo a Escola Pública uma instituição que faz parte deste Estado, era necessário também romper com as práticas autoritárias nas relações

# DESTAQUE

## PROF. RAIMUNDO ALCEU DOS SANTOS FILHO

pedagógicas e administrativas no seu interior, na busca da construção de novas relações (democráticas) baseadas no espírito da nova Constituição. Em janeiro de 1992, chego à escola municipal EMEF "Armando Cridey Righetti" da D.R.E. – São Miguel ao lado da estação de trem do Itaim Paulista, cheio de sonhos e ideais de TRANSFORMAÇÃO SOCIAL dos estudantes e de sua comunidade pela EDUCAÇÃO PÚBLICA para a CIDADANIA ATIVA E PARTICIPATIVA, a partir de novas ações educacionais e profissionais que procurei por em prática no cotidiano escolar.



A minha prática começou após o contato direto com a realidade social local. A partir daí, comecei a articular parcerias com outros Professores de todas as ÁREAS Curriculares no desenvolvimento de PROJETOS PEDAGÓGICOS interdisciplinares.

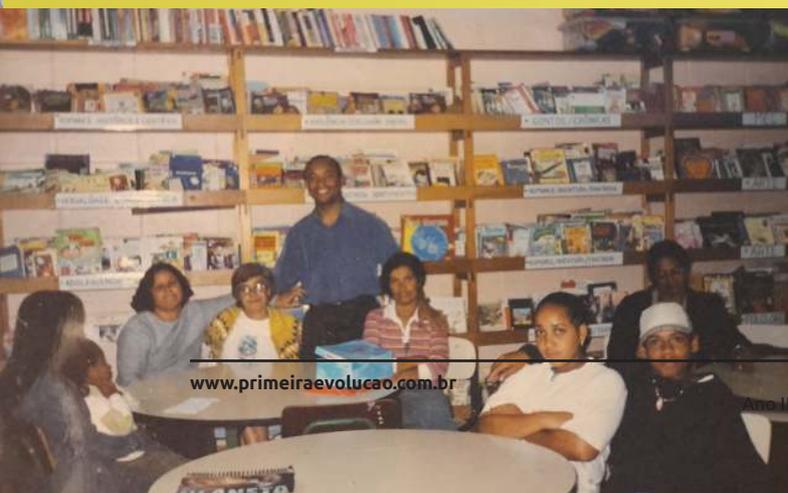
Educação para CIDADANIA foi também fora da escola com visitas externas através de excursões culturais e de lazer pelo Bairro e pela cidade de SP para conhecê-la, valorizá-la e se sentir pertencente à CIDADE como CIDADÃO.

Outra frente importante foi à luta pela DEMOCRATIZAÇÃO E FORTALECIMENTO do Conselho de Escola com campanhas para aumentar a participação dos pais e dos estudantes a partir de 1994.

Minhas práticas foram pautadas por ENCONTROS e TROCAS CULTURAIS com outras Pessoas Humanas DIFERENTES de NÓS como foi o caso dos Indígenas Tenondé Porã de língua TUPI em Parelheiros – SP/SP.



Em minhas práticas, nunca faltou o incentivo às ações individuais e coletivas dos estudantes para gerar movimentos culturais e participativos com autonomia e responsabilidade no interior da escola por meio da organização de campeonatos esportivos, na construção



# DESTAQUE

## PROF. RAIMUNDO ALCEU DOS SANTOS FILHO

do GRÊMIO ESTUDANTIL, na criação de PEÇAS TEATRAIS e de DANÇAS DE RUA.

Educar para CIDADANIA foi também com o INTERCÂMBIO com PARCEIROS EXTERNOS à escola, dentro e fora da comunidade local, para trazer PROJETOS CULTURAIS inovadores e motivadores para os estudantes como foi o caso do TEATRO e da CAPOEIRA.

Nunca faltaram diálogos com os estudantes, sempre debatendo temas importantes e pertinentes em seus momentos históricos. As assembleias foram constantes tendo como pano de fundo as votações em eleições escolares e protestos com reivindicações de direitos.



Minhas lutas também foram pautadas na busca de ampliar o acesso e permanência dos jovens e adultos da EJA na nossa escola pública, com campanhas nas ruas, praças, igrejas, comércios, estações de trem e até com carro de som divulgando vagas.

A Educação para CIDADANIA deu-se também na organização classista dos Profissionais da Educação Pública, articulada e com APOIO dos estudantes, pais e comunidade na LUTA pelos seus DIREITOS fundamentais para melhorar as condições de trabalho e ensino, na busca constante da qualidade social da aprendizagem dos ESTUDANTES.

Aposento-me em 2022 com o sentimento e a consciência do DESAFIO

cumprido em que pude dar e me doar com tudo o que tem de melhor em MIM até onde eu pude para a Comunidade Escolar do RIGHETTI. Como diz o Mestre Paulo Freire: "QUEM ENSINA APRENDE AO ENSINAR. E QUEM APRENDE ENSINA AO APRENDER".

BORDÃO de entrada na sala de aula com a seguinte FRASE para os estudantes: "O PROFESSOR chegou hein!".



## A PSICOMOTRICIDADE E O DESENVOLVIMENTO CORPORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ALINE LIMA CARVALHO

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir o desenvolvimento da expressão corporal durante a educação infantil. O conceito de movimento corporal surgiu para salvar a dimensão do sensível e ter um olhar diferente sobre as pessoas e o mundo. Criatividade, sensibilidade, ludicidade, arte, tecnologia representam as relações presentes no cotidiano das pessoas que contêm esse conceito em sua totalidade e complexidade. Portanto, este artigo pretende discutir o movimento físico associado às práticas pedagógicas da educação infantil como manifestação da fisicalidade por meio de uma revisão da literatura pertinente ao tema.

**Palavras-chave:** Aprendizagens. Desenvolvimento. Infância. Movimentos Corporais.

### INTRODUÇÃO

O corpo humano é reconhecido como parte integrante que desempenha diversas funções. O contato com o ambiente, ou seja, a materialização da realidade ocorre por meio da dimensão física. Em outras palavras, é através do corpo que o mundo exterior é concebido e através deste respondemos às interações e produzimos respostas. O corpo é uma das formas de linguagem e por isso corpo significa: "poder assumir a natureza carnal de um organismo cujas estruturas, funções e poderes nos dão acesso ao mundo, abrindo-nos à presença corpórea do outro" (VILLAÇA e GÓES, 1998, p. 23). Movimentos, gestos e expressões corporais são linguagens que se executam com facilidade e rapidez, comunicam algo a alguém ou se expressam:

A expressão corporal, como linguagem imediata, afirma o conceito do ser humano expressando a si mesmo, consigo mesmo, sem uma necessidade peremptória de recorrer a elementos ou instrumentos alheios a ele, o que não significa que em alguns momentos desse processo não possa se servir desses instrumentos (STOKOE e HARF, 1987, p.15).

Se pensarmos nas crianças:

Manifestar-se através de diferentes linguagens, o que significa permitir e reconhecer que a oralidade, a escrita, o desenho, a dramatização, a música, o toque, a dança, a brincadeira, o jogo, os ritmos, as inúmeras formas de movimentos corporais, são todos eles expressões das crianças, que não podem ficar limitadas a um segundo plano (SAYÃO, 2002, p. 61).

A educação infantil, incluindo em especial a faixa etária entre três e seis anos, deve levar em conta os aportes teóricos que norteiam a prática pedagógica dos professores sobre o papel da motricidade infantil no processo de ensino e aprendizagem. A educação é um processo contínuo e evolutivo e deve ser direcionado principalmente na criança, o que torna necessário enfatizar esse processo já na educação infantil, já que é caracterizada por ser uma fase relevante no desenvolvimento humano. Devemos ver a criança como um ser histórico e social em que a aprendizagem ocorre por meio de interações entre a criança e o mundo ao seu redor. Por isso, diferentes orientações didáticas, que priorizam o uso de jogos e brincadeiras, além de atividades que envolvem o reconhecimento do próprio corpo, o corpo dos outros e a imitação gestual.

---

## DISCUTINDO SOBRE AS ATIVIDADES MOTORAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS

Mattos e Neira (2003), defendem que as atividades motoras deveriam ser introduzidas no dia a dia das crianças, independentemente de onde estejam, o que é observado principalmente na educação infantil, ressaltando que:

O movimento, o brinquedo, os jogos tradicionais da cultura popular preenchem de alguma forma determinadas lacunas na rotina das salas de aula. Em algumas escolas podemos encontrar as músicas coreografadas no início dos trabalhos, o momento do parque livre ou dirigido, os caminhos com jogos ou materiais lúdicos (MATTOS E NEIRA, 2003, p.176).

A cultura tem uma enorme influência no desenvolvimento das habilidades motoras das crianças, seja através dos diferentes significados dos gestos e expressões faciais, bem como dos movimentos aprendidos ao manusear determinados objetos como lápis, cordas, estilingues, etc. Brincadeira, dança e esporte na educação infantil revelam a cultura física de cada criança ou grupo social em que o movimento é aprendido e dado significado.

**Portanto**, as escolas devem valorizar o tempo em que os estudantes se encontram utilizando jogos motores, por exemplo. Os jogos que envolvem a coordenação dos movimentos e o equilíbrio das crianças são exemplos interessantes a serem utilizados. Os jogos motores que contêm regras também proporcionam uma oportunidade de aprender as relações sociais, pois quando as crianças brincam, aprendem a competir, cooperar entre si, e respeitar novas regras.

**Portanto**: “As atividades de lazer são essenciais para a aquisição de cognições artísticas e estéticas, pois permitem o desenvolvimento da percepção, imaginação, fantasia e sentimentos” (ALMADA, 1999, p.10).

Assim, Oliveira (1996), discute adequadamente as brincadeiras infantis e suas contribuições:

A brincadeira constitui o recurso privilegiado de desenvolvimento da criança em idade pré-escolar. Nela, afeto, motricidade, linguagem e percepção, representação, memória e outras funções cognitivas são aspectos profundamente interligados. A brincadeira favorece o equilíbrio afetivo da criança e contribui para o processo de apropriação de signos sociais. Ela cria condições para uma transformação significativa da consciência infantil, por exigir das crianças formas mais complexas de relacionamento com o mundo. Através do brincar, a criança passa a compreender as características dos objetos, seu funcionamento, os elementos da natureza e os acontecimentos sociais. Ao mesmo tempo, ao tomar o papel do outro na brincadeira, ela começa a perceber as diferentes perspectivas de uma situação, o que lhe facilita a elaboração do diálogo interior característico de seu pensamento verbal (OLIVEIRA, 1996, p.144).

Em outras palavras, as atividades motoras englobam uma gama de habilidades que facilitam o aprendizado das crianças em diversos níveis, cabendo ao professor utilizá-las de diversas formas.

## SOBRE O CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ayoub (2001), relata que é fundamental que o professor pense no currículo infantil, tendo como ponto de partida a criança, suas características e necessidades. Isso mostra que é preciso pensar em um currículo que inclua diferentes formas de expressão e linguagem. Segundo o autor, também, os depoimentos feitos enquanto brincavam encontradas em suas pesquisas, representam uma infância real que deve ser resguardada na forma de lei. Um exemplo que podemos citar é a disciplina de educação física, que, entre outras situações, funciona considerando a cultura física como uma produção histórica e social do homem. Ao brincar, dançar, brincar, correr, lutar, as crianças também se expressam por meio do corpo, dando sentido e sentido ao que vivem.

Barreto (2005), explica que trabalhar com as crianças por meio da música permite que elas transmitam noções de esquematização corporal adquiridas:

Atividades como cantar fazendo gestos, dançar, bater palmas, pés, são experiências importantes para a criança, pois elas permitem que se desenvolva o senso rítmico, a coordenação motora, sendo fatores

---

importantes também para o processo de aquisição da leitura e da escrita (BARRETO, 2005, p. 27).

Dito isso, a música faz parte de todas as culturas e pode ser utilizada como determinante do desenvolvimento psicomotor, linguístico e afetivo das crianças. A linguagem corporal infantil é vista como uma forte aliada no desenvolvimento das habilidades das crianças, portanto, o professor não pode e deve explorar esse eixo temático apenas para desenvolver a expressão corporal, entre outras coisas.

Garanhani (2010) afirma que a autonomia do movimento corporal constrói a identidade corporal da criança. Esse processo ocorre nas relações com os outros, ou seja, na socialização. É assim que as crianças abordam e se apropriam de elementos culturais que traduzem conhecimentos, atitudes, práticas, valores e regras. Na escola, a criança tem a oportunidade de se expressar e movimentar seu corpo.

Assim, trabalho que é desenvolvido nesse ambiente deve sistematizar e ampliar esse conhecimento, levando em consideração as características e necessidades que a educação física representa para eles. No entanto, a integração desses eixos ocorre por meio do brincar, pois por meio do brincar a criança vivencia, explora e compreende os significados culturais presentes em seu ambiente, o que significa aprendizagem.

Garanhani (2000) relata que a prática pedagógica deve ser orientada por três eixos distintos: os que envolvem os movimentos corporais para o desenvolvimento físico e motor; as que levam à compreensão dos movimentos corporais como linguagem utilizada na interação com o ambiente por meio da socialização; e aqueles que ampliam o conhecimento das práticas corporais produzidas historicamente pela cultura.

Portanto, na educação infantil há a necessidade de desenvolver uma pedagogia que seja uma prática pedagógica em torno de diferentes linguagens que a criança utiliza para se expressar e se comunicar com o mundo ao seu redor.

Desde cedo, a criança se expressa principalmente por meio de movimentos corporais. Então:

É com o corpo que a criança elabora todas as suas experiências vitais, e organiza toda a sua personalidade. Através dele ela percebe o mundo, e perceber o mundo é aprender (e reaprender) com seu próprio corpo; perceber o mundo, portanto, é perceber o corpo; o corpo é assim, sensação, percepção e ação (STEUCK, 2008, p. 13-14).

Bergè (1988), discute a pedagogia do movimento e entende que o desenvolvimento insuficiente da expressão corporal na infância causa vários problemas na vida adulta, incluindo uma má relação com o próprio corpo. O movimento e a expressão corporal é uma das formas mais importantes para a criança se relacionar com o mundo ao seu redor, captar significados em seu ambiente sociocultural, descobrir-se como sujeito e construir sua identidade de acordo.

Então, a linguagem é o eixo articulador mais importante do trabalho pedagógico na educação infantil. Por meio da linguagem, a criança constrói seu próprio conhecimento e assim interage com o mundo. As diferentes linguagens socializadas e as diferentes formas de expressão são estruturadas a partir da linguagem corporal.

Garanhani (2000) também argumenta que o corpo em movimento da criança representa uma matriz fundamental na qual ocorre a aprendizagem. Porque a criança transforma tudo o que pode experimentar fisicamente em símbolo e assim constrói seu pensamento. Dessa forma, a linguagem corporal como prática pedagógica na educação infantil implica na importância do movimento corporal na descoberta e na construção do conhecimento.

O documento Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) (BRASIL, 1998), traz a expressão corporal como uma das linguagens a serem trabalhadas nesse período, permitindo que a criança tome consciência de si mesma, expresse-se e relaciona-se com o mundo a conhecer. Lidar com diferentes possibilidades de sensações corporais também transmite às crianças o conhecimento de suas peculiaridades, limites e formas de expressão. Em outras palavras: "a abundância de possibilidades da linguagem corporal revela um universo para experimentar, conhecer, desfrutar" (AYOUB, 2001, p. 57), pois, segundo o autor, o movimento corporal é a essência da criança. Por fim, como educadores, precisamos pensar na cultura infantil, pois a criança é protagonista na maioria de suas ações.

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da discussão iniciada neste artigo, fica claro que a pedagogia da expressão corporal e do movimento abraçam novas perspectivas sobre a parentalidade, observando que um dos desafios da educação infantil é estruturar uma pedagogia que leve em conta o necessário desenvolvimento e conhecimento do cuidador ao mesmo tempo.

O tempo que compreende a educação infantil é um momento em que a criança deve experimentar, adquirir e desenvolver movimentos corporais a partir da interação com outros pares, portanto, entre outras questões, a educação infantil deve desenvolver a autonomia da criança e dar oportunidade de vivenciar os movimentos corporais a partir dos seus própria cultura e também de outras.

Assim, ela poderá se desenvolver de forma plena e autônoma fazendo com que respeite o seu corpo e o corpo do outro, trazendo relações mais saudáveis para o futuro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMADA, D. Arte: esta brincadeira é coisa séria. **Revista Criança do Professor de Educação Infantil**. Brasília: Ministério da Educação, n.32, 1999.
- AYUOB, E. Reflexões sobre a Educação Física na Educação Infantil. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, vol. 4, n. 4, p. 53-60, 2001.
- BARRETO, Débora. **Dança: ensino, sentidos e possibilidades na escola**. 2ªed. Campinas – SP: Autores Associados, 2005.
- BERGE, Y. **Por uma pedagogia do movimento**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- GARANHANI, M.C.; MORO, V.L. A escolarização do corpo infantil: uma compreensão do discurso pedagógico a partir do século XVIII. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 16, p.109-119, 2000.
- GARANHANI, M.C.; NADOLNY, L.F. **O Movimento do corpo Infantil: uma linguagem da criança**. Universidade Federal do Paraná – Curitiba. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/447/1/01d14t04.pdf>. Acesso em: 16 set. 2022.
- MATTOS, M.G.; NEIRA, M.G. O papel do movimento na Educação Infantil. IN NICOLAU, Marieta Lúcia Machado e DIAS, Marina Célia Moraes (org.) **Oficinas de Sonho e Realidade na Formação do Educador da Infância**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.
- OLIVEIRA, Z.R. A Brincadeira e o desenvolvimento infantil: implicações para a educação em creches e pré-escolas. **Motrivivência**. Florianópolis, Ano VIII, n. 9, p. 136-145, dez. 1996.
- SAYÃO, D.T. A construção de identidades e papéis de gênero na infância: articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da Educação Física na Educação Infantil. **Revista Pensar a Prática: Educação Física e infância**, Goiânia, v. 5, p. 1-14, jul./jun. 2001/2002.
- STEUCK, C.D. **Corporeidade e educação: um olhar a partir da epistemologia social**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação). Blumenau: Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Regional de Blumenau – FURB, 2008.
- STOKOE, P.; HARF, R. **Expressão corporal na pré-escola** (tradução de Beatriz A. Cannabrava). São Paulo: Summus, 1987.
- VILLAÇA, N.; GÓES, F. **Em Nome do Corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

---

### Aline Lima Carvalho



Mestre em Psicologia, pela Universidade Metodista de São Paulo, Pós-graduada em Psicanálise e Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica, PUC São Paulo, graduada em Psicologia pela Universidade Católica de Santos, também graduada em Pedagogia e em Artes Visuais. Experiência em Psicologia clínica e ampla atuação no ensino superior, atua também como Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP.

---

## A PEDAGOGIA DE PROJETOS E O DESENVOLVIMENTO DOS ESTUDANTES

ALINE PEREIRA MATIAS

### RESUMO

Este artigo teve por objetivo realizar revisão bibliográfica a respeito das contribuições da Pedagogia de Projetos dentro do contexto escolar. Para isso, foram realizadas pesquisas a fim de aprofundar conhecimentos e conhecer a visão de diferentes autores, bem como entender a influência e as contribuições que a Pedagogia de Projetos traz para o estudante e para seu aprendizado, seu desenvolvimento social e cognitivo.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento. Escola Nova. Práticas Pedagógicas.

### INTRODUÇÃO

Atualmente, a prática de ensinar não está mais limitada a transmissão de conhecimentos, uma vez que:

Ensinar não pode ser [essencialmente] transmitir conhecimentos, mas, antes de tudo, provocar interesses e dúvidas, fazer com que brotem questões e desenvolver métodos de pesquisa, de filtragem e seleção de dados, de ordenação de conteúdos, de construção da argumentação. Só há conhecimento quando há interpretação. O contrário não é aprendido (ANTUNES, 2013, p. 13).

A educação começou a mudar a partir do momento que o professor deixou de ser o detentor do conhecimento e os estudantes receptores passivos, para uma forma de educação mais ativa para ambas as partes. Kinney e Wharton (2009), discutem que os estudantes devem ser participantes ativos durante todo o processo, a fim de produzirem seu próprio conhecimento. Portanto, existe a necessidade de desenvolver atividades voltadas para o cotidiano dos estudantes, para que percebam o sentido do mundo ao seu redor e consequentemente ampliem e apliquem seus conhecimentos sobre determinado tema:

[...] ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (FREIRE, 2015, p. 25).

Vigotski (1996), compreende que atribuir significado ao que se vive, faz com que o estudante se desenvolva melhor, ao compreender e interagindo com o mundo que o cerca. Essas generalizações ajudam o estudante a ter consciência de seus estados afetivos, interpretando e dando significado aos seus sentimentos e desejos, passando a compreender o que vive.

Assim, nos dias atuais, o professor só conseguirá atingir seus objetivos de aprendizagem se utilizar uma metodologia diferenciada, desenvolvendo nos estudantes a criticidade, a curiosidade e a autonomia.

### DIFERENTES CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO

Na atualidade é de suma importância discutir sobre a História da Educação, para entender o ensino no contexto educacional.

---

No século XVII, Comenius, bispo protestante da Igreja Morávia, conhecido como o fundador da didática moderna, desenvolveu metodologias avançadas sobre a área da Educação, baseando-se nas experiências sensoriais. Rousseau, considerado um dos principais filósofos do Iluminismo, desenvolveu suas teorias baseadas no interesse das culturas infantis e no mundo que as cerca.

Naquela época, a ideia era vinculada a uma metodologia tradicional, ou seja, o professor era o único detentor do conhecimento. Com o passar dos tempos e o desenvolvimento da Educação já não se mostrava mais eficaz para atender as recentes necessidades da sociedade.

Com o desenvolvimento da sociedade foi se criando, novas teorias e novas formas de aprendizagem na educação fazendo-se necessárias, contribuindo assim para o surgimento de novos sistemas de ensino:

O iluminismo educacional representou o fundamento da pedagogia burguesa, que até hoje insiste, predominantemente na transmissão de conteúdos e na formação social individualista. A burguesia percebeu a necessidade de oferecer instrução mínima, para a massa trabalhadora. Por isso, a educação se dirigiu para a formação do cidadão disciplinado. O surgimento dos sistemas nacionais de educação, no século XIX, é o resultado e a expressão que a burguesia, como classe ascendente, emprestou a educação (GADOTTI, 1995, p.90).

Pestalozzi (1746-1827), entendia que o processo de ensino tinha como função principal ensinar e fazer com que os estudantes desenvolvessem suas próprias habilidades naturais.

Para ele, uma escola ideal seria não só uma extensão da casa do estudante, mas, também deveria espelhar o âmbito familiar, oferecendo uma atmosfera segura e afetuosa com muito mais segurança.

Nesta concepção, o estudante se desenvolve de dentro para fora; o contrário do que é concebido na escola tradicional. O professor deveria analisar cada estágio do desenvolvimento do estudante orientando-o. Ou seja, seguindo cada ciclo de sua evolução, suas necessidades e aptidões, observando suas faixas etárias, ensinando-as a ler e imitar a natureza, como metodologia pedagógica (NASCIMENTO, 2003).

Herbart, foi o primeiro a entender a pedagogia como uma ciência, visando de forma organizada e sistemática, com objetivos claros e enfático. A teoria construída por ele está baseada no funcionamento da mente, pois, além do caráter científico, ele adotou a psicologia aplicada como eixo principal da educação. Esse pensamento está presente até hoje, pois, a pedagogia encontra-se fortemente vinculado às teorias de aprendizagem e à psicologia do desenvolvimento, o que nos remete a Jean Piaget (HILGENHEGER, 1993).

Ou seja, as contribuições de Herbart na psicologia e na pedagogia são encontradas até hoje, mas, por se tratar de uma concepção do século XIX, se tornou ultrapassada, pelo movimento da escola ativa. Dewey (1859-1952), principal representante desse movimento, fez inúmeras críticas às concepções de Herbart.

A partir da Escola Nova, as metodologias educacionais mudaram não trazendo mais sentido à Escola Tradicional. No caso do Brasil, na década de 1960 a maioria dos conteúdos não faziam sentido para os discentes. Isso porque boa parte dos conteúdos estava relacionado à produção de mão de obra para o mercado de trabalho, decorrentes da Revolução Industrial.

Saviani, explica que no âmbito das políticas educacionais e nas escolas, os professores entram em conflito com duas situações: a Pedagogia Nova e a Pedagogia Tradicional. O autor defende uma educação histórico-crítica, voltada para os conteúdos que envolvam a transmissão de conhecimentos significativos que ajudem para a inclusão social desse discente (ARANHA, 1996).

## **PEDAGOGIA DE PROJETOS**

A aplicação da pedagogia de projetos como prática pedagógica abre inúmeras possibilidades, promovendo uma mudança na maneira de pensar e repensar sobre a escola e o currículo, além das próprias práticas. Hoje, pode-se observar uma pedagogia mais dinâmica em que as atividades lúdicas, por exemplo, são favorecidas buscando a construção do conhecimento pelos próprios estudantes, onde o professor como mediador desse processo conferindo-lhes desenvolvimento e autonomia.

---

Trazendo para a Educação Básica, Moraes (2006), discute que o trabalho com projetos traz diferentes possibilidades de se trabalhar com o estudante através de temas de seu interesse que surjam das necessidades cotidianas e que sejam interessantes em um contexto de questionamentos, aprendizagens e discussões significativas.

Outro aspecto a se levar em consideração é o da interdisciplinaridade. Esta tem por função direcionar uma aprendizagem reflexiva a fim de compreender a realidade, as mudanças sociais que vem ocorrendo, conscientizando e desenvolvendo uma ampla visão sobre a sociedade em que se vive. Na perspectiva de projetos, a ideologia não é mais conduzida para formar crianças para a vida em um futuro distante, mas, sim para viver e transformar o mundo que o cerca através dos conhecimentos adquiridos no momento presente (GONÇALVES, 2000).

Queiroz e Rocha (2010) discutem que a realização de um projeto passa por determinadas etapas essenciais como a preparação pedagógica e a seleção de atividades. Na sala de aula, as ações precisam ser organizadas de maneira coletiva e cooperativa para que o desenvolvimento do projeto traga a realidade física do ambiente. O professor deve utilizar critérios na elaboração e na organização das diferentes atividades, estando atento ao tipo de atividade que se deve realizar com os estudantes.

Na Educação Básica, a finalidade de se aplicar projetos tem como objetivo principal compreender o estudante nos mais diferentes aspectos já que são produtoras do seu próprio conhecimento e vão se desenvolver a partir de ações coletivas, cooperativas, sociais, resolvendo conflitos, argumentando, criando hipóteses e questionando.

Desta forma, trabalhar com projetos traz novas perspectivas a esse respeito. O ato de decorar hoje em dia já não tem mais significado. Todo conhecimento ou quase todo ele é construído baseado no contexto em que é utilizado, sendo, por isso mesmo, impossível de separar os aspectos cognitivos do indivíduo, suas emoções e a sua socialização durante o processo (QUEIROZ e ROCHA, 2010).

Ainda, contempla o trabalho em equipe também contempla outras questões como a cognição, o pensamento, a curiosidade, o questionamento, os conhecimentos prévios, mostrando aos estudantes conhecimentos do mundo globalizado de forma interdisciplinar e atual.

O processo é complexo e por isso, o professor deve estar atento a outras questões como contemplar os conhecimentos prévios e a vivência dos estudantes. Eles só irão se desenvolver de forma plena participando, sentindo, se envolvendo, solucionando problemas, interagindo, entre outras situações. O que importa são as experiências proporcionadas, os problemas vivenciados e as ações desencadeadas.

Além disso, a Pedagogia de Projetos pode ser utilizada em todas as etapas da Educação Básica, mas, também em todas as etapas do ensino, desde que utilizada de forma correta para que os objetivos propostos sejam realmente atingidos:

Os projetos podem ser usados nos diferentes níveis de escolaridade, desde a educação infantil até o ensino médio. O que é importante considerar, a priori, é que cada um desses níveis possui especificidades e características peculiares que os vão distinguir em alguma medida: com relação ao grupo etário, a realidade circundante, às experiências anteriores, dos alunos e professores (BARBOSA e HORN, 2008, p.71).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensando no planejamento e nas práticas pedagógicas é fundamental que o professor planeje suas ações a fim de mediar a construção do conhecimento junto aos estudantes. Por isso, inúmeras discussões no campo educacional têm ocorrido a fim de que diferentes competências e habilidades sejam desenvolvidas ao longo da Educação Básica.

A Pedagogia de Projetos nasceu do surgimento da Escola Nova abrindo espaço para uma série de intervenções que até aquele momento não ocorriam na Escola Tradicional.

Com a evolução da sociedade, diversos pesquisadores perceberam a necessidade de acompanhar as mudanças educacionais fazendo com que novas pedagogias fossem introduzidas modificando a escola e deixando de lado um ensino conteudista.

A Escola Nova também promoveu mudanças significativas nas relações entre professor e estudante. O professor se torna um mediador através de práticas e intervenções que possibilitem aos estudantes se desenvolverem de forma plena, inserindo elementos do seu cotidiano, bem como, desenvolvendo sua criticidade e autonomia.

---

A Pedagogia de Projetos abre a possibilidade de trabalhar com a interdisciplinaridade. Pensando assim, a pedagogia de projetos em sua essência é fundamental para o desenvolvimento do estudante, pois abre inúmeros caminhos que contribuem para o ensino e a aprendizagem. O estudante diante deste tipo de prática é capaz de se desenvolver intelectualmente, socialmente e mentalmente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, C. **Professores e professores: reflexões sobre a aula e as práticas pedagógicas diversas**. 7. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- ARANHA, M.L.A. **História da Educação**. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Moderna, 1996.
- BARBOSA, M.C.S.; HORN, M.G. **Projetos Pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- GADOTTI, M. **Histórias das ideias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1995.
- GONÇALVES, F.S. **Um olhar sobre a interdisciplinaridade**. Brasília: MEC, Seed, 2000, p.45-50.
- HILGENHEGER, N. Johann Friedrich Herbart (1776-1841). Tradução de José Carlos Libâneo. **Revue trimestrielle de l'Éducation Comparée**, Paris, v. XXIII, n.3-4, 1993. Disponível em: <http://professor.ucg.br/SiteDocente/home/disciplina.asp?key=5146&id=3552>. Acesso em: 10 set. 2022.
- KINNEY, L.; WHARTON, P. **Tornando visível a aprendizagem das crianças: educação infantil em Reggio Emilia**. Tradução Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- MORAES, L.A.Y. **O trabalho com projetos na educação infantil**. São Carlos, 11, UFSCar. 2006. 82 p.
- NASCIMENTO, R.O. Comentários sobre as teorias da mente e a psicologia da educação. **APRENDER - Cad. de Filosofia e Psic. da Educação Vitória da Conquista** Ano I n. 1 p. 41-48, 2003.
- QUEIROZ, D.C.S.; ROCHA, F.F. **Projetos na Educação Infantil**. Faculdade Alfredo Nasser. Instituto Superior de Educação. Aparecida de Goiânia, 2010. 52 p. Disponível em: <http://www.unifan.edu.br/files/pesquisa/PROJETOS%20NA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20INFANTIL%20-%20Dayse%20Cristina.pdf>. Acesso em: 12 set. 2022.
- SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**. 10. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.
- VIGOTSKI, L.S. **A transformação socialista do homem**. Tradução de Roberto Della Santa Barros. [S.l.: s.n.], 1930. In: Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado. Disponível em: [http://www.cascavel.pr.gov.br/arquivos/01072013\\_a\\_transformacao\\_socialista\\_dos\\_homens.pdf](http://www.cascavel.pr.gov.br/arquivos/01072013_a_transformacao_socialista_dos_homens.pdf). Acesso em: 08 set. 2022.



---

### Aline Pereira Matias

Graduação em Pedagogia pela Universidade Ibirapuera, UNIB, SP, Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Metropolitana de Santos UNIMES, Santos, SP, Pós graduação em Contação de Histórias pela Faculdades Integradas Campos Salles, FICS, SP; Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP.

---

## DESENVOLVIMENTO DO POVO PARA POVO NAS PROVÍNCIAS DE BONGO, LUANDA E HUAMBO (1993-2013) NA PERSPECTIVA HISTÓRICO-EDUCATIVA

CELESTINA SILEPO

### RESUMO

Este artigo consiste em apresentar os resultados de investigação, sobre o estágio da escola de professores do futuro para o ensino primário das zonas rurais. As escolas de professores do futuro são escolas para formar professores para leccionarem da 1ª a 6ª classe em escolas do ensino primário nas zonas rurais e periurbanas. A formação baseia-se no método de DMM (Determinação Moderna de Métodos) dividido em 50% para estudos, 25% para cursos e 25% para experiências. As fontes consultadas em Angola que fundamentam os resultados encontrados foram levantadas no arquivo das Escolas de Formação de Professores do Futuro e noutras instituições oficiais, tais como: fichas individuais dos alunos com a 10ª classe; os relatórios anuais e bianuais da Ajuda de Desenvolvimento de Povo para Povo (ADPP); planos de estudo; programa de formação; documentos orientadores sobre o funcionamento das escolas de formação de professores do futuro; Ministério da Educação de Angola em algumas direcções adstritas: Direcção Nacional de Formação de Quadros e Ensino, onde foram providenciados dados e informações acerca da formação de professores do futuro em Angola; Gabinete de Intercâmbio Internacional providenciado o acordo de colaboração entre o Ministério da Educação da República de Angola e ADPP Organização Não Governamental. A metodologia utilizada fundamentou-se na recolha, sistematização, análise documental, inquérito por questionário, entrevistas e análise de conteúdo. Portanto, as escolas de formação de professores do futuro contribuem para o aumento de professores para o ensino primário do meio rural em Angola.

**Palavras-chave:** Escola. Estágio. Desenvolvimento. Formação. Professores.

### INTRODUÇÃO

O artigo apresenta o resultado da pesquisa realizada das escolas de professores do futuro da ajuda de desenvolvimento de povo para povo do estágio curricular das três províncias (Bengo, Huambo e Luanda) seleccionadas para a investigação. Ao longo do trabalho observa-se a categorização temática do guião das entrevistas e seu cruzamento com testemunhos recolhidos junto deste corpus documental da investigação, para perceber a importância manifestada pelos informantes por nós seleccionados.

A descodificação das categorias e sub-categorias e identificação das vozes contribuíram para a interpretação e uma melhor compreensão de como o estágio curricular é praticado.

### O ESTÁGIO DA ESCOLA DE PROFESSORES DO FUTURO

O estágio curricular da Escola de Professores do Futuro constitui a fase final do processo de formação do futuro professor para o ensino primário. Segundo CALDERANO (2005, p. 250), o estágio é uma oportunidade oferecida ao cursista de conhecer, mais de perto, o seu campo de trabalho futuro, identificando suas características, suas demandas, seus desafios, o trabalho aí desenvolvido e as lacunas encontradas, sempre numa relação contínua entre teoria e prática.

O modelo de estágio da EPF visa desenvolver competências nos alunos-professores para trabalharem numa escola primária do meio rural. O estágio é realizado durante um período lectivo, o estudante reside na escola para onde for indicado(a) a realizar as funções relacionadas com o programa integrado, a transversalidade dos conhecimentos disciplinares (designadas por Disciplinas da Carta), e ainda a proporcionar a educação para a cidadania. Nesta perspectiva os estágios curriculares, precisariam ser reconhecidos, valorizados e planejados como uma etapa da formação em que além da

---

observação coleta de dados para análise da realidade em que são desenvolvidos, os futuros professores tivessem a oportunidade de exercer o ofício docente, por meio de práticas supervisionadas por um longo tempo, previstas em um projecto elaborado com corresponsabilidade entre instância formadora e escola de campo (Silvestre; placco apud CALDERANO, 2012, P. 146). Neste contexto o estagiário deve aplicar na sua actividade prática os conhecimentos teóricos transmitidos ao longo do processo de ensino - aprendizagem. Por outro lado o estagiário o seu trabalho de campo (escola de estágio) passa a desenvolver actividades de forma independente.

Segundo o programa de formação da EPF, o estagiário trabalha (e vive) na escola primária da comunidade, em colaboração com o conselho de professores e sob a supervisão de um professor indicado, ao qual deve dirigir questões, pedir conselho e opiniões. Por outro lado, deverá aplicar, refletir, corrigir, discutir aspectos de pedagogia e organizar um certo número de actividades, em cooperação e partilha de experiências, métodos e acções (FACIHPPM, 2008, p. 157-158,).

Para a estratégia do programa da EPF, no período de estágio aplicam-se os estudos da Determinação dos Métodos Modernos à distância, das disciplinas de pedagogia, psicologia e filosofia da educação na preparação das aulas; desenvolvem-se materiais educativos com as crianças; gere-se e renova-se o Projecto Comunitário; realizam-se encontros acerca do trabalho escolar ; organizam-se grupos extracurriculares para as crianças; pratica-se o “É Hora do Show” (FACIHPPM, 2008, p.157-158). À noite, os professores estagiários realizam encontro com as pessoas; estudam as tarefas de DMM; organizam clubes vários; visitam vizinhos e amigos; realizam exame do povo; praticam exercício físico; regeneração; visitam os pais e encarregados de educação para conversar acerca do progresso dos seus filhos e resolver eventuais problemas; escutam as notícias mundiais; passam uma noite com os voluntários do Projecto Comunitário; narram histórias; trabalham sobre a sinopse. Durante os fins-de-semana realizam-se: prática do É Hora do Show; excursão pessoal à área de investigação; lançamento do Projecto Comunitário; resolução de estudos DMM; organização de Sessões Pedagógicas de sábado; acolhimento de domingos abertos; convite para dia dos pais; recuperação dos dias de atrasos com um fim-de-semana de estudos; noite passada com os estudantes a ver o Céu estrelado; preparação da semana seguinte; organização de uma viagem de ciências e redacção da sinopse (FACIHPPM, 2008, P.157).

O estágio constitui o desafio de pôr em prática os conhecimentos adquiridos durante o processo da formação curricular e de prática pedagógica. Nesta etapa o aluno-professor é assistido pelo professor orientador da EPF e, na escola de estágio, pelo professor efectivo. Como refere Malglaive (apud PERRENOUD, 2001, p.139) os estágios constituem o lugar privilegiado da formação prática. Eles permitem aos iniciantes adquirir as habilidades do ofício na companhia de práticos experientes. Neste contexto, é nos estágios que se aprende mais, os estudantes adquirem e automatizam os esquemas de análise e de acção necessários para organizar a classe e dirigir os aprendizados. Malglaive (apud PERRENOUD, 2001, p.139). Numa perspectiva de aplicar os conhecimentos sistematizados ao longo do processo de ensino - aprendizagem nas escolas de campo.

Neste contexto, foram por nós observadas três escolas públicas das comunidades rurais onde os professores estagiários se preparavam para exercer a futura profissão docente. Esta observação visou os objectivos seguintes: acompanhar as aulas ministradas pelos estagiários das escolas primárias do meio rural e verificar as condições de organização do trabalho pedagógico dos estagiários. Neste sentido, a investigação mostrou a nítida falta de acompanhamento, de orientação do estagiário particularmente como refere (ESTRELA, 1994, p.57) O feedback sobre aspectos específicos do comportamento do professor. Neste contexto o feedback é eficaz quando dado pelos colegas ou supervisores do que quando o professor é deixado sozinho perante o registo da sua aula. (ESTRELA, 1994, p.57).

Caracterizar cada escola de estágio constituiu um problema adicional dada a diversidade de situações e condições de trabalho entre elas e a diferença entre realidade das escolas e a que é apresentada nos documentos oficiais do programa de estágio. Por exemplo, a observação efectuada no complexo escolar nº 2075 do Mussulo/Buraco de Luanda detetou que existia apenas uma aluna estagiária a controlar e trabalhar no complexo, enquanto que os professores efectivos não acompanhavam o trabalho da estagiária nas salas de aula, para além da ausência destes professores da escola. Por outro lado, a estagiária era a organizadora de todo o processo de ensino-aprendizagem dos alunos na ausência dos professores. De acordo (PERRENOUD et al 2001,p.141) o ponto crítico de uma formação de professores reflexivos através dos estágios é a organização do acompanhamento pelos professores de estágios avançados, os quais eles próprios estão habituados a reflectir sobre suas práticas. Neste sentido aconselha – se a necessidade de formação de professores de estágio nas escolas parceiras do meio rural.

## Complexo Escolar nº 2075 de Estágio do Mussulo/Buraco Luanda

Fotograma da autora 2017

O professor-estagiário das EPF vive, muitas vezes, deslocado da sua residência tendo de arrendar uma habitação próximo da escola durante o período de estágio. Foi o caso dos alunos-professores do Complexo Escolar nº2075 Mussulo/Buraco de Luanda conforme figuras abaixo.



Fotograma da autora, 2017

Compartimento da Residência de Estudo e preparação de aulas dos estagiários Albertina Beatriz Chiputuqueno, Fernando Simões e Isaac de Campo Jorge no Complexo Escolar Nº 2075 Mussulo /Buraco Luanda.

Na observação realizada na escola primária nº 388 da comunidade do Ludi constatou-se que os estagiários eram os responsáveis pela gestão escolar. Os três alunos-professores organizavam todo trabalho pedagógico e administrativo e contaram com a falta de um corpo directivo da referida escola pública para o acompanhamento e verificação das suas aulas de estágio. A realidade de trabalho dos estagiários era, assim, muito diferente daquilo que está fixado nas orientações do programa oficial de estágio das EPF.

## Escola Primária nº 388, parceira de Estágio da Comunidade do Ludi/Panguila Bengo

Segundo informações colhidas junto dos estudantes estagiários, a construção da escola e a residência para os professores foi a doação do Povo Japonês ao Governo de Angola, particularmente ao Ministério da Educação. Neste contexto, os alunos-professores beneficiaram deste projecto e puderam hospedar-se, durante o período de estágio, na comunidade rural da escola. Isto implica um envolvimento como actor social em nível local (PERRENOUD et al 2001,p.141). O estudante estagiário envolve-se em projectos ligados a acções sociais



Fotograma da autora 2017

da comunidade local. Segundo ( PERRENOUD et al 2001,p.141) É um actor social o professor envolvido em projectos colectivos. Neste contexto o estudante estagiário durante o tempo de permanência na localidade participa e procura realizar actividades onde são envolvidos os encarregados de educação e os membros da comunidade e integra- los nos projectos sociais. De acordo (Gootaers eTilman apud PERRENOUD et al 2001,p.141) e também o professor envolvido em debates para definir um projecto do estabelecimento e participar de sua gestão. Neste sentido o estagiário como refere (Bourgeois apud PERRENOUD et al 2001,p.141) passa assumir essa responsabilidade nos projectos e nas engrenagens de um estabelecimento. Por outro lado o paradigma de estágio de formação de professores para a área rural fazem parte do programa as disciplinas da carta nomeadamente: activista de saúde, o porta – voz da mulher, o empreededor, líder comunitário, produtor de alimentos e activista de média & informação. No âmbito destas disciplinas o estagiário começa a desenvolver competências para trabalhar nas escolas do meio rural e tornar – se o novo professor do futuro.

Compartimento da residência a mostrar a sala de estudo e de planificar as actividades do período de estágio dos três professores estagiários da Escola Primária nº 388 da Comunidade do Ludi/Panguila Bengo, em 2017 (Meury Lelo João Viegas, Daniel Manuel e Armindo Vapor).



Fotograma da autora 2017

A Escola Primária nº 337 da comunidade do Berila na província do Bengo, de acordo os alunos-estagiários, a escola funciona sob responsabilidade dos próprios estagiários, registando-se a inexistência de um corpo directivo sob a tutela pública do Ministério da Educação. Toda actividade da comunidade é programada pelo colectivo de estagiários da EPF.

Constatou-se que um professor estagiário trabalhava, na mesma sala de aula e em simultâneo, com duas classes de ensino primário (a 5ª e 6ª classes) e o número elevado de alunos acima da média da turma. Trabalho ainda mais agravado pelo facto da inexistência de um professor-orientador ou de um professor efectivo na escola. Neste contexto como refere (J. Stourdeur apud PERRENOUD et al 2001,p.149) os estudantes deixados à própria sorte em seus primeiros estágios. Por outro lado, trata-se de levar os futuros professores de escola primária a experimentar condutas inovadoras. (J. Stourdeur apud PERRENOUD et al 2001, p.148). Neste sentido o futuro professor passa a experiência prática do que apreendeu ao longa da prática que antecede o estágio.

A residência dos alunos-professores em Berila foi, ela própria, construída pelos primeiros estagiários aí fixados, durante a época de estágio, e ainda em 2017 continuava a ser usufruída por cada colectivo aí colocado para realizar o estágio pedagógico.

Residência dos alunos estagiários da escola primária nº337 da comunidade do Berila/Bengo, em 2017 (Marcelino Domingos Pereira e Zumba António).

Em síntese, parece que os alunos-estagiários da EPF são colocados em escolas sem as condições mínimas de orientação da sua prática pedagógica ou até, como nos três casos acima observados, sem nenhuma possibilidade de qualquer acompanhamento ou observação por parte de um professor que cumprisse



Fotogramas da autora, 2017

as funções de orientador em contexto escolar. Como refere (ESTRELA, 1994, p.56) a observação tem sido uma estratégia privilegiada na medida em que se lhe atribui um papel fundamental no processo de modificação do comportamento e da atitude do professor em formação. Nesta perspectiva a observação da aula e de outras actividades do estagiário deveria merecer a crítica dos seus colegas e do professor orientador. Segundo (ESTRELA, 1994, p.56) a eficácia dessas críticas era comprometida pelas atitudes de defesa do estagiário que tinha consciência da sua subjectividade quando não da sua arbitrariedade.

A estes estagiários apenas registavam, durante o ano lectivo, as duas visitas feitas pelo professor orientador da EPF. Não existia o professor que acompanhava a elaboração dos planos de aula; não existia o professor que assistia às aulas do estagiário; não existia a (auto)crítica da aula; os conteúdos das aulas não eram verificados por um responsável pedagógico da escola de estágio, assim como a assiduidade dos estagiários; os alunos das escolas eram deixados à sua sorte; as infraestruturas e residência escolar não respeitavam os padrões legais... Neste quadro importa perguntar: Que competências são garantidas para o processo de ensino aprendizagem ao futuro professor? Atentas às condições escolares (e de residência) sem o mínimo de organização e dignidade, que professor para as zonas rurais se espera formar? Neste âmbito de acordo (ESTRELA, 1994, p.57) o feedback é mais eficaz quando dado pelos colegas ou supervisores do que quando o professor é deixado sozinho perante o registo da sua aula. Neste contexto o futuro professor durante o processo de estágio deve estabelecer a comunicação e interacção permanente com o professor orientador.

## VOZES

No sentido de aprofundar a significação dos discursos recolhidos, reporta-se, de seguida, a categorização temática do guião das entrevistas e seu cruzamento com testemunhos recolhidos junto deste *corpus* documental da investigação, para perceber a importância manifestada pelos informantes por nós seleccionados. Nesta perspectiva segundo (BARDIN, 2009, p. 145) a categorização permitiu classificar elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação sobretudo pela decodificação das categorias e subcategorias e identificação das vozes. As categorias temáticas assinaladas serviram para perceber as questões fundamentais da formação da EPF conforme o quadro (...)

O estágio curricular da Escola de Professores do Futuro constitui a fase final do processo de formação do futuro professor para o ensino primário. Desta forma, começa-se por demarcar o estágio do então programa curricular dividido em períodos, o Período Sete onde se exerce a profissão do ensino como parte da formação em relação ao novo programa curricular implementado em 2013, o estágio curricular decorre no capítulo seis o ano de outro tipo de professor de acordo o *corpus* documental consultado o estudante é colocado numa zona rural com escolas primárias e residência para os estagiários e condições materiais didácticas. A interpretar o que os entrevistados da investigação explicitam o embaraço sentido na forma de organização do estágio e no período de um ano lectivo de permanência na escola de estágio. No antigo programa curricular os estagiários eram distribuídos nas escolas das zonas rurais. ... *organizamos os estudantes em micro grupos de quatro ... quatro estudantes ...vão as vezes na*

Quadro 6.01: Códigos de categorias e dos entrevistados

Categorias temáticas	Subcategorias	Entrevistas
C1 Escola	S.1. Rede escolar primária	E1. Nunes Correia Chionga
	S.2. Rede escolar da ADPP	
	S.3. Escola de professores do futuro	
C2 Formação	S.4. Formação de professores da ADPP	E2. Estevão Celino
C3 Currículo	S.7. Currículo das disciplinas	E3. Delfina Alberto
	S.8. Currículo geral da escola	E4. Rikke Viholm
C4 Programa	S.9. Programa escolar	E5. Jesper Bjerregaard Jensen
	S.10. Programa curricular	
	S.11. Programa individual	
C6 Estágio	S.14. Estágio curricular	E6. Francisco Sapi
C7 Internato	S.15. Regime de internato	E7. Lusiyá Mpaka João
	S.16. Vivência de internato	
	S.17. Experiência de internato	
C8 Curso	S.18. Tarefas de estudo	E8. Zilda Ginga Fontes
	S.19. Estudo de ficheiro	
		E9. João Aziza
		E10. Aspirante Cumbembe Matamba

Fonte: Elaboração da autora, 2017.

mesma área ... de escolas ... mais cada estagiário ... lecciona até o fim ... estágio ... vai mesmo numa área ... assegurar uma turma ... (C6.S.14.E5) ... então chegou o momento do estágio...eu e o meu colega ... fomos ... e então fomos (C6.S.14.E1) ... área de estágio ... (C6.S.14.E2) eu e o meu grupo ... o estágio curricular ...o estágio. (C6.S.14.E3) ... 10 estagiários ... estagiários ... apoiar a presença da educação. (C6.S.14.E5) ... o período de estágio como professor estagiário... (C6.S.14.E7) fomos três ... fazer o estágio. (C6.S.14.E8) estagiei ... próximo da escola da ADPP... estive mais próximo em relação aos outros colegas. (C6.S.14.E9) fiz o meu estágio... dentro da escola de formação de professores do futuro. (C6.S.14.E10) a interpretação a distribuição de grupo de alunos estagiários para as escolas primárias das zonas rurais nota-se a variação desigual do número de estagiários para cada área de estágio curricular.

Por outro lado, os participantes das entrevistas referem em que consiste o trabalho que realizam durante o estágio na escola primária: *eu comecei a dar aulas de Língua Portuguesa...fomos colocados nas escolas do 3º nível... então eu dei aulas de Português e História ... o meu colega deu aulas de Inglês e Biologia ... (C6.S.14.E1) ... o tempo que eu... estava lá... e eu tinha medo ... mas eu tinha medo... ali naquele meio... eu tinha que continuar... mas foi difícil. (C6.S.14.E3). Ainda refere as narrativas que ...ali naquele meio você não tem condições psicológicas de dar uma aula ...o estágio foi ... (C6.S.14.E3). O estágio como professor estagiário ...do estágio ...trabalhei numa escola primária. (C6.S.14.E7) Nós leccionamos ano inteiro ... na altura eu leccionei a 3ª classe ... um meu colega ... leccionou a 5ª classe. (C6.S.14.E8) A fase do estágio ... voltar do estágio ...lá enquanto professor... desenvolvemos muitas actividades. (C6.S.14.E9) Nesse estágio o professor estagiário... então trabalhei com os estudantes do primeiro ano...dez (10) estudantes. (C6.S.14.E10) Para além do estagiário realizar actividades a escola primária, o programa de estágio curricular neste modelo de formação de professores do futuro inclui o micro-projecto onde se desenvolve uma série de tarefas que tem relação com a comunidade onde a escola está inserida como os relatos feitos pelos entrevistados: *a segunda cabeça do professor... um microprojecto ...uma turma multidisciplinar ... não era uma turma que seguisse um plano de estudo definido ... ou seja...era uma turma que pudesse englobar ... os ensinamentos fundamentais ... classes. (C6.S.14.E1)Realizar microprojectos ... trabalhar com as comunidades ...um programa ... alfabetizei um grupo de senhoras ... programa de. (C6.S.14.E3) ... microprojecto (C6.S.14.E8) apresentar o microprojecto... (C6.S.14.E9) outras disciplinas ... o microprojecto ... e investigação – acção ... a famosa sinopse ...mas no microprojecto ... muitas vezes ... fizemos de acordo as dificuldades... (C6.S.14.E10). Por outro lado perceber como o estudo a distância se processa no período de permanência na área de estágio com as outras actividades os discursos referem-se: *e eu tinha quatro horas por dia ...com aquelas crianças ...ensinar as crianças a ler e a escrever, e a contar, a fazer cálculos básicos ...introduzir actividades ... solidariedade ...muitas visitas as escolas ...actividades com essas crianças. (C6.S.14.E1) Lembro-me que nós passávamos os textos para os nossos alunos nas folhas de caderno ... não havia livros ...havia tempos mesmo que também ...uma aula de matemática ... procurar por exemplo pedrinhas, pauzinhos ... materiais... (C6.S.14.E3) nem escolas ... nem residências para os professores ... que não encontraram infraestruturas ... foi construir ... construídas com material local ...casas gémeas ... residência de professores ...surgiu a educação. (C6.S.14.E5) curso é feito a distância ... o centro de estágio ... escolhe ...muitos foram ... fazíamos semanalmenterelatórios ... periodicamente ... os professores para fazerem a fiscalização ...Material didáctico ... era por nossa conta. (C6.S.14.E8) continua a estudar... o estudo ... a distância ... a aula continua ... as cadeiras de pedagogia ... pedagogia ... as didácticas ... a psicologia ... a filosofia... (C6.S.14.E10).***

A partir da observação das narrativas feitas das condições de estágio da interpretação dada pelos participantes identificadas aquelas que marcaram o período de estágio que ... *cada grupo levava um saco de milho ... um saco e meio de feijão e um saco de fuba e alguns peixes seco ... algum dinheiro no bolso ... quanto a nossa própria expectativa ... nós tivemos direito a uma residência de professores ... ou seja a certa altura a direcção comunal da educação ... (C6.S.14.E1) estávamos lá a nossa sorte ... não tínhamos a ... de escolher ... fazer o estágio ... o próprio ambiente...uma zona de conflito... naquele meio... mas foi difícil...apoio das autoridades locais ... aquisição de material didáctico ... é bem verdade... nas escolas onde trabalhávamos ... não tinham ... não tinha ... dado um lugar... sem as mínimas condições ... cozinhávamos no fogareiro ... gás era muito distante a ... realidade ... contribuíamos para fazer ... o Ministério da Educação naquela altura ... estagiários ... dava-nos um subsídio ... (C6.S.14.E3) nem residências para os professores ... condições em circunstâncias ... os estagiários ... dificuldades ... receber salários ou receber salários atrasados. (C6.S.14.E5) passamos dificuldades ... na altura não tínhamos apoio... o estagiário não tem salário ... então vivíamos ... do rendimento ... dos pais. (C6.S.14.E8) Neste contexto ... o fazem até hoje. (C6.S.14.E8) Trabalhei com os estudantes dentro da escola... trabalhei com eles... não fiz o estágio... zona rural ...nesse estágio o professor estagiário ...trabalhei ... durante um ano. (C6.S.14.E10).*

---

## INTERPRETAÇÃO

A interpretação do resultado das entrevistas teve como objectivo compreender de que modo os diferentes atores das EPFs percebem, perspetivam e dizem/narram a sua experiência formativa e profissional. Deste modo, foram constituídas diversas categorias temáticas a partir da análise indutiva das respostas colhidas durante as entrevistas. Nesta análise selecciona-se a categoria temática “estágio” como abordagem de reflexão.

A categoria temática “Estágio” refere-se à organização dos estagiários em grupos pequenos de três a quatro estudantes distribuídos pelas escolas primárias das áreas rurais. É de referir que não existem condições nas escolas primárias das áreas rurais para os estagiários ministrarem as aulas, uma vez que não possuem material didáctico e os alunos estagiários são obrigados a passar os textos nas folhas de caderno para os alunos, sendo que todo material acaba por ficar por conta do estagiário. Os estagiários nas áreas rurais não têm residências para morar durante a sua permanência nesses locais, vivendo em casas arrendadas ou construídas por eles de forma rudimentar sem as mínimas condições de vida. Os estagiários são deslocados para áreas longínquas onde devem fazer o estágio e, de forma a não ficarem sem fazer o estágio curricular, são obrigados a aceitar para concluírem a formação. Verificou-se, ainda, que os estagiários não são acompanhados pelos professores das escolas de estágio, assumindo a totalidade da escola primária até o fim do período estabelecido.

No que se refere ao estágio, os resultados indicaram que as condições dos estagiários não são satisfatórias. De facto, verificou-se a falta de condições na residência (falta de camas ou colchões), a falta de transporte, alimentação, material didáctico, acompanhamento e apoio institucional. Estas são apenas algumas dificuldades que enfrentam os estagiários ao longo do estágio.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no programa de formação da escola de professores do futuro para o ensino primário do meio rural, o estágio realiza-se no último ano de formação.

Durante o processo de estágio nas escolas de aplicação do meio rural (escolas públicas) os futuros professores devem cumprir as regras conforme o programa de ensino. O estudante passa a fixar residência na localidade onde deve fazer o estágio e trabalhar em conjunto com a comunidade. As disciplinas da carta fazem parte da integração dos seus conteúdos para os projectos a serem desenvolvidos pelos futuros professores. A metodologia de trabalho fundamenta-se na determinação dos métodos modernos que de acordo com o programa da ajuda de desenvolvimento de povo para povo tem auxiliado o caminho a seguir pelos futuros professores. Neste contexto a investigação mostra que das três escolas observadas uma delas apresenta condições de estadia em termos de estruturas físicas da escola e de residência inadequadas, de maneira geral não se adequar às regras do programa de ensino.

A investigação veio trazer o conhecimento deste tipo de estágio de formação de professores do futuro para o ensino primário do meio rural da ajuda de desenvolvimento de povo para povo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BOURGEOIS, E. **La formation continue des enseignants et la crise de l'enseignement**. Recherche en Education, Théorie et pratique. 1991.
- CALDERANO, M. da A. **Estágio Curricular: Concepções, Reflexões Teórico-Práticas e Proposições**. Minas Gerais. Editora UFJF, 2012.
- CALDERANO, M. da A. Estágio Supervisionado para além de uma Actividade Curricular: avaliações e proposições. **Estudos em avaliação educacional**. V.04, N. 07. Jul.- Dez. 2012. Editora Autêntica. Belo Horizonte. 2012.
- ESTRELA, Albano. **Teoria e Prática de observação de classes**. Porto: Editora Porto, 1990.
- GROOTAERS, D. TILMAN, F. **Un professeur en forme, un professeur en formation**. La Revue Nouvelle, I, 1991.
- MALGLAIVE, G. **Enseigner à des adultes: travail et pédagogie**. Paris: P.U.F. 1990.
- REY, B. e CARETTE, Vicenti. Et al. **As Competências na Escola**. Vila Nova de Gaia: Editora Gailivro, 2005.
- PERRENOUD, Philippe. PAQUOY, Léopold. Et al. **Formando Professores Profissionais**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2001.
- SILVESTRE, Magali Aparecida; PLACCO, Vera Maria Nigro de Sousa. Modelos de Formação e Estágios Curriculares. **Revista Brasileira de pesquisa sobre Formação Docente**. V05. N. 05. Ago. – Dez. 2011. Belo Horizonte. Editora Autêntica. 2012.
- STOURDEUR, J. Pour des stages... facteurs d'une autre formation. In MEIRIEU, P.; ROUCHE, N. et 40 enseignants, Réussir(à) l'école. **Des enseignants relèvent le défi**. Bruxelles: Vie ouvrière; Lyon: Chronique sociale, 1987.

---

THE FEDERATION FOR ASSOCIATIONS CONNECTED TO THE INTERNATIONAL HUMANA PEOPLE TO PEOPLE MOVEMENT. **Escola de Professors do Future em Angola DNS**. Angola: Harare, 2008.

### Fontes Orais

- Ent. EC - Entrevista a Estevão Celino, Huambo, 28.08.2015.  
Ent. NCBC- Entrevista a Nunes Correia Bali Chionga, Luanda, 30.06.2016.  
Ent. ACM- Entrevista a Aspirante Cumbembe Matamba, Bengo, 14.01.2016.  
Ent. JA – Entrevista a João Aziza, Luanda. 23.10. 2016  
Ent. JBJ – Entrevista a Jesper Bjerregaard Jensen, Luanda. 18.02.2016.  
Ent. RV – Entrevista a Rikke Viholm, Luanda. 26.04.2016.  
Ent. DA – Entrevista a Delfina Alberto, Luanda. 07.07.2016.  
16  
Ent. ZFM- Entrevista Zilda Ginga Fontes.Luanda. 16.07.2016.  
EN. LMJ- Entrevista Lusya Mpaka João. Luanda. 07.07.2016  
ENT. FS- Entrevista Francisco Sapi. 26.04.2016.

---

### Celestina Silepo



Licenciada em Psicopedagogia na Especialidade de Pedagogia pelo Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda, Angola.  
Mestre em Consultoria Gestão Auditória Formação Contínua e Ocupacional pela Universidade de Santiago de Compostela, Espanha.  
Mestre em História e Educação pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal.  
Doutorada em Estudos Africanos pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal.  
Docente do Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda, Angola.

---

## O ENFRENTAMENTO À DISCRIMINAÇÃO RACIAL NA ESCOLA

ELISÂNGELA OLIVEIRA SILVA

### RESUMO

Este estudo foi desenvolvido por meio de pesquisas centradas na importância da introdução do Ensino da História e Cultura Afro-brasileira na Educação, com o objetivo de revelar a importância deste tema para a formação da identidade dos alunos. Constata-se que o ensino em questão contribui para a construção de uma sociedade que reconhece e valoriza a diversidade existente, contribuindo, assim, para a construção da cidadania e da democracia. Contudo, é necessário que a Escola e os profissionais de educação complementem sua formação, a fim de que possam desenvolver projetos pedagógicos que desconstruam modelos que não favorecem a formação da identidade dos alunos e repudiem preconceitos e discriminações.

**Palavras chave:** Contribuição e Influência da África. História e Cultura Afro-brasileira. Educação. Identidade.

### A CONTRIBUIÇÃO E A INFLUÊNCIA DA ÁFRICA NA CULTURA BRASILEIRA: ENFRENTAMENTO À DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO AMBIENTE ESCOLAR

Ainda são grandes as diferenças sociais entre brancos e negros no Brasil, sendo os negros os responsáveis pelos mais baixos índices de desenvolvimento humano. O preconceito racial deixa uma marca estigmatizada, uma relação perversa e negativa em tudo que se relaciona ao negro, às suas formas de ser e de ver o mundo. Essas maquinações preconceituosas, que geram ideais estéticos, epistemológicos e culturais, são reproduzidas dentro do ambiente escolar, local que se atribui, atualmente, a responsabilidade pela promoção de valores e de respeito pelas diversidades. Em 2003, a lei nº 10.639 torna obrigatória a inclusão de conteúdos da história e da cultura afro-brasileiras nos currículos escolares, tanto nas escolas públicas quanto nas particulares.

A realidade populacional e cultural brasileira foi por muito tempo negligenciada pelas matrizes curriculares adotadas em nossas escolas. Não temos como objetivo esgotar os inúmeros acontecimentos que ocorreram durante estes períodos que culminaram na formação de uma nação com enormes diferenças sociais, especialmente com relação aos negros e mulatos do nosso país. No entanto, tentaremos destacar os acontecimentos, ao nosso olhar, que mais se despontaram para o estabelecimento e manutenção da desigualdade social existente entre negros e brancos em nossa nação.

A pesquisa bibliográfica foi realizada através de estudos em diversos materiais, desde livros e sites na internet e outros, contemplando o assunto em estudo sobre os Contos Africanos. Compreendendo a importância da pesquisa bibliográfica, ela abrange o estudo das contribuições científicas existentes sobre o tema em estudo por meio das referências teóricas publicadas e a pesquisa documental analisa os instrumentos normativos, como leis.

Mais de dez anos se passaram da entrada em vigor da Lei nº 10.639 de (2003), e o quadro ainda continua o mesmo de quando a lei foi promulgada. A maioria dos municípios ainda não incluíram em seu currículo escolar os assuntos que tratam das culturas afro-brasileiras e indígenas, em cumprimento da lei em vigor. Outra coisa que chama atenção, é que muitos professores, no exercício da profissão, continuam sem formação específica, adequada, pertinente ao que exige a lei. Por isso, faz-se necessária a formação e a difusão de conhecimentos sobre o tema, tanto para professores quanto para gestores.

O tempo decorrido entre a promulgação da Lei nº 10.639 de 2003, até hoje, supõe-se que seja mais que o suficiente para que as escolas atendam as exigências legais referentes aos conteúdos curriculares, neles incluindo as histórias da África e da presença do negro no Brasil, permitindo, com

---

isso, a educação e as relações étnico-raciais em sala de aula. Os educadores, já com sua formação específica, poderão contribuir sobremaneira para a construção de uma sociedade melhor e mais igualitária, trilhando caminhos para a superação dos desafios rumo a uma escola mais acolhedora e mais diversa.

Para que a questão de tempo fique bem definida em relação ao ensino de conteúdos étnico/raciais nas escolas públicas, é necessário fazer um recuo no tempo, indo até os anos 1950, 1960, quando das reivindicações para incluir os citados conteúdos nos currículos escolares, solicitações essas feitas ao governo federal, que não disse sim, mas nada fez para, pelo menos, demonstrar boa-vontade.

Na Constituição Federal do Brasil, promulgada em 5 de outubro de 1988, consta em seu texto dois pontos que geram questionamentos: 1) “a educação é um direito do cidadão e um dever do estado; 2) “racismo é crime inafiançável e imprescritível”. Passaram-se quase 40 anos para que houvesse uma tomada de posição por parte do governo que marcou sua posição ao sancionar a constituição, mas fez questão de não referendá-la. Oito anos depois, em 20 de dezembro de 1996, entrou em vigor a Lei nº 9.394, que em nada melhorava as questões educacionais na área das relações étnico/raciais.

Esta lei foi alterada pela Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003, que determinava a obrigatoriedade do ensino da História da África e História Afro-Brasileira na Rede Oficial de ensino, juntamente com o currículo escolar regular, já existente. Para que outro elemento tivesse autorização para participar deste enredo étnico/racial redigido e dirigido pelo governo, faltavam duas coisas: a passagem de alguns anos entre uma lei e outra, e a definição de qual elemento participaria do enredo.

A Lei nº 11.645 uniu as duas coisas e, em 10 de março de 2008, elas chegaram, após 5 anos de espera. O texto da lei dispunha sobre a obrigatoriedade de se incluir nos currículos das escolas, públicas e privadas, a História dos Índios Brasileiros. Aí estava o outro elemento: o índio. Sendo assim, o tripé da formação básica da população da nação brasileira estava completo (o índio, o negro e o branco).

## **O CAMINHO DA TRANSFORMAÇÃO DA SOCIEDADE TENDO A EDUCAÇÃO COMO AGENTE TRANSFORMADOR E A CULTURA DE CADA GRUPO**

Conforme Bento (2002), quase todos, em algum momento, já ouviram a frase “a África é o berço da humanidade”. Não por acaso, essa frase está ligada aos primeiros registros arqueológicos encontrados no continente africano, consta não só a presença de humanos, mas, também, de grupos humanos vivendo em companhias uns dos outros, visando sobreviver e criando meios para isso. Os pesquisadores têm mostrado que o continente africano teria sido o palco das primeiras etapas da evolução humana.

Os primeiros hominídeos, os antepassados dos humanos, deixaram vestígios no Chade, datados de 7 milhões de anos, que foram encontrados em 2002. Importantes exemplares do Homo habilis, humano que produzia ferramentas e tinha raciocínio complexo, que viveram entre 2 e 2,5 milhões de anos atrás, também foram encontrados, entre outros lugares do continente, no desfiladeiro de Olduvai, na Tanzânia, cenário arqueológico importante para o conhecimento das origens da humanidade.

Em conformidade com Freyre (2005), resta saber como os primeiros humanos se espalharam pelo mundo, e se saíram da África como Homo erectus ou Homo sapiens. O que se pode afirmar é que, na África, encontram-se vestígios dos mais antigos antepassados dos humanos. As pistas achadas em território africano, de diferentes tipos dos primeiros humanos, foram fundamentais para compor a história sobre a vida dos homens e das mulheres que iniciaram a humanidade.

Duas consequências muito importantes advêm dessa história: a primeira é que os estudos realizados em campos africanos permitiram um maior conhecimento do processo da evolução humana. A segunda é de que os estudos da história africana sobre tempos tão remotos contribuíram para rever o conceito de pré-história.

O início dos tempos históricos foi marcado a partir do surgimento da escrita, que funcionava como linha divisória, deixando fora da história os povos que não criaram formas de escrita. Também, aqueles que, apesar de viverem em épocas com a escrita já difundidas, porque não faziam uso dela como meio de registro e comunicação, ficaram marcados para sempre como “gente fora da história”.

Conforme Fonseca (2009), a arte rupestre é outra fonte para o estudo das antigas formas de vida, de sonhos, de religiosidades e simbologias dos primeiros grupos humanos. Em diferentes regiões da África, em paredes de pedra, são encontrados registros de cenas do cotidiano, de desejos e sonhos, transformando as pinturas rupestres em documentos valiosos, onde se encontra registradas as formas de representação e as características de homens e mulheres há milhares de anos. A história da África mostra aspectos da história do mundo em seus períodos mais remotos trazendo à luz da compreensão o início da vida humana em sociedade.

---

Assim como Gonçalves (2000), muda o conceito de pré-história ao repensar e entender povos e grupos contemporâneos que não dominam a escrita, mas que mesmo assim registram a sua história. Esses povos, que viviam em sociedades africanas organizadas, registraram sua história, usos e costumes por meio das suas tradições orais, mantendo viva, de geração em geração, a história dos seus antepassados, não permitindo que o tempo apagasse a memória dos seus antepassados e as suas. Os historiadores se viram forçados a aprender e interpretar esse tipo de fonte e criar meios capazes de extrair dela as informações e validá-las como registro.

De acordo com Azevedo (1987), todo o trabalho e o método de aprendizagem sobre as fontes orais foram compensados com os desdobramentos históricos de muitas sociedades, aquelas que utilizavam a escrita, mas que registraram oralmente os aspectos fundamentais da sua história.

De modo geral, o trabalho para encontrar fontes de informações sobre a história africana acabou transformado em desafios para entender a história de vários grupos humanos, e fez a historiografia reconhecê-los como autores de registros históricos.

Os grupos de analfabetos ou semianalfabetos, indígenas e nômades, que viviam em países do mundo desenvolvido no Ocidente, excluídos do registro escrito, graças ao trabalho com as fontes orais, recuperaram seu lugar na história das academias e das instituições científicas.

Os relatos coletados da tradição oral não foram exclusividade de historiadores africanos ou africanistas. No final do século XIX e princípios do século XX, alguns letrados no período colonial fizeram esse trabalho juntamente com estudiosos africanos formados em escolas coloniais. Faltava compreender melhor e dar legitimidade a essas fontes.

A metodologia para esse suporte que faltava, surgiu na década de 1960, baseada em um trabalho pioneiro de um estudioso belga, chamado Jan Vansina. Ele indicou a possibilidade de controle e crítica necessários para uso científico das tradições orais. Seminários acadêmicos realizados na África – em Dakar, Senegal – em 1961, e em Dar es Salaam (Tanzânia), em 1965, apresentaram contribuições de outros estudiosos e enalteceram o papel insubstituível das tradições orais.

De acordo com Angela (2007, p. 56), historiador e escritor nascido no Mali (África Ocidental) e um dos grandes nomes nos estudos das tradições orais no continente, Amadou Hampate-Bâ disse: "A palavra é a memória viva da África". É o que se percebe nesse trecho de um artigo seu considerado um texto clássico sobre o tema: Para alguns pesquisadores, o problema se resume em saber se a transmissão oral, ao passo que o testemunho de acontecimentos passados, merece a mesma confiança concedida à transmissão escrita. A meu ver, esta colocação é errônea. Em última análise, o testemunho, escrito ou oral, é sempre um testemunho humano, e seu grau de confiabilidade é o mesmo do homem.

O que se questiona, além do próprio testemunho, é o valor da cadeia de transmissão à qual o homem está ligado, a fidelidade da memória individual e coletiva e o preço atribuído à verdade em determinada sociedade. Ou seja, o elo que une o homem à Palavra. Ora, é nas sociedades que a função da memória é mais desenvolvida, e mais forte o elo entre o homem e a Palavra. Na ausência da escrita, o homem se une à sua palavra. Tem um compromisso com ela.

O homem é a sua palavra e sua palavra dá testemunho do que ele é. A própria coesão da sociedade depende do valor e do respeito pela palavra. Nas tradições africanas – pelo menos nas que conheço que são de toda a zona de savana ao sul do Saara – a palavra falada, além de seu valor moral fundamental, possui um caráter sagrado que se associa à sua origem divina e às forças ocultas nela depositadas. Sendo agente mágico por excelência e grande vetor de 'forças etéreas', não pode ser usada levianamente (BÂ, 1973, p. 17).

Em obra mais recente, publicada no Brasil, o mesmo autor fala sobre sua formação e de outros historiadores da mesma tradição africana:

É que a memória das pessoas de minha geração, sobretudo a dos povos de tradição oral, que não podiam apoiar-se na escrita, é de uma fidelidade e de uma precisão prodigiosas. Desde a infância, éramos treinados a observar, olhar e escutar com tanta atenção, que todo acontecimento se inscrevia em nossa memória, como em cera virgem (BÂ, 2003, p. 13).

Na história, o período conhecido como Idade Antiga quase nunca, ou raramente, contempla o continente africano. Tal omissão pode ser observada na história do Antigo Oriente Próximo. O Egito,

---

apesar de se encontrar no continente africano, aparece como se fosse parte de um mundo não especificado. O enfoque do Egito se dá por conta de seus contatos com a Península Arábica e a antiga Mesopotâmia, e não por sua relação com as terras do sul da África, atualmente estão localizados o Sudão e a Etiópia.

Conforme Brasil (2006), a fundação do Império Egípcio, ocorrido há cerca de 5 mil anos, se deu a partir do sul, estão as bases da chamada civilização egípcia, e, depois, se expandiu com a conquista da região do delta do rio Nilo.

Cartago, antiga e importante cidade africana, rica e poderosa, também não teve espaço na história do Mediterrâneo Ocidental na Antiguidade, apesar do seu poder comercial, dos seus férteis campos de trigo, base para alimentação dos povos naquela época, de ser ponto de partida de navios fenícios que costeavam a África em direção ao ocidente, rumo ao litoral sul de Marrocos, e das guerras travadas contra Roma a ponto de ser considerada uma temível rival por sua adversária.

No entanto, em razão ao poderio naval e bélico, com um exército numeroso e bem treinado, Roma dominou Cartago, no ano 146 a.C., o que significou o poder de Roma sobre o norte da África e o estreitamento das relações entre o mundo europeu mediterrâneo e os povos do deserto. Foi, também, sob o domínio de Roma que houve a expansão do cristianismo no continente africano.

Similarmente a Heringer (2003), outro ponto da história do continente africano que merece registro é a expansão banta e as línguas derivadas dele para o português do Brasil. A palavra banto é um termo resultante da combinação ntu (ser humano) mais o prefixo ba, que designa o plural. Assim, banto (ou bantu) significa “seres humanos” ou, “gente”.

Os bantos, que são povos de línguas bantas não formam uma etnia nem um povo; eles pertencem a uma origem, aos idiomas e aos dialetos que falam. Compartilham a mesma origem linguística, o que significa compartilhar aspectos culturais, tendo algumas semelhanças na forma de interpretar a realidade, o que não os torna um povo ou um grupo étnico.

O processo de ocupação de grandes áreas do continente africano ao sul do Equador ocorreu lentamente, ao longo de milhares de anos. A primeira grande deslocação teria ocorrido no final do segundo milênio a.C., partindo da região que hoje corresponderia ao norte da fronteira entre Camarões e Nigéria. Cruzaram a fronteira onde se localiza a República Centro-Africana, ocupando áreas dentro e fora da floresta equatorial, a oeste e a leste. Eram agricultores e foram os primeiros nessa região a se organizar em aldeias, agrupando essas aldeias em unidades maiores com mais ou menos 500 pessoas.

Consoante a Mattos (2016), a outra leva migratória aconteceu no ano 900 a.C., ao término da expansão inicial. Havia, então, dois grandes grupos falando línguas aparentadas, mas diversas: os bantos do oeste, hoje é a República Popular do Congo, e os bantos do leste, atual Uganda. Os bantos do oeste tiveram como destino o local que atualmente é o norte de Angola e os bantos do leste se deslocaram para o sudeste da região, onde estão localizados o Zaire e Zâmbia.

Nos séculos iniciais da Era Cristã, outras ondas migratórias dos grupos bantas se destinaram ao sul do continente. Esses grupos tinham conhecimento das técnicas de metalurgia, o que muito contribuiu para melhorar suas condições de agricultores. Desse momento em diante, mais ou menos no século V, a esses deslocamentos de populações, expandiram-se as técnicas de metalurgia e de produção de alimentos.

Do mesmo ponto de vista que Silva (1993), a fixação desses grupos, cada um em uma área distinta, gerou produções de alimentos de acordo com a região. A produção diferenciada de tipos de alimentos provocou a aproximação dos grupos, surgindo novos meios para se reconhecerem e se relacionar, facilitando a troca de alimentos entre eles, intensificando esse tipo de comércio. Assim, a evolução da ocupação de grandes partes da África fez com que surgissem grupos que, por sua história, língua, crença e práticas em comum, passaram a constituir povos. Foi um processo lento que ocorreu entre o século V a.C. e o século V da nossa era. Daí, o surgimento das identidades de grupo.

Esta rápida passagem pela extensa história do Continente Africano, que é muito rica em detalhes e minúcias, permite que se abra espaço para algumas questões, quais sejam:

- Quando o primeiro homem surgiu, ele era branco ou negro? Se branco, como se tornou negro, e vice versa? Essa transformação talvez possa ser explicada pela evolução da espécie.
- Como os humanos saíram do continente africano e se espalharam pelos outros continentes? Por que só os brancos saíram? Por que só os negros ficaram na África?
- Sendo a África a origem do ser humano, antes da separação, brancos e negros pertenciam à

---

mesma etnia, a mesma raça e origem, a mesma cultura. O que provocou o rompimento entre brancos e negros?

- Será que o motivo da segregação gerou tanta revolta nos africanos brancos que fizeram com que eles preferissem abandonar o continente?

- Seria essa segregação que provocou o início do preconceito racial?

- Ou o preconceito seria uma forma de negação das suas origens?

No mais longo processo de migração forçada da história da humanidade, mais de 11 milhões de africanos foram trazidos compulsoriamente para a América, destes, 4 milhões vieram para o Brasil. O Império português se estendia até as cidades costeiras da Índia e Macau, na China. Na realidade era uma grande rota comercial que se transformou em uma ampla rede de comércio, a partir do momento que os colonizadores portugueses precisaram aumentar a mão-de-obra aqui no Brasil devido à necessidade de expandir a produção de gêneros alimentícios e produtos agrícolas de exportação. (SILVA, 1993, P. 78).

Esses produtos eram trocados por outros produzidos nas localidades costeiras, desde o sudoeste e sul da África até a Índia e Macau. Em seu retorno passavam pelo litoral africano e trocavam os produtos adquiridos por negros escravos, tecidos (pejorativamente chamados de panos de negros), e no Brasil trocavam os prisioneiros por açúcar.

A rede comercial envolvia muitos parceiros em diversas partes do mundo. Essas relações comerciais incrementaram o transporte de pessoas, de mercadorias, de novos produtos agrícolas, novos alimentos, novas formas de cultivo, novas ideias e as relações linguísticas e religiosas.

O lucro com o comércio de escravos era tão grande que já não se trazia escravos só para o Brasil. Os escravos se tornaram o principal produto comercial dos portugueses, sendo negociados em toda a América. As guerras eram o meio mais comum e mais eficaz para conseguir mercadoria em quantidade; caso contrário, eram planejadas excursões de caça e captura com essa finalidade, envolvendo europeus e africanos no processo.

Semelhante a Bento (2002), a cultura de cada grupo, eles não se sentiam irmãos, motivo pelo qual uns caçavam os outros para aprisioná-los e vendê-los como escravos. Os grupos caçadores eram sempre em grande número e atacavam de surpresa. Os capturados eram retirados de sua terra natal, de suas aldeias, de suas casas e de suas famílias. Ficavam para trás as mães sem seus maridos e filhos sem seus pais, que eram o suporte familiar. Não obstante serem de diferentes culturas, eram seus semelhantes, compartilhavam a mesma origem e cor. Mesmo que fossem brancos, amarelos ou vermelhos, nenhum argumento, qualquer que seja, justifica tal agressão e brutalidade. O escravagismo não tornava os africanos escravos; fazia pessoas, seres humanos, escravos.

De acordo com Fonseca (2009), por quase três séculos e meio o comércio escravagista modificou o ocidente e fez com que a África perdesse vidas humanas que, provavelmente, fizeram falta ao seu desenvolvimento. Além do mais, toda essa ação indecente e criminosa, levada a cabo com o respaldo de pessoas importantes (o regime político de Portugal era a monarquia), que visava simplesmente o enriquecimento, não teve respeito pelo ser humano nem por sua dignidade.

Os impactos da ideia de raça na sociedade, em torno da qual se constrói o racismo, são muitos e agem diretamente na formação da sociedade. Em pleno século XXI pode-se observar que a democracia brasileira está incompleta. Segundo as afirmações de diversos pesquisadores, embora as desigualdades sociais tenham apresentado reduções nos últimos anos, continuam sendo uma marca da sociedade e racismo sendo uma estrutura dessas desigualdades, definindo as oportunidades para os brasileiros, dependendo do seu pertencimento.

Como aponta Silva (1993), os dados e análises sobre as desigualdades raciais na educação, no mercado de trabalho, e na saúde, demonstram que esse caráter nada democrático permanece na sociedade brasileira. Esse caráter se reflete em discriminações não só em relação às pessoas, mas, nos próprios conteúdos curriculares selecionados para serem trabalhados, não permite a construção de uma educação democrática. É evidente a formação moral eurocêntrica presente nos currículos de história e de outras disciplinas escolares.

O verbete do dicionário Houaiss para cultura – “conjunto de crenças, costumes, atividades, etc, de um grupo social” – amplia o conceito de tal forma que, no caso estudado, desfavorece sua compreensão por propiciar uma ideia de generalização dos assuntos relacionados à cultura Afro-brasileira. Costuma-se dizer que a religião é o candomblé, que a música é o samba e que a comida é a feijoada. (AZEVEDO, 1987, p 98).

---

Tudo muito simplificado, limitado e, até mesmo, erroneamente colocado aos estudantes. A herança de uma educação branca e eurocêntrica condicionou a formação dos profissionais do ensino a temas afastados das outras culturas, gerando um despreparo dos educadores em relação à África, o que se reflete nos livros didáticos e em suas aulas.

Essa realidade, na qual os preconceitos e as discriminações, mesmo não explicitadas, alimentam as desigualdades sociais e raciais, também se reproduz nas escolas. Em 2009, uma pesquisa realizada pela Fundação FIPE, a pedido do Instituto Anísio Teixeira (INEP), em 501 escolas públicas, baseada em entrevistas com 18.500 alunos, pais, mães, diretores, professores e funcionários, revelou que 99,3% das pessoas no ambiente escolar têm algum tipo de preconceito étnico/racial, socioeconômico, com relação a portadores de necessidades especiais, gênero e orientação sexual. Entre estes (99,3%), 94,2% têm preconceito étnico/racial.

Os preconceitos e discriminações impactam na formação das crianças e dos jovens, e acabam refletindo na sociedade brasileira como um todo. As memórias construídas nas escolas tornam-se relevantes, já que os grupos discriminados raramente têm (ou não têm) suas memórias e histórias trabalhadas nos espaços escolares. Essas memórias podem conduzir para o bem (entendimento de valores, de respeito, de dignidade) ou para o mal, quando o agressor tem noção da forma mais eficaz para conduzir uma humilhação, ou até mesmo, quando o agredido passa a crer na sua condição de pessoa inferior. A memória é importante na construção da identidade, sobretudo se concordar com Michael Pollak, quando ele afirma:

Podemos dizer que a memória é um elemento constituinte do, tanto sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p. 204).

A presença negra no Brasil, em todas as regiões e segmentos da sociedade, exprime uma grande diferença em relação às outras nações que surgiram nas Américas a partir da diáspora africana. É fundamental ter conhecimento da África para a formação da consciência social e histórica do povo brasileiro. Sendo assim, é importante problematizar estereótipos e distorções referentes ao continente africano, seus povos e sua história e, também, em relação à população negra brasileira. É de crucial importância discutir a reversão das ideias que afirmaram a falta de historicidade, sem capacidade de transformações, e a falta de humanidade dos povos africanos e da diáspora, que acabou gerando afrodescendentes no Brasil e em outras partes do mundo.

Para Freyre, 2005, p.76, as distorções causadas no imaginário social das visões influentes do chamado "pensamento social" das elites intelectuais, que menosprezam e negam a contribuição de matrizes africanas na formação da nacionalidade.

No período temporal entre o final do século XIX e os trinta primeiros anos do século XX, o Estado brasileiro financiou a imigração europeia visando substituir a população, que estava completamente mestiçada de brancos, negros e indígenas, sendo, por isso, considerada incapaz de construir uma civilização.

A imigração foi planejada e financiada com o objetivo de contrabalançar a importância das matrizes africanas. Porém, mais de três séculos já se haviam passados e o povo brasileiro se caracterizava pela miscigenação euro-afro-ameríndia, pelos usos e costumes, pelas religiões, etc, e, além disso, as influências ou as contribuições negras eram desprezadas, como se isso restringe o aporte africano, deixando a nítida impressão de que evolutivas e civilizatórias eram exclusivamente as matrizes europeias.

Nada é mais intrigante do que os atos atrozos cometidos por aqueles que se julgam evoluídos e civilizados, cujos valores de vida e dignidade são medidos pela ganância, que têm a presunção de se acharem superiores, mas que justificam seus atos apenas pela cor da pele.

José Honório Rodrigues, no livro "Brasil e África: outro horizonte" (1964) apresenta uma valiosa pesquisa a respeito da campanha legislativa para impedir a entrada de imigrantes não brancos no Brasil. Em conformidade com o autor, do início da República até o fim do Estado Novo:

Continuava dominante o pensamento de embranquecer o povo brasileiro e evitar a entrada de grupos não europeus, os dominantes, os superiores. O Decreto-Lei nº 7.967 de 18/09/1945, dispõe no seu artigo II: atender-se-á, na admissão dos imigrantes, a necessidade de preservar e desenvolver, na composição étnica da população, as características mais convenientes da sua ascendência europeia (RODRIGUES, 1964, p. 153).

---

O regime escravagista brasileiro foi o mais longo do continente americano e ainda são comuns os estereótipos, o negro é visto como um mero objeto de exploração, passivo, “estranho”, inadaptado; ou, então, independentemente do seu grau de instrução e posição social, é considerado um escravo ajustado à formação social, como agregado e dependente, vivendo no meio da família patriarcal brasileira.

A bibliografia mais antiga aborda visões da escravidão, dando-a como benigna aos negros, assim, eles eram disciplinados, evangelizados e os livrava de seu primitivismo. Por efeito da Lei nº 10.639 de 2003, cresce cada vez mais a circulação de livros didáticos que abordam a violência da escravidão como fator principal da brutalidade física, mental e espiritual dos seres humanos escravizados.

Porém, seu protagonismo e sua condição de contribuintes para a formação do desenvolvimento da sociedade, estão ganhando reconhecimento e compondo análises mais criteriosas e fundamentadas, com isenção de estereótipos e distorções. Percebe-se, então, “assimetrias entre o conhecimento das sociedades europeias, ameríndias e africanas nesta forma de abordagem do problema” (Mattos, 2003).

Muitas são as interpretações da escravidão. Os analistas e estudiosos da matéria tecem críticas de acordo com a sua visão. E não poderia ser diferente, caso contrário, bastaria uma única visão.

Acontece que algumas análises são feitas a partir do momento em que o cativo passa a ser escravo de fato, quando ele já está em alguma senzala, contribuindo com a produção de açúcar e de cachaça. É como se, por ser escravo, ele não existisse, não como ser humano. Essa formulação deixa a escravidão banalizada, natural, o que permite cogitar que ele (o negro) se encontrava na condição de escravo porque assim ele queria sem ter sido forçado a ela. Assim, também, é a interpretação de Hebe Mattos, conforme trecho do seu livro:

“Essa naturalização da escravidão negra, com base em uma premissa que torna o tráfico negreiro um fenômeno histórico, econômico e cultural derivado apenas da história europeia, é fruto de desconhecimento da história africana e de sua importância na articulação do mundo atlântico, presente na formação de pesquisadores e de professores brasileiros” (MATTOS, 2003, p. 133).

Desconhecimento. Esta talvez seja a palavra mais apropriada e a mais contraditória para definir as tomadas de posições, tanto passadas quanto atuais, em relação às práticas pedagógicas educacionais, voltadas para a educação étnico/racial no Brasil.

Desconhecimento da História da África e da História Afro-Brasileira. Desconhecimento da aptidão e da falta de capacidade dos profissionais da educação, sobre os quais pesa a responsabilidade de transformar as mazelas do étnico/racial em bem-estar social moral.

Heringer (2003) acha contraditória porque, as pessoas que têm a responsabilidade de organizar os conteúdos curriculares, as Leis de Diretrizes e Bases, as Políticas Públicas para a Educação e os Conselhos Estadual e Municipal da Educação, notadamente são pessoas que têm educação e cultura adquiridas em estabelecimentos de ensino, público ou privado. Essas pessoas não sabem, ou fingem não saber, da diáspora africana, da história do povo africano (um povo milenar, diga-se de passagem) e dos africanos (escravos) no Brasil. A lentidão com que as leis e as determinações são colocadas em prática, deixa no ar um quê de sabotagem e de mais uma prática discriminatória.

A luz dos seus saberes não ilumina o provérbio africano: “O conhecimento não é a coisa principal, mas as ações”.

Pressupondo que a educação seja a principal ferramenta para enterrar de vez as discriminações, os preconceitos, as diversidades e caminhar rumo à igualdade, sendo transformadora dessa sociedade contaminada por ideais avessos aos valores sociais, é necessária uma ação mais eficaz e contundente, deixando de lado o campo teórico e exalte a prática.

Angela (2007) traz que os currículos devem ser abrangentes e profundos, visando englobar todos os tópicos do tema, cujo conteúdo é extenso e não permitirá que sua abordagem seja superficial. Por outro lado, o currículo regular não deverá ser relegado ao segundo plano.

A morosidade com que o assunto étnico/racial foi tratado demonstra que o governo não está nem um pouco interessado em seu avanço. Desde os anos 1950/60, quando os movimentos negros organizados reivindicaram a inclusão da História da África e História Afro-Brasileira, nos currículos educacionais, para a educação étnico/racial e combate à diversidade, até 2008, quando foi sancionada a Lei nº 11.645, transcorreram-se, aproximadamente, 50 anos.

---

Se o tempo que se perdeu tivesse sido aproveitado para especializar professores em cursos de formação voltados para o étnico/racial e, concomitantemente, os conteúdos específicos tivessem sido incluídos nos livros didáticos e nos currículos educacionais, para, pelo menos, atender o que determina a Lei nº 10.369, um grande passo teria sido dado e, em breve, teríamos uma geração com consciência social e de cidadão formadas, com subsídios críticos para discutir a naturalização do preconceito e da discriminação.

A falta de visão e planejamento daqueles que têm a prerrogativa de ditar e impor as leis acarreta atrasos consideráveis nas questões urgentes, em particular naquelas de cunho social, como é o caso da Lei nº 11.645/2008, que foi criada para incluir nos currículos escolares a obrigatoriedade do ensino da história indígena brasileira. Ora, esta lei, juntamente com a Lei nº 10.639/2003, altera a Lei nº 9.394/1996, cujo assunto já constava da pauta das Políticas Públicas Educacionais.

Em conformidade com Bento, 2002, p. 89, muitas barreiras serão encontradas no caminho da transformação da sociedade tendo a educação como agente transformador. Uma delas é a liberação de verba para subsidiar os Cursos de Formação de Professores para a Educação Étnico/Racial, para professores que já estão na Rede Oficial de Ensino. Afinal, não é culpa deles se nos currículos escolares, quando eram estudantes, não constavam os conteúdos para aprendizagem das relações étnico/raciais, e que agora, por força das novas determinações, terão que se reinventar, pedagógica e didaticamente.

Similarmente a Bento, 2002, p. 76, Outra barreira a ser transposta é a que diz respeito ao próprio eu dos educadores, não basta só a qualificação: tem que haver comprometimento. Não deve ser uma questão de encher duas ou três lousas de matéria, usar o critério de matéria dada e pronto. Não requer sensibilidade na abordagem, nas respostas e nas explicações.

“É o saber da história como possibilidade e não como determinação. O mundo não é. O mundo está. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono; meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da história, mas seu sujeito igualmente. No mundo da história, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar (FREIRE, 2005, p. 77)”.

Os objetivos apontados na perspectiva teórica da educação tida como popular, ao se configurar ações educativo-formativas devem, prioritariamente, se comprometer com as transformações das relações societárias, sendo, especificamente nesse caso, das relações étnico/raciais de índole segregacionista que estigmatizam de maneira excessiva a organização social brasileira:

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parafrazeando, Bento, 2002, p. 45: “Preconceito e discriminação existem. Eles estão dentro da sociedade. Na maioria das vezes eles vencem”.

Estes dizeres sintetizam bem o que ocorre em todas as camadas da sociedade brasileira. A rigor, assiduamente nas camadas mais elitizadas que, supostamente, possuem melhor nível de escolaridade do que se presume maior grau de civilidade. Ser civilizado é um termo enganoso que não beneficia nenhuma sociedade do que é consciência social, dos seus valores e de respeito às desigualdades. Ao contrário, o que se vê são demonstrações de força e de poder, como nos casos do holocausto e do tráfico de escravos africanos.

Sem violência, mas com enorme sutileza, são as situações discriminatórias detectadas por pesquisas e narradas pelos próprios pesquisadores. Seguem alguns exemplos:

- No atendimento judiciário, o tempo de espera para evolução de processos, que envolvem detentos negros, sempre é maior em comparação aos que envolvem detentos brancos; até, com relação à assistência jurídica, os advogados mais inexperientes são os indicados para proceder à defesa dos negros. Sérgio Adorno (1994).

Na Constituição da Federação Brasileira, promulgada em 1988, em seu texto referente à educação, consta que: “todo” cidadão tem direito à educação, sendo um dever do Estado preservar este direito. O problema é saber o que era a constituição para fazer valer este direito.

Referente aos Parâmetros Curriculares Educacionais é do conhecimento de todos, pelo menos há uma presunção de que assim seja, de que eles não atuem com imposição, mas sim como direcionadores, apontando objetivos e metas. São parâmetros para uma educação igualitária. No entanto, tendo a cidade de São Paulo como exemplo, se o currículo de uma escola localizada no Bairro da Consolação

---

for comparado ao currículo de uma escola localizada em um bairro periférico, tipo Cidade Tiradentes ou Guaianases, será constatado que os conteúdos são iguais, porém, a discrepância de aprendizado é enorme.

Esse fato ocorre porque as autoridades envolvidas demandam maior atenção e tempo para as escolas centrais do que para as periféricas, conseqüentemente os problemas se acumulam. As questões citadas e muitas outras que se enquadram no contexto étnico/racial têm características puramente discriminatórias, de formato segregativo. Formato construído pela sociedade e que vem sendo moldado no decorrer dos tempos, mas, agora, deixa maior peso da responsabilidade da transformação a cargo da educação. Necessário é acreditar que a educação dará uma grande contribuição e que, com certeza, fará a sua parte.

O que não se pode esperar, pelo que já vimos, é a benevolência dos detentores do poder econômico e seus apadrinhados políticos, como, também, não se pode esperar uma transformação repentina, como num passe de mágica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANGELA C.. M.. Eduardo R. de A. História e Cultura Afro-Brasileira: POSSIBILIDADES E IMPOSSIBILIDADES NA APLICAÇÃO DA LEI 10.639/2003. **Revista Ágora**, Vitória, n. 5, p. 1-12, 2007.
- AZEVEDO, C. M. M. **Onda negra e medo branco: o negro no imaginário das elites: século XIX**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- BENTO, Maria Aparecida da Silva. **Racialidade e produção do conhecimento**. In: SEYFERTH. et .al. racismo no Brasil, p. 45-52. São Paulo: ABONG; ação educativa; ANPED, 2002.
- BRASIL, **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006.
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala** - Edição Comemorativa. 50ª edição,. Rio de Janeiro: Global. 2005.
- FONSECA, Marcus v. **população negra e educação: o perfil racial das escolas mineiras no século XIX**. Belo Horizonte: Mazza, 2009b.
- GONÇALVES. L.A.O. Negros e educação no Brasil. in: Lopes, Eliane Marta T; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive da (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autentica, p. 325, 2000.
- HERINGER, E. Promoção da igualdade racial no Brasil: um objetivo democrático. **Tempo e presença** 42/43, jan./jun. 2003.
- MATTOS, R.A. **Historia e cultura afro – brasileira**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- SILVA, Petronilha B.G. **Diversidade étnica – racial e currículos escolares dilemas e possibilidades**. Caderno CEDES, Campinas, n, 32 p. 25-34,1993.



---

### ELISÂNGELA OLIVEIRA SILVA

Licenciatura Plena Pedagogia pela Universidade Nove de Julho, UNINOVE, SP; Pós graduada em Educação Inclusiva pela Faculdade Campos Elíseos, SP; Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP.

---



## A ARTE E SUA IMPORTÂNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

GABRIELA AMORIM GUERRA BEZERRA

### RESUMO

Na educação infantil a Arte está presente a todo momento, por meio de músicas, danças, pinturas, desenhos, teatros e até mesmo na contação de histórias, na qual o professor é o coadjuvante e ao contar histórias leva para as crianças o mundo da imaginação e com ele a Arte. Ainda é comum que professores desenvolvam atividades de Artes com sucatas em geral, disponibilizem revistas para recorte, colagem e rasgaduras, acreditando que a Arte seja somente isso. O papel do professor mediador deve ser de organizar o ambiente, promover situações problema, propostas e provocações estabelecendo correlação com a faixa etária das crianças.

**Palavras-Chave:** Artes. Desenvolvimento. Estimulação. Expressão. Provoações.

### INTRODUÇÃO

Ao se trabalhar com a Arte na Educação Infantil, o professor estará abraçando o mundo com o corpo todo! Para que isso seja cabível, necessitamos dar o direito da criança se expressar do jeito dela, com a estética que lhe é peculiar e de todas as formas possíveis. Quanto mais elementos artísticos o educador apresentar para as crianças, mais rica será a linguagem e a expressividade delas. Dançar, pintar, cantar e dramatizar, dentre outras formas de expressão humana, são linguagens artísticas.

O funcionamento da sociedade moderna se foca na inteligibilidade, na esfera racional de resolução de problemas e situações. Dessa forma, nos fragmenta e relega a um segundo plano tudo que é sentimento. "Assim, a dança, a festa, o ritual, são afastados do nosso cotidiano, que vai sendo preenchido apenas com o trabalho utilitário, não criativo, alienante" (DUARTE JR., 1985, p. 64).

Ao compreender a educação como algo lúdico e estético, permite-se aos nossos educandos um maior contato consigo mesmos. Permite-se que desenvolvam e eduquem seus sentimentos, ao invés de, simplesmente, contê-los.

De acordo com Barbosa (1975, p. 31): "A arte não tem importância para o homem somente como instrumento para desenvolver sua criatividade, sua percepção, etc.; mas tem importância em si mesma, como assunto, como objeto de estudos".

Tratada anteriormente como mera experiência de sensibilização e conhecimento genérico, a disciplina de Arte atualmente objetiva promover o desenvolvimento cultural e estético dos alunos, por meio de práticas de produção e apreciação artísticas, fundamentais à formação e ao desempenho social.

A Arte contribui de forma significativa para o desenvolvimento integral do indivíduo.

Durante o processo de conhecimento das Artes são envolvidos, além da inteligência e do raciocínio, o afetivo e o emocional, que estão presentes além da vida escolar.

Por meio das Artes, a criança expressa suas emoções, seus sentimentos e interage com as pessoas e o ambiente, contribuindo para o desenvolvimento integral do ser humano, em sua vida além da escola.

A sociedade tem o costume de ver a arte como uma maneira de diversão considerando como um lazer. Há a necessidade de se incorporar, na educação das crianças maneiras de expressões diversas, criação, invenção, que é justamente o que se constrói com a arte, estimula as crianças a pensarem e se expressarem de maneira livre, fazendo parte das múltiplas linguagens.

---

## A CRIANÇA E A CURIOSIDADE

A criança é um ser curioso e apto a explorar sempre. Neste sentido, no contexto escolar, ela precisa vivenciar situações que estimulem e despertem ainda mais a sua curiosidade, para que possa revelar as suas características, externar as suas dificuldades, os seus sentimentos, talentos e expressões próprias.

Há estudos que mostram que o ser humano compreende o mundo por meio da relação com os sons, com a escrita, com as imagens e expressões corporais, pois da mesma maneira que se aprende a ler palavras é possível fazer leituras dessas relações e desta forma compreender melhor o mundo em que se vive.

Estudando a Arte é possível fazer uma ressignificação da realidade, uma vez que, a troca de experiências que ocorre nas escolas mostra que cada pessoa compreende a mesma coisa de maneira diferente, construindo o próprio conhecimento.

Pode se dizer que o indivíduo que não possui um contato direto com a Arte, terá uma experiência de aprendizagem limitada, pois,

Escapa-lhe a dimensão do sonho, da força comunicativa dos objetos à sua volta, da sonoridade instigante da poesia, das criações musicais, das cores e formas, dos gestos e luzes que buscam o sentido da vida. Apenas um ensino criador pode favorecer a integração entre a aprendizagem racional e estética. (PCN'S de Artes 1997; p.39)

De acordo com Freire (1996):

Ensinar significa acompanhar e instrumentalizar com intervenções, devoluções e encaminhamentos esse processo de mudança de apropriação do pensamento, dos desejos e sonhos de vida. Educador ensina, enquanto ensina aprende a pensar (melhor) e a construir seus sonhos de vida. (FREIRE, 1996, p.17).

Segundo Ferraz e Fusari (1993)

O trabalho educativo em arte deve apresentar grande vitalidade e dinamismo, acrescido de processos criativos, pois se faz de uma forma interativa entre criança-adulto-ambiente natural e cultural. Mas ainda, os modos de entender a relação professores-alunos e ensino-aprendizagem são compartilhados pelas linhas de ação educativa das várias linguagens expressivas (visual, sonora, dramática, corporal, audiovisual, verbal, poética). (FERRAZ E FUZARI, 1993, p.111)

Quando o aluno participa da construção do conhecimento, sendo um processo contínuo onde aprender é sempre uma descoberta que pode ser agregada ao seu ser, as aulas de Arte podem ajudar a desenvolver e a expressar suas escolhas.

## AS ARTES E AS CRIANÇAS

Ao se falar em Arte, o primeiro pensamento que nos vêm à tona é enxergar folhas, desenhos, pinturas, mas precisamos enxergar além, como começar a dar valor ao Teatro, à Dança e à Música, como linguagens tão importantes para se trabalhar na Educação Infantil, quanto às linguagens visuais (desenhos, pinturas, obras, entre outros).

A variedade em Artes é ampla e deve ser desenvolvida desde a Educação Infantil. Para que possamos conhecer um pouco mais a respeito, esse artigo fará um breve histórico de cada Arte.

As Artes devem proporcionar ao aluno a busca pela percepção e imaginação, tanto na forma de conhecer quanto por meio de suas ações em realizar atividades artísticas estabelecendo relações de intimidade com o corpo e com a noção de criatividade que é nata a todos os seres humanos.

A dança e o teatro agem como tarefa de desenvolvimento corporal, reflexão e criatividade, fazendo com que o aluno desenvolva sua percepção sobre o mundo em que vive.

O corpo transmite nossa personalidade, nossa sexualidade, e sensibilidades que fazem de nós, seres autênticos e, portanto, únicos.

---

A dança e o Teatro como instrumentos educativos ainda não tem sido compreendidos em suas potencialidades para a formação educacional, cultural e histórica de crianças e jovens dentro do espaço escolar.

Ao dançar, a criança cria um desenho do seu corpo no espaço, produzindo o seu próprio espaço, denominado espaço do corpo. Esse fenômeno acontece também no teatro. Toda vez que existe investimento afetivo do corpo, existe o espaço do corpo.

De acordo com Gil (2004):

O corpo tem de se abrir ao espaço, tem de se tornar de certo modo espaço; e o espaço exterior tem de adquirir uma textura semelhante à do corpo a fim de que os gestos fluam tão facilmente como o movimento se propaga através dos músculos. O espaço do corpo, como espaço exterior, satisfaz esta exigência. O corpo move-se nele sem enfrentar os obstáculos do espaço objetivo estranho, com os seus objetos, a sua densidade, as suas orientações já fixadas, os seus pontos de referência próprios. (...) (GIL, 2004, p.50).

O espaço objetivo exterior é substituído pelo espaço do corpo, se tornando sem viscosidades, onde o interior e exterior são um só, portanto ao se trabalhar com o teatro e a dança o processo de ensino aprendizagem será significativo para a criança, por meio das linguagens artísticas.

Ao desenvolver atividades de expressão artística, não se pretende formar artistas, mas um ser espontâneo, vivo, dinâmico, capaz de exteriorizar seus pensamentos, sentimentos e sensações e de utilizar diversas formas de linguagem.

Devemos refletir sobre a arte na escola para além do desenho ou da pintura. Outras linguagens, como a dança e o teatro não podem ser sinônimos de festividade apenas. Elas são estratégias para que as crianças se apropriem do conhecimento de forma significativa, desenvolvendo a criatividade, a coletividade, o respeito, o autoconhecimento e contribuindo para a formação do ser sensível, crítico e reflexivo, que se expressa e se comunica.

As crianças são artistas naturais. Desde a infância, eles se deliciam com a interação de luz e sombra, forma e cor. Objetos pendurados em um móvel e as formas elementares de bolas e blocos os fascinam. À medida que as crianças se desenvolvem, elas conectam o visual e o tátil: brincar de cereal derramado, esculpir areia em uma praia, pintar com os dedos e rabiscar com giz de cera. Eles criam sombras em manchas de luz solar e distribuem bastões para formar padrões.

No momento em que a maioria das crianças ingressam no ensino formal, passaram de anotações e empilhamento para uma representação mais deliberada de duas e três dimensões. Para crianças menores, as primeiras representações geralmente são de realidades internas. Quando solicitados a descrever suas obras, eles contam histórias detalhadas e imaginativas. Com o passar do tempo, os desenhos e esculturas das crianças começam a refletir suas observações do mundo.

Quando a arte é valorizada como assunto central, as obras de arte infantis proliferam nas salas de aula e nos corredores. As obras incorporam temas de outras disciplinas e são criativas e individualistas.

O aprendizado de arte depende de um sistema complexo de funções perceptivas, cognitivas superiores e motoras, sugerindo assim um substrato neural compartilhado e um forte potencial para transferência cognitiva cruzada na aprendizagem e na criatividade. Dentro de poucas semanas, por exemplo, bebês humanos podem imitar e agir como se estender a língua em resposta a alguém mostrando a língua para eles - como a criança sabe exatamente o que a ação motora planeja implementar com base apenas em uma contribuição visual? Os neurônios-espelho podem ser responsáveis por essa capacidade, traduzindo a entrada visual para a saída do motor, subjacente a uma conexão entre as artes visuais e o movimento, e as artes e a música auditivas. Desde os tempos pré-históricos, a arte tem sido uma forma de comunicação profundamente impressa na natureza humana; o ato de experimentar a arte e a apreciação estética no "receptor" também tem o poder do efeito inter-cognitivo a qualquer momento durante o desenvolvimento individual.

A capacidade de tolerar a ambiguidade e a incerteza durante o processo criativo é um importante traço mental. A tolerância à ambiguidade também é um atributo importante no aprendizado da ciência para lidar com as complexidades e ambiguidades do conhecimento científico. Ao contrário de seu estereótipo popular, a ciência está repleta de ambiguidades e contradições que precisam ser resolvidas para que o aprendizado continue.

---

O aprimoramento da aprendizagem continua sendo um desafio, particularmente no ambiente escolar. Embora a explicação direta pareça a melhor abordagem para o ensino de qualquer assunto específico no currículo, é bem conhecido que a capacidade de absorver fatos e conceitos é grandemente aumentada colocando-os em um contexto mais amplo de relevância para as questões da qualidade cotidiana.

Definir a arte como um sistema comunicativo que transmite ideias e conceitos explicando por que é possível que as mesmas estruturas cerebrais apoiem outras funções cognitivas, como a linguagem humana, envolvidas em artes como a música ou o desenho. Essa caracterização pressupõe milhões de anos de evolução cerebral e estratégias adaptativas biológicas. Como um sistema comunicativo multidisciplinar, as artes fornecem uma plataforma ideal para aprender sobre o prazer de conhecer, que por sua vez fornece a inspiração motivacional para explorar mais, fazer perguntas, analisar e sintetizar, e se envolver em pensamento convergente e divergente.

De acordo com Oliveira (2007):

As habilidades de descrever, analisar e interpretar sejam trabalhadas com vigor em sala de aula, pois serão elas o subsídios para atender a qualquer metodologia de leitura de imagem que o professor venha a escolher para trabalhar... esse exercício passo a passo com as habilidades de descrever, depois analisar e só depois interpretar permite uma construção mais aprofundada das habilidade necessárias para a leitura. Trabalhar a habilidade de descrição significa estimular a própria natureza da criança da educação infantil que, ao olhar uma imagem, é capaz de prazerosamente descrevê-las com detalhes, pois antes da leitura das letras, as crianças desenvolvem naturalmente e significativamente uma leitura da imagem... Quanto a habilidade de analisar, queremos chamar a atenção de analisar, queremos chamar a atenção para a importância do desenvolvimento da capacidade de analisar o discurso visual (um discurso sintético por natureza), pois ela que permite ao leitor perceber como a imagem diz aquilo que diz. Já a interpretação é produto das relações entre o que foi analisado, somando-se a isso informações históricas sincrônicas e diacrônicas ligadas à imagem lida e a produção do artista estudado. (OLIVEIRA, 2007, p.256- 257.)

Percebe-se que por meio das Artes as crianças descobrem o mundo e organizam-se nele, estando livres para construir e reconstruir, num diálogo entre pensamento e sentimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ler e conhecer a função da arte na educação propicia um enriquecimento, fazendo com que se entenda a contribuição e a importância da mesma na vida das pessoas em geral, seja crianças, jovens, adultos ou idosos. A arte favorece o contato das pessoas com a própria cultura e também com outras culturas.

Neste artigo percebeu-se que o desenho enquanto arte-educação é uma ferramenta para aquisição do conhecimento, e, que a depender da orientação torna-se algo de fundamental relevância para a criança no início da sua vida escolar. O estudo a respeito da arte-educação deixa claro que ele tem grande importância para o desenvolvimento da criança, mas a sua prática acaba não se concretizando devido a fatores como: falta de capacitação dos professores para o ensino da arte-educação, a imposição do currículo, o qual é constantemente mudado no percorrer da história das artes, e a cada mudança ocorre uma readaptação, a qual não contempla amplamente a arte educação com o seu grau de importância.

Por meio das artes podemos ler e escrever o mundo. Essa que é a leitura mais importante para o desenvolvimento cognitivo. Não podemos ler e escrever sem primeiro fazer uma conexão com o nosso interior e com o mundo ao nosso redor. A imposição de aplicar desenhos prontos para a criança faz com que ela não estimule o seu raciocínio, e com isso exercitar o seu pensamento; fator que faz com que ela desenvolva a sua personalidade, o que a torna independente se percebendo capaz de fazer suas próprias construções sem precisar de modelos já pré-fabricados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

BARBOSA, A. M. Entrevista. **Revista Educação**. São Paulo: Editora Segmento. n. 97, 1997. Disponível em: [http://www.abtbr.org.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=69&Itemid=2](http://www.abtbr.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=69&Itemid=2). Acesso em: 10 set.2022.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF. V. 3, 1998.

BRASIL. MEC. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais (1ª a 4ª Séries): Arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

DUARTE JR., João Francisco. **Por que arte-educação?** Campinas: Papyrus, 1985.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. & FUSARI, Maria F. de Rezende e. **Metodologia do ensino de arte**. São Paulo: Cortez, 1993.

FREIRE, P. 1921-1997. **Política e educação: ensaios/Paulo Freire**. -5. Ed. Editora Afiliada - São Paulo, Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época; v.23).

GIL, José. Nuno Nabais. **Corpo, Espaço e Poder**. Lisboa: Litoral Edições, 1988.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. **Arte, educação e cultura**. Santa Maria: UFSM, 2007



---

**Gabriela Amorim Guerra Bezerra**

Graduação em Pedagogia, pela Universidade Cruzeiro do Sul, UNICSUL, Pós-Graduação em Deficiência Intelectual. Professora de Educação Infantil, PEI na Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP.

---



1/2 Germany

Germany

10

10

Germany



## A IMPORTÂNCIA DA CULTURA DIGITAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

GENI SANTANA CARDOSO

### RESUMO

O objetivo apresentado nessa pesquisa, será o de compreender os impactos da cultura digital na etapa da Educação Infantil e por meio dessa reflexão analisar os desafios da escola e dos professores da era digital na estimulação das crianças da primeira infância. O aprendizado acerca dessas novas metodologias de ensino ativo, ocorre nesta contemporaneidade de modo colaborativo e por meio das vivências e interações que coloca a criança como protagonista da sua aprendizagem. Diante desse contexto a metodologia utilizada foi uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo. Os procedimentos utilizados na coleta de dados foram embasados em leitura de artigos, livros e documentos vigentes ao qual tiveram por finalidade compreender a relevância do processo educativo associado a cultura digital e as inovações da prática pedagógica. Os resultados apontaram que o trabalho com a estimulação da cultura digital no contexto da Educação Infantil, além de promover as crianças flexibilidade para aprender e ensinar, também promove sua participação ativa no mundo da cultura e do conhecimento. Como considerações finais foi possível concluir que a aquisição do conhecimento a partir dessa interatividade compreende tempos e espaços mais motivadores, dinâmicos e acessíveis ao desenvolvimento humano.

**Palavras-chave:** Acessibilidade. Cultura. Desenvolvimento. Interações. Vivências.

### INTRODUÇÃO

A tecnologia está invadindo a vida das pessoas e nesta contemporaneidade é impossível ensinar e aprender sem o uso dessas ferramentas na escola. A Base Nacional Comum Curricular, documento de referência na Educação Básica apresenta em suas orientações o quanto é importante nessa etapa da escolarização na Educação Infantil, também se trabalhar com temas de tecnologia digital, e um bom exemplo disso dentro do próprio documento, está exemplificado por meio da competência de número 5 “cultura digital” (BRASIL, 2018).

A cultura digital nasce dessa ideia de entender que práticas pedagógicas podem ser utilizadas para gerar novas formas de ensinar, se comunicar e pensar, construindo relações de autoria dentro de um contexto lúdico, crítico e criativo. E tratar desse assunto na etapa da Educação Infantil envolve muito mais que saber fazer uso de ferramentas digitais, mas aprender como o mundo funciona sob o olhar das diferentes linguagens, tendo em vista que a fase atual é um tempo que valoriza muito mais a colaboração, a troca de conhecimento e a conexão entre as pessoas (BRASIL, 1998; BRASIL, 2018).

Foi pensando nesse contexto contemporâneo que a pesquisa teve por objetivo geral, compreender e entender possibilidades e impactos da cultura digital na etapa da Educação Infantil, já os objetivos específicos tiveram por finalidade, refletir conquistas e desafios da escola na era digital; compreender e utilizar as tecnologias e ferramentas digitais a partir de vivências e interações lúdicas; e por fim pensar a formação educativa a partir dos precedentes da produção colaborativa e da inovação da prática pedagógica digital.

O método utilizado foi uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, ao qual teve por procedimentos de análises e coleta de dados, pesquisas e leituras realizadas de artigos, livros, revistas e documentos vigentes, disponibilizados na internet, e no qual foi possível refletir as contribuições da cultura digital na etapa da Educação Infantil.

---

## EDUCAÇÃO E CULTURA DIGITAL

Com o advento da inserção da cultura digital na educação, surgem na escola novas ferramentas, estratégias e formas diferenciadas de ensinar as crianças a pensar, ou seja, as tomadas de decisões e as interações em torno do próprio conhecimento passam a girar com base em ferramentas digitais e tecnológicas. Essa relação ocorre, “não somente porque vivemos em uma sociedade midiática, mas porque a educação depende da comunicação para se concretizar” (ALMEIDA, 2011; TONUS, 2008, p.229).

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC, dentro do segmento da Educação Infantil é organizada a partir de princípios que possuem por finalidade prover por competências básicas garantindo ao aprendiz um conjunto de atividades baseadas em campos de experiências, no qual seja possível garantir que os direitos de aprendizagens sejam desenvolvidos e façam parte da prática educativa desses pequenos dentro e fora da sala de aula (BRASIL, 2018).

Destaca-se ainda dentro da própria base que os direitos de aprender na educação devem ser sistematizados a partir de diferentes áreas e linguagens, envolvendo nesse contexto o direito de brincar, interagir, investigar e explorar saberes, de modo que esses sujeitos aprendam a fazer descobertas, ampliar suas narrativas e seu conhecimento de mundo físico, científico e tecnológico, inserindo de fato a criança pequena no mundo da cultura e do conhecimento (BRASIL, 2018).

Tal narrativa leva em consideração não apenas o levantamento de dados de documentos vigentes, mas a nova caracterização de criança e infância, que nesta da contemporaneidade já nascem imersos nessa questão da cultura digital, demonstrando fácil interação com as ferramentas digitais e tecnológicas, e a prova disso é a naturalidade com que são presenciadas crianças desde pequenas manuseando celular, jogando em tablets, acessando câmeras, mexendo no computador, assistindo vídeos e filmes no Youtube, interagindo com fotografia e imagens, ou seja, usando essa conectividade não apenas como entretenimento, mas para produzir suas próprias histórias e narrativas (BACICH; MORAN, 2018; BRASIL, 2018).

Desse modo, cultura digital pode ser entendida como a cultura da inovação e da transformação, tendo em vista o avanço da tecnologia na sociedade moderna, as novas plataformas de distribuição de conteúdo, as diferentes formas de produções coletivas de conhecimento tendo em vista as ferramentas digitais e as muitas possibilidades de interação, comunicação e propagação do conhecimento que o mundo digital promove ao público infantil (BACICH; MORAN, 2018; BRASIL, 2018).

Segundo explica Bacich; Moran (2018), a prática inovadora significativa dentro desse contexto implica uma escola que vive um momento onde a cultura digital é extremamente valorizada, que entende que as crianças que ali estão devem ser protagonista do seu processo de aprender, percebendo a diferença de entendimento das coisas e do mundo. Para tanto, a escola precisa dar voz a juventude e a diversidade que ali habita, rompendo com o tradicional e pensando sua prática como um projeto de vida e intervenções sociais.

## VIVÊNCIAS E INTERAÇÕES NA PARTIR DAS FERRAMENTAS DIGITAIS

Os principais fundamentos que norteiam o fazer educativo acerca das vivências e interações com as ferramentas digitais na Educação Infantil, envolvem principalmente a valorização da criança pequena como protagonista e produtor de cultura. E nessa combinação as ferramentas digitais torna-se uma forma de respeitar os direitos de aprender, interagir e brincar das crianças pequenas na escola (BRASIL, 2018).

Os primeiros anos das crianças pequenas na escola é um processo que demanda o cuidado com as suas singularidades, isso porque é um momento marcado por sensações e estímulos ao qual elas vão diversificar vínculos, interagir com outras pessoas e explorar as múltiplas linguagens a sua volta. E o papel do professor em meio a essa estimulação, é o de proporcionar a esses pequenos o enriquecimento de suas potencialidades e da sua cultura, tendo em vista o uso da linguagem tecnológica na construção de vivências e interações significativas as crianças (MALAGUZZI, 2016; MORAN, 2014).

Nesse contexto, nota-se que a escola contemporânea está passando por um período marcado pela convergência e pela integração, o que significa que as telas, as mídias e as tecnologias são mais que ferramentas de ensino, mas também instrumentos culturais, e como tal não deve ser alheia a educação escolar, primeiro porque é uma forma de estruturação do pensamento humano, depois por compreender mudanças nas formas de se relacionar no mundo e com o mundo (BACICH; MORAN, 2018; MORAN, 2014).

---

Essa visão mais ampla em torno dos precedentes das vivências e interações com a cultura digital é algo que há tempos está em evidência na sociedade contemporânea, graças principalmente a implementação de documentos vigentes como a BNCC, Parâmetros Curriculares, Diretrizes e Referencial Curricular. É através da valorização de suas propostas que as crianças da primeira infância passam a ter a oportunidade de melhor explorar essa imensidão de recursos, linguagens e contextos que estão ao seu alcance, e com isso tendo a possibilidade de explorar e descobrir cem mundos a sua volta (ALMEIDA, 2011; MALAGUZZI, 2016).

Nesse sentido, é fundamental não deixar que essa infância seja roubada, mas que a multiplicidade de vozes, vivências e interações permeadas por esse cenário seja compreendida como algo subjetivo, ou seja, promovendo entre a criança e o mundo o ajuste de suas ideias e principalmente a sua capacidade para entender com significância a função social dessa competência em suas vidas (MALAGUZZI, 2006).

Conforme complementa Moura (2009), a função social da escola enquanto espaço de convivência, deve ser assim, regido por uma educação que busque fazer a diferença na vida de todos, que vise não apenas conteúdos didáticos, mas atividades pautadas na interação com o mundo do conhecimento, da brincadeira e dos estímulos necessários para que esses pequenos possam explorar o mundo a sua volta de modo mais ativo, criativo e intencional.

## **A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO EDUCATIVA NA ERA DIGITAL**

Tornar as aulas mais dinâmicas, estimular a prática do conhecimento lúdico, inovar nas formas de transmitir o conhecimento, abusar do uso dos recursos digitais, tecnológicos e da criatividade desde a Educação Infantil é um dos maiores desafios do professor nesta contemporaneidade, isso porque compreendem além da construção de novas aprendizagens e experiências, também contextos de relações sociais que auxiliem esses pequenos a fazer conexões e descobertas sobre o mundo físico, social e digital (BACICH; MORAN, 2018).

Apesar de a tecnologia ser entendida como uma inovação educacional, a incorporação dessas práticas é algo muito mais amplo, o que significa “outros modos de planejar e outras formas de organizar os saberes e conhecimentos” das crianças pequenas, necessitando dos professores de uma verdadeira mudança de postura, assim como mudança na organização e dinâmica da sala de aula (ALMEIDA, 2011).

Por essas e outras razões a formação dos professores torna-se entre outros fatores também um dos grandes desafios a ser enfrentado no século XXI, isso porque é preciso compreender como estruturar essa formação de maneira alinhada com documentos vigentes e as práticas pedagógicas inovadoras da era digital, e a partir daí conseguir garantir e assegurar as crianças da primeira infância, também se desenvolver a partir métodos de ensino mais criativos, dinâmicos e interativos. Nesse contexto a formação educativa se apresenta como uma possibilidade de preparar professores capazes de ter práticas didáticas que façam com que essas crianças possam aprender a aprender a ter convivência democrática, a refletir sobre um determinado processo (ALMEIDA, 2011; DELORS, 1998).

Para Delors (1998) e Almeida (2011), a escola do século XIX que organizou o mundo da aprendizagem, inclusive referência para o mundo do trabalho já ficou para trás, o que as crianças dessa modernidade necessitam é de mediadores que possam realizar reflexões mais integradas, do ponto de vista colaborativo com as demandas do século XXI, o que implica um melhor acesso a fundamentos básicos ligados também a cultura digital nos diferentes tempos e espaços da Educação Infantil. Tal relação também está ligada a um princípio básico disposto pela UNESCO, que implica em aprender a aprender e aprender ao longo da vida, desenvolvendo a capacidade de continuar estudando sempre, para utilizar a ciência e a tecnologia de forma mais crítica, criativa, reflexiva e principalmente colaborativa.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Não é novidade que o mundo e as formas de propagar o conhecimento mudaram muito, e tudo isso graças a evolução tecnológica, que junto com as ferramentas digitais também trouxe muita praticidade para todos e também muitos desafios para educação, como por exemplo a escola estar alinhada a uma nova geração de conhecimento. E dentro desse contexto a escola e os professores possuem um papel cada vez mais importante, que é o de se tornar um espaço mais atrativo e motivador a ampliação dos conhecimentos, habilidades e atitudes das crianças na escola.

Nessa dimensão disposta é possível perceber que o uso da cultura digital atrelado as práticas pedagógicas não se faz na escola apenas por meio de entretenimento, mas por conta de um valor bem

---

maior que é promover as crianças da Educação Infantil, experiências, vivências e interações que extrapolem os conhecimentos do senso comum. E isso significa fazer com que as crianças mesmo na Educação Infantil, perceba a diferença de entendimento das coisas e do mundo.

Diante desse contexto, entende-se essa etapa da Educação Infantil como um segmento da sociedade, ou seja, uma espécie de tempo e espaço pelo qual os indivíduos passam, e ao adentrar nesse segmento compartilham, assimilam e reagem diferentes referências e influências culturais, o que as fazem produzir cultura, e conseqüentemente tornar-se protagonistas de suas experiências e vivências. E esse compromisso com a educação e com os valores acerca desses fundamentos é algo que implica práticas, posturas e posicionamentos que extrapolem os conhecimentos do senso comum, tendo em vista que a criança é um sujeito de direitos e como tal necessita de embasamento teórico e prático para que possa se desenvolver integralmente na escola e no mundo.

Dessa forma, é possível considerar que a escola embora tenha passado por tantas mudanças e transformações, ainda vive uma fase de inovação e reinvenção educativa, e isso não apenas por conta do crescente número de alunos na escola, mas decorrente de estrutura física, de adaptação de estratégias e metodologias de ensino, de qualificação de professores e gestores para melhor lidar com as tecnologias digitais na escola e com essa nova geração de estudantes que estão chegando.

Como se percebe a cultural digital já faz parte do dia a dia de todos e excluí-la da experiência desse aprendizado e dessa estimulação, pode significar a curto, médio ou longo prazo um atraso em seu desenvolvimento. Neste contexto a educação pode ser entendida como uma ação e uma mobilização revolucionária, proporcionando a quem a utiliza ampliar seus horizontes a partir de um conhecimento e de uma ascensão social.

Nesse sentido, é possível concluir que a utilização dessas estratégias na Educação Infantil, além de ser algo inovador, permite uma troca de experiências entre professores, alunos e objeto de pesquisa, rompendo com barreiras mecanizadas e tradicionalistas, na busca da implementação de projetos inovadores de sucesso, o que significa a emancipação do aluno no mundo do conhecimento e da informação. O processo metodológico de ensino realizado a partir desse autoconhecimento também permite ao professor se reinventar como educador ao mesmo tempo em que consegue tomar decisões mais assertivas e significativas ao desenvolvimento e progresso de seus alunos, desde a primeira infância.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. E. B. de. & SILVA, M. da G. M. da. **Currículo, tecnologia e cultura digital: espaços e tempos de web currículo**, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/5676>. Acesso em: 13 de setembro de 2022.

BACICH, Lillian; MORAN, José. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 10 agosto. 2022.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, n.248. Brasília, DF, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF, v. 1, 1998.

DELORS, Jacques. **Educação: Um Tesouro a Descobrir**. São Paulo: Cortez, 1998.

MALAGUZZI, Lóris. História, ideias e filosofia básica. 3. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emília na educação da primeira infância**. Porto Alegre/RS: Penso, 2016.

MORAN, J. M. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2014.

MOURA, Margarida Custódio. **Organização do Espaço: contribuições para uma educação infantil de qualidade**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Faculdade de Educação. Brasília, 2009.

TÔNUS M. **Interação do Processo de Aprendizagem em Comunicação Social**. In: PRIMO, A. **Comunicação e Interações**. Livro da COMPÓS. Porto Alegre: Sulina, 2008.



---

### Geni Santana Cardoso

Licenciatura Plena em Pedagogia pela Faculdade Integradas Campos Salles, FICS, SP. Pós-graduação em Psicopedagogia na Faculdade Integradas Campos Salles, FICS, SP. Professora de Educação Infantil na Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP.

---

## A ARTE CONTEMPORÂNEA NA ESCOLA

ILDA HELENA DOMICIANO PAUKOSKI

### RESUMO

Esse artigo tem como embasamento um breve relato da história da Arte desde a antiguidade a arte contemporânea, com o objetivo de entender um pouco mais sobre esta arte da atualidade, a qual muitas vezes assusta os educadores, trazendo um certo receio de introduzi-la no âmbito escolar, ao qual pode muito contribuir na formação de cidadãos mais críticos e criativos. Com as novas tecnologias, o ensino da arte obteve avanços levando-nos a desenvolver excelentes trabalhos, podendo abrir espaço de comparar a arte no passado com a arte nos tempos de hoje. Desta forma, pretende-se enriquecer esses estudos apresentando alternativas sobre como desenvolver esse assunto dentro da escola com os alunos.

**Palavras-chave:** Âmbito Escolar. Atualidade. Desenvolvimento. Possibilidades.

### INTRODUÇÃO

Esse artigo parte da necessidade de buscar conceito e estratégias para despertar o interesse dos alunos pela arte contemporânea e mostrar dificuldades que os professores apresentam diante dessa arte, visto que se compreende sua importância dentro da cultura e formação da sociedade atual. Os artistas nunca tiveram tanta liberdade criadora, variados materiais e recursos em suas mãos. As possibilidades e os caminhos são múltiplos, trabalhando com o concreto, mas principalmente com os conceitos, dando sentido às aprendizagens.

É importante que o aluno desperte o interesse pelo ensino de arte dentro e fora da sala de aula, partindo de um trabalho em conjunto, ao qual se aprenda o que é arte, desde antiguidade e os tempos de hoje. É necessário que os alunos vejam a arte não apenas como o belo, mas sim como modo de reconhecer o outro, o seu trabalho, as suas obras, não julgando uma obra pelo que simplesmente se vê, mas pelo impacto que ela pode causar e o seu contexto.

Mas o que é Arte Contemporânea? Hoje novos modos de ensinar orientam a inclusão da arte na sala de aula. Conhecer e fazer arte na escola, trabalhando a autonomia dos alunos, são propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997).

Paulo Freire em Pedagogia da autonomia deixa claro quando coloca a questão de assumir-se como ser social e histórico, pensante, sonhador, criador, capaz de expressar seus sentimentos, (1997, p 23).

O objetivo geral desse artigo é buscar mais clareza e entendimento sobre a arte contemporânea, compreender seu contexto histórico e procurar trazer essa nova forma de linguagem para a sala de aula.

Os objetivos específicos são: buscar algumas estratégias e possibilidades de ação e criação, proporcionar momentos de reflexão aos alunos, pautado na concepção “libertadora da educação” e na concepção “sócio construtivista do conhecimento”.

### ARTE NO BRASIL

A arte faz parte do cotidiano, e por meio dela pode-se conhecer a história de uma sociedade.

A expressão artística, desde a pré-história permitiu a comunicação e reflexão sociocultural.

O homem tem a necessidade em representar a realidade em que está inserido, e a arte tem contribuído para analisar os estilos artísticos e as mudanças que ocorreram desde a pré-história a arte contemporânea.

---

Por meio da arte, pode-se constatar os diversos estilos artísticos, suas funções sociais e as experiências estéticas que elas proporcionam.

A arte passou por vários períodos, desde o paleolítico com suas primeiras manifestações artísticas encontradas nas cavernas, (pinturas rupestres), simbolizando a arte dos povos antigos, até a arte contemporânea (arte do século).

A arte indígena é um dos primeiros vestígios de expressão humana através da arte. Apesar do grande naufrágio dessa manifestação, antropólogos encontraram verdadeiras raridades os rituais indígenas que se transformaram em arte.

O Brasil foi colonizado por Portugal e neste caso deve-se considerar o ensino da arte em Portugal, que era muito precário.

O então rei D. João VI procurou efetuar um ensino que fosse realizado no Brasil de maneira muito mais evoluída, entretanto as primeiras escolas superiores que se tem conhecimento foram criadas por ele D. João VI, pois queria instituir áreas que lhe servissem para governar Portugal, como afirma Barbosa.

... Faculdade de medicina para preparar médicos para cuidar da saúde da corte, Faculdades de direito, para preparar a elite política local, escola militar para defender o país de invasores e uma academia de Belas Artes. Portanto, o ensino de Humanidades começou no Brasil pela arte. (Barbosa, 1995, p. 31).

Dessa forma chegaram ao Brasil artistas que lecionavam no instituto francês, com estilo neoclássico, com traços retos e puros o que causou divergências, pois aqui já tinham artistas barroco com muitos movimentos, foi aí que começou o preconceito, pois as elites optaram para o estilo neoclássico, considerando o barroco como sendo do povo.

## O FAZER ARTÍSTICO

A arte é de extrema importância para o desenvolver do fazer artístico, porque desenvolve as aptidões de produzir. A linha Deweyana, em que o desenvolvimento do aluno acontece pelo aprender fazendo, oportunizando a criação e o desenvolvimento do espírito crítico do aluno.

Assim as ideias de Dewey (1859-1952) sobre a arte e experiência, sofreram no decorrer dos tempos variadas denominações no Brasil, e os educadores levam ao pé da letra essa denominação realizada sobre a qualidade estética que acaba sendo incorporada nas práticas dos arte-educadores pois muitos deles terminam suas aulas com solicitações de desenhos e outros trabalhos, que definam o conhecimento obtido pelo aluno.

De extrema importância, a arte deve compor os conteúdos nas escolas de modo que as obras de arte, os artistas e o público, ou seja, pessoas que estão em contato com obras de arte, sejam incluídas em atividades que diversifiquem e amplifiquem o conhecer artístico que o indivíduo carrega consigo.

Para auxiliar o entendimento do ensino de arte a autora Fusari destaca alguns componentes que “inter-relacionam no processo artístico” e não devem serem ultrapassados ao longo do processo de construção do conhecimento dos educadores:

...os autores artistas são pessoas situadas em um contexto sociocultural: são criadores (profissionais) de produtos ou obras artísticas a partir da história de seus modos e patamares de sensibilidade e entendimento da arte. Os produtos/obras de arte são trabalhos resultantes de um fazer e pensar “técnico-emotivo-representacional do mundo da natureza e da cultura” e que sintetizam modos e conhecimentos artísticos e estéticos de seus autores. Tem uma história e situam-se em um contexto sociocultural. As comunicações/divulgações são diferentes práticas (profissionais ou não) de apresentar, de expor, de veicular e de intermediar as obras artísticas, as concepções estéticas e a arte entre as pessoas na sociedade ao longo da história cultural. O público/ouvintes/espectadores são pessoas também situadas em um tempo-espaço sociocultural no qual constroem a história de suas relações com as produções artísticas e com seus autores (ou artistas) em diferentes modos e patamares de sensibilidade e entendimento da arte. (FUSARI, 1999.p.1)

---

Este é um dos vários exemplos, de que a arte vem se transformando com o passar dos tempos, e o desconforto, inquietação ou até mesmo o preconceito com a arte contemporânea não fica diferente de todos os outros períodos que foram vindos e superando todas as transformações, fazendo história e expressando cada um seu estilo de acordo com o cenário Social, religioso e político que viviam.

Como parte do currículo escolar, a arte não é suficiente para o desenvolvimento do educando como construtor de sua própria cultura. Faz-se necessário conceber possibilidades para construção de um ambiente que permita ao aluno, apreciar, experimentar e realizar suas próprias manifestações artísticas, pois segundo Barbosa:

...tenho visto as artes visuais sendo ensinadas principalmente como desenho geométrico, ainda seguindo a tradição positivista, ou a arte nas escolas sendo utilizada na comemoração de festas, na produção de presentes estereotipados para o dia das mães ou dos pais, na melhor das hipóteses, apenas como livre expressão a falta de preparação de pessoal para ensinar artes é um problema crucial, levando-nos a confundir improvisação com criatividade. (Barbosa, Mae.1995, p. 17).

Já na educação, vai ser reconhecida como “disciplina arte”, diante da mudança de postura dos professores, pois na maioria das vezes essa disciplina ocorre de forma errônea.

E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes. Faz parte das condições em que aprender criticamente é possível a pressuposição por parte dos educandos de que o educador já teve ou continua tendo experiência da produção de certos e saberes e que estes não podem a eles, os educandos, ser simplesmente transferidos. Pelo contrário, nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. (FREIRE, 1997, p.26).

Dessa forma pode-se perceber o envolvimento de todos diante do processo ensino aprendido, processo esse que já vem acontecendo há muito tempo, o ensino tem passado por várias teorias pedagógicas. Teorias pelas quais devemos lembrar para compreender mais um pouco da história da arte, como deve-se aplicar a arte na sala de aula, lembrando que estamos em constante transformação e que rever a história, analisar e considerar é também ter discernimento sobre o que queremos manter em nossas aulas de arte.

A pedagogia tradicional teve seu início por volta do século IXX, percorreu por todo século XX e continua nos dias de hoje, pedagogia esta que acredita que somos libertos pelo conhecimento adquiridos na escola e com modelos de reproduções de modelos propostos pelos professores, buscando priorizar a destreza motora. Pedagogia Libertadora de Paulo Freire deixa claro seu principal empenho em conduzir o povo para consciência mais clara, e que a metodologia entre Professores e alunos é o diálogo, em condições de igualdade, compreensão e solução.

Segundo os PCN'S (MEC, 1996) a arte está presente em todos os momentos da vida do educando constituindo desse modo uma importante ferramenta para o seu pleno desenvolvimento. Nesta perspectiva deve-se considerar que todo o processo que o aluno percorre em direção ao saber deverá ser estimulado no âmbito escolar. O foco central da orientação para a escola estar inserida no planejamento, que a escola efetua e este deverá considerar todo o processo de construção de conhecimento do aluno.

## A ARTE E O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES

A arte desenvolve habilidades tanto individuais quanto grupais, pois há determinadas atividades que serão desenvolvidas em conjunto o que trabalhará a capacidade do aluno em lidar com situações que lhe são diferentes as das vividas no cotidiano, também haverá atividades individuais que fará com que o aluno aprenda a ter a sua própria autonomia.

No que se refere a conteúdos, que seja acima de tudo valorizado os conhecimentos que as crianças trazem para a escola, tanto como também suas diversidades culturais dando a oportunidade que transformem sua realidade partindo de novos conhecimentos que serão propiciados na escola e fazendo-os cidadãos críticos e atuantes em sua sociedade. Os PCN'S indicam uma série de conteúdos e sua respectiva ordem para que seja trabalhado, dentre eles:

---

No transcorrer do ensino, o aluno poderá desenvolver sua competência estética e artística nas diversas modalidades da área de arte (artes visuais, dança, música, teatro), tanto para produzir trabalhos pessoais e grupais quanto para que possa progressivamente apreciar, desfrutar, valorizar e julgar os bens artísticos de distintos povos e culturas produzidos ao longo da história e na contemporaneidade. (MEC, 1996. P. 53).

Os PCN'S destacam uma variedade de objetivos que poderão ser conduzidos pelos educadores da área:

Expressar e saber comunicar-se em artes...interagir com materiais, instrumentos e procedimentos variados em artes...edificar uma relação de autoconfiança com a produção artística pessoal e conhecimento estético...compreender e saber identificar a arte como fato histórico contextualizado nas diversas culturas...observar as relações entre o homem e a realidade com interesse e curiosidade...compreender e saber identificar aspectos da função e dos resultados do trabalho do artista...buscar e saber organizar informações sobre a arte em contato com artistas, documentos, acervos nos aspectos da escola e fora dela, acervos públicos, reconhecendo e compreendendo a variedade dos produtos artísticos e concepções estéticas presentes na história das diferentes culturas e etnias. (MEC, 2000. P. 53).

Com essa afirmação pode-se compreender que há uma variedade de objetivos a serem alcançados que o educador poderá desenvolver em seu aluno. Assim o fazer arte exige um conhecimento, para que seja desenvolvido na sala de aula, de forma consciente e construtivista. Existem algumas orientações didáticas que norteiam o fazer arte, assim:

A didática de arte manifesta-se em geral em duas tendências: uma que propõe exercícios de repetição ou a imitação mecânica de modelos prontos, uma que trata de atividades somente autoestimulantes. Ambas favorecem tipos de aprendizagem distintas que deixam um legado empobrecido para o efetivo crescimento artístico do aluno. (MEC, 2002.p. 105).

A afirmação acima confirma as condições de que forma o ensino da arte tem sido ministrado nas nossas escolas, e isto nos leva a uma reflexão de qual conteúdo e qual metodologia queremos. A metodologia que deveria ser empregada nas escolas, não só nas aulas de arte, mas em todas as disciplinas abordadas pelo currículo escolas poderia ser a seguinte: atividades propostas, devem garantir e ajudar jovens e crianças a desenvolverem de forma interessante e imaginativa como criadores do fazer e pensar sobre diversidade de concepções, exercitando seus modos de expressão e comunicação.

Entretanto os PCN's por se tratar de eixos norteadores para o ensino em suas variadas dimensões deveriam constar de uma variedade maior de propostas de atividades ou de um aprofundamento maior nas áreas abordadas visto que se tornam diretrizes para os professores. A educação deve ser algo profundo para o educador visto que enganos e falta de informação poderão causar sérios danos nos sujeitos que pretendemos formar.

Diante das dificuldades e desafios que os educadores encontram, não deve se perder a esperança em manter uma constante busca do conhecimento para compreender os jovens do século XXI.

## ARTE MODERNA E CONTEMPORÂNEA NO BRASIL

A arte moderna no Brasil trouxe um rompimento com tradições e regras colocadas pelas academias de arte dos séculos anteriores, Carlos Zilio (1983, pp. 14,15), relata:

O modernismo elimina o complexo de inferioridade da arte brasileira, transformando-o em virtude. Movimento em duas etapas intimamente associadas: colocar a arte em dia com a cultura ocidental e fazê-la voltar-se para a apreensão do Brasil. Paradoxalmente, a arte moderna "internacionalista" deflagra e encaminha a cultura brasileira a sua autoindagação. Evidentemente, essa posição seria impossível para o academismo, preso aos formulários das regras. A arte moderna, liberando a criatividade, incorporando culturas diferentes da ocidental e utilizando a temática como um simples pretexto, permitiu que os

---

artistas brasileiros se voltassem para os aspectos culturais que lhes eram próprios.

A partir do modernismo, século XX o Brasil começa com umas novas tendências artísticas, estéticas e sociais. Contribuíram com este período artistas como: Anita Mafatti, Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti, Victor Brecheret, Rego Monteiro, Zina Aita, Jonh Graz, Lazar Segal..., pois foi a partir da arte moderna com manifestos e movimentos de vanguarda, que passamos a ter mais liberdade de expressão. Para compreendermos a arte contemporânea precisamos obter conhecimento das artes visuais, sonoras, cênicas, audiovisuais, representada neste século para assim analisar a organização estética artística. Barbosa e Amaral (2008, p. 105) nos falam que:

O ensino intercultural da arte tem como objetivo propiciar uma educação inclusiva no seu sentido mais amplo, respeitando as individualidades pessoais e as características culturais de todos os grupos presentes em sala de aula e que compõem a nossa sociedade, de forma a propiciar uma educação mais justa e um tratamento mais igualitário para todos. Utilizar a arte contemporânea, em suas múltiplas manifestações e suas múltiplas estéticas, é um caminho interessante para alcançar este objetivo.

Ferraz (1993). Deixa claro quando diz que durante as aulas o aluno deve ter contato com obras de arte, experimentar o fazer artístico, como também propiciar a compreensão estético e social. Dentro dessa fala de Ferraz, faz com que nos educadores refletimos sobre a aceitação da arte contemporânea, mesmo que essa traga um certo desconforto, nosso papel e compreendê-la, afinal estamos no século XXI e precisamos acompanhar os avanços e transmitir de forma que possa contribuir e acompanhar o desenvolvimento de nossos alunos. Trabalhar com arte contemporânea na escola, é levar o conhecimento do cotidiano. Os docentes precisam atuar sob a ótica de uma pedagogia crítica com perspectiva multicultural, que favorece o desenvolvimento de habilidades e competências dos alunos que os auxiliam a compreender criticamente a cultura e também a sociedade.

Quando o aluno consegue atribuir sentido e significado ao processo de criação do artista e suas manifestações artísticas, ele passa a ser agente transformador em seu espaço. Desse modo a Arte Contemporânea no âmbito escolar se baseia em uma aprendizagem que educa para cidadania, onde o estudante é construtor de sua história, garantindo a educação, demonstração de pensamentos das diversas formas. Tudo faz parte do contexto "arte", e, as novas formas de expressão são parte do contexto contemporâneo.

Como a Arte Contemporânea é muito dinâmica, é difícil descobrir em que estilo o artista se enquadra, restando criar e pôr a imaginação em funcionamento, processando onde e em que expressar essa imaginação. Em qualquer coisa, essa é a vantagem da arte contemporânea, todos os dias surgem novas tecnologias, novas modas, novas visões de mundo. Basta que se solte a imaginação e uma simples frase escrita se torne uma obra de arte, ou uma colagem de fotos vire uma atração visual.

A arte como linguagem aguçadora dos sentidos transmite significados que não podem ser transmitidos por meio de nenhum outro tipo de linguagem, tal como a discursiva ou científica. (BARBOSA, 2005, p 99).

A linguagem da arte expressa emoções, pensamentos e sentimentos. É uma linguagem que possibilita ao ser humano desconstruir para reconstruir significados inseridos dentro de uma determinada cultura.

Em seu contexto, Arte Contemporânea aborda pontos que evidenciam a autonomia revelando, em sua totalidade, a busca pela identidade. A partir de uma reflexão baseada na contemporaneidade, o artista não separa museu e rua; nas suas mais variadas formas de linguagem, trabalha com diversidade em materiais, tempo e espaço. A arte contemporânea está aí para auxiliar a todos a expressão sem medo, poderíamos dizer que por intermédio dessa arte, somos libertos.

Portanto, a Arte Contemporânea pode ser expressa por meio de diversas manifestações, como por exemplo: escultura, pintura, dança, música, Krafts (instalação artística contemporânea composta por elementos organizados em um ambiente), teatro, cinema, artes visuais e outras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As diferentes formas de se expressar, o fazer artístico e a arte, estão presentes no dia a dia de diversas formas e em espaços variados. No Brasil a arte passa por vários períodos, cada um com suas

---

singularidades relacionadas muitas vezes com o momento histórico do país. Observando especificamente a , constata-se que apesar de presente na sociedade, há dificuldade para nomeá-la e seu nome ainda causa estranheza.

Com o estudo bibliográfico realizado, conclui-se que o Brasil está em vantagem em relação a outros países, pois existe um leque enorme de exposições, museus e outros espaços disponíveis (inclusive rua) em relação a . Contudo, apesar das novas tecnologias, materiais variados e recursos disponíveis, ainda percebe-se a necessidade de despertar e motivar o interesse dos alunos, dando sentido a arte dentro e fora da sala de aula. Trabalhar com é levar o aluno a refletir, desenvolver habilidades e competências para compreender e expor opiniões criticamente na sociedade, ressaltando que ela é muito dinâmica, busca autonomia e liberdade de expressão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Teoria e prática da educação artística**. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
- BARBOSA, Ana Mae. Arte educação como mediação. In: COUTINHO, Rejane (Coord.). **Diálogos e reflexões com educadores**. São Paulo: Centro Cultural Banco do Brasil, 2005.
- BRASIL. **Lei N. 9394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, v. 134, n. 248, 27833-27842, dez. 1996.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.



---

### **Ilda Helena Domiciano Paukoski**

Graduação em Pedagogia e em Artes Visuais. Pós-Graduação Arteterapia e em Arte na Educação. Professora de Educação Infantil a Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP.

---

## A AVALIAÇÃO ESCOLAR E O ALUNO NESSE PROCESSO FORMATIVO

ISMENIA MARIA PIRES VAZ

### RESUMO

A avaliação pedagógica no âmbito escolar ocupa um espaço importante nos planejamentos pedagógicos do professor, sendo um instrumento apresentado aos discentes como forma de atribuir notas a determinadas atividades realizadas, reprovar o aluno no ciclo de formação ou aprová-lo para o ciclo seguinte. O artigo busca apresentar várias maneiras de fazer um diagnóstico da turma, dentre as propostas estão: propor situações problemas, formar rodas de conversas, produção e interpretação de textos, entre outras atividades além das avaliações comuns ao sistema pedagógico. Cada disciplina tem seus conteúdos e particularidades, sendo assim, o professor pode obter dados e objetivos diversos dentro do processo educativo. Dessa forma, o artigo busca relacionar o aluno aos conhecimentos adquiridos dentro de um processo de construção da aprendizagem, a avaliação nesse processo será diagnóstica dentro dos problemas apresentados, necessária para o processo de conhecimentos pedagógicos e contínua com análises comparativas dentro dos objetivos estabelecidos.

**Palavras-chave:** Aluno. Aprendizagens. Avaliar. Educação. Formação.

### INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, as questões referentes à avaliação passaram a ter um crescente papel de protagonista, até se converterem em um dos focos prioritários de atenção nas análises, reflexões e debates pedagógicos e psicopedagógicos. Iniciaremos por uma breve retomada histórica da educação no mundo e, especialmente no Brasil, e traçaremos as tendências da sua estruturação em tempos de globalização, percorrendo os desafios encontrados no caminho pelo educador/educando, e realizaremos encaminhamentos para o processo de adaptação e permanência da criança na escola.

A prática da avaliação escolar tem a função de levantar o que os estudantes sabem e como resolvem situações-problemas, ocupando bastante espaço dentro do planejamento pedagógico do professor. De acordo com VASCONCELLOS (1993), o que se observa hoje, basicamente, na escola é um tipo de avaliação tradicional, autoritária, visando apenas constatar e não intervir. Para PERRENOUD (1999), a avaliação é uma tortura, algo gerado nos colégios por volta do século XVII e tomada indissociável do ensino em massa que conhecemos desde o século XIX com a escolaridade obrigatória. Segundo SOUZA (2004), o conceito de avaliação de aprendizagem, tem como alvo o julgamento e a classificação do aluno, porque a competência ou incompetência do aluno resulta, em última instância, da competência ou incompetência da escola.

Segundo o pesquisador norte-americano David Paul Ausubel (1918-2008), os conhecimentos prévios são pontos de ancoragem para que os novos aprendizados façam sentido, isso é essencial para uma aprendizagem significativa, que é construída e se mantém durante toda a vida. Dessa forma, é o docente quem faz a mediação entre os saberes da criança e o conteúdo a ser apresentado e colabora para respaldar ou complementar uma ideia que o aluno apresenta. Saber observar é a chave para uma avaliação realmente formativa. E para observar bem é preciso ter dois olhares: o de pesquisador e o de vigilante. Segundo SOUZA (2004), o conceito de avaliação de aprendizagem, que tradicionalmente tem como alvo o julgamento e a classificação do aluno, necessita ser redirecionado, porque a competência ou incompetência do aluno resulta, em última instância, da competência ou incompetência da escola.

A avaliação no processo de ensino aprendizagem dentro do âmbito escolar, não deve restringir-se a um processo isolado, mas um processo de trabalho, a uma construção histórico-crítica do processo

---

de aprendizagem. Pensar em educação no momento histórico atual exige adentrar as peculiaridades especificidades próprias da etapa da educação e nesse processo a avaliação torna-se um instrumento importante de aprendizagem.

## **A NECESSIDADE DE UMA ORGANIZAÇÃO NO PROCESSO DE AVALIAÇÃO**

O Parecer do Conselho Federal da Educação estabelece que o sistema de avanços progressivos implica na adequação dos objetivos educacionais à potencialidade de cada aluno, agrupando por idade e avaliando o aproveitamento do educando em virtude de suas capacidades. Dessa forma, a reprovação não se faz necessária, ela não existe no processo. A aprendizagem do discente é enxergada como um objeto de crescimento, através de avanços progressivos ao longo do caminho; o aproveitamento escolar independe do ciclo de aprendizagem do aluno, não importando o quanto de tempo número que a criança frequenta a escola. Utilizando como referência a legislação que normatiza o ensino institucionalizado, nota-se que a possibilidade de organização não seriada do ensino está posta desde 1961, prevendo a permissão para organização de cursos ou escolas experimentais com currículos, métodos e períodos escolares próprios.

A visão de uma organização do ensino pedagógico em moldes que impulsiona a ruptura com uma prática classificatória de avaliação, é apresentada de modo mais claro na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de nº 9.394/96, quando são indicadas diferentes alternativas de organização do ensino básico, assim expressas em seu artigo 23. Dessa forma, a educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim a recomendar. Como se vê, são apresentadas alternativas à organização anual em séries, implantando formas de atendimento escolar que venham a responder de modo mais adequado ao processo de desenvolvimento do aluno, a organização seriada, os mecanismos de reclassificação dos alunos e de progressão parcial, e que é expresso no parágrafo primeiro do artigo 23 e nos incisos II e III do parágrafo 24. Para apreciação de viabilidade das alternativas de organização propostas, na qual se incluía organização em ciclos, cabe verificar quais iniciativas serão tomadas no âmbito dos executivos estadual e municipal que sejam mobilizadoras de mudanças. Para SILVA (2001), no caso dos ciclos, além de decretar a sua implantação, é necessário que sejam criadas circunstâncias de trabalho que favoreçam aos profissionais da escola, alunos e pais uma reflexão coletiva e a construção de novas propostas capazes de garantir que uma medida potencialmente tão valiosa garanta a democratização do ensino, o autor argumenta ainda, que é possível verificar que o sistema de avanços progressivos, para ser implementado exige a disponibilidade de uma série de recursos, entre eles: infraestrutura da escola que permita a formação de diversos agrupamentos de alunos, considerando os diferentes níveis de aproveitamento escolar apresentados.

O processo de avaliação é uma tarefa difícil para o educador, por ser um assunto que gera controvérsias entre alunos, professores, diretores e outros indivíduos ligados direta ou indiretamente ao processo de ensino aprendizagem. As posições são geralmente radicais: alguns defendem a avaliação como se ela significasse a solução de todos os problemas educacionais; outros atacam, pedem seu fim; desconsiderando seu importante papel de informação e orientação para a melhoria do ensino. Um educador deve se conscientizar das implicações filosóficas-políticas que permeiam o processo avaliativo em uma perspectiva inovadora da avaliação no que diz respeito à questão da melhoria da qualidade do ensino. Atualmente avaliar é confundido com medir, uma métrica do melhor e o pior, talvez pela própria origem histórica da avaliação, o uso da avaliação vem de longa data. Por meio da EBEL – Encontro Baiano dos Estudantes de Letras (2001) tem-se o relato sobre a presença de exames avaliativos já em 2.205a.C. Nesta época, o imperador chinês examinava seus oficiais a cada três anos, com o fim de promovê-lo ou demiti-los. O regime competitivo da China Antiga tinha como propósito principal promover o Estado com homens capacitados.

A criação do sistema de avanços progressivos, que é uma possibilidade dada pela legislação, no qual o aluno caminha de acordo com a sua capacidade, resulta na extinção da série e ciclos e, em decorrência, da consequência classificatória do processo de avaliação. Vale mencionar que no referido parecer são indicadas várias condições a serem observadas para que tal sistema seja implantado com êxito: agrupamento de alunos; segundo critério conjugado de idade cronológica e nível de progresso (aproveitamento escolar); avaliação contínua dos alunos pelo professor e aplicação de diferentes meios de verificação de aprendizagem; existência de programas diferenciados de acordo com os grupos de alunos, programas graduados que promovam a diversificação do ensino; capacidade de adaptação da escola ao nível de desenvolvimento de seus alunos. Além destes, numa análise mais detalhada, muitos

---

outros recursos poderiam ser apontados como necessários para a viabilização do sistema de avanços progressivos. Podemos notar que por um lado, é importante que a legislação abra a possibilidade de uma organização do sistema escolar em regime não seriado, no qual a avaliação não desempenharia um papel classificatório, por outro lado, registra-se que algumas das condições que a própria legislação expôs para sua implantação indicam quão distantes estavam das reais necessidades existentes na rede escolar pública do Brasil.

O professor é um instrumento importante para o processo de ensino aprendizagem dos alunos, e constitui uma referência para a formação do seu autoconceito, a maneira como se relaciona com seus alunos é fundamental para que se sintam inteligentes e capazes. Tais referências ajudam os alunos a tomar consciência de sua própria aprendizagem e a usar com mais segurança os conhecimentos de que se apropriaram. Nesse espaço, cabe ao professor, o papel de ajudar os alunos a falar de si, emitir opiniões sobre os acontecimentos e explicitar suas hipóteses explicativas nas situações de aprendizagem. É preciso construir uma relação com os alunos e entre eles de forma a criar um ambiente na qual todos sejam respeitados em suas diferenças, não permitindo que seja criado um ambiente de animosidade; mas que possam estar atentos, ouvindo suas ideias com atenção, fazendo com que todos participem das atividades propostas.

A avaliação no processo de ensino aprendizagem apresenta diferentes funções, sendo duas delas predominante nesse processo; a diagnóstica e a classificação. Da primeira, a avaliação diagnóstica pressupõe-se a ideia de que permita ao professor e ao aluno detectar os pontos fracos e extrair as consequências pertinentes sobre colocar posteriormente a ênfase do ensino e da aprendizagem. A segunda, a avaliação classificatória tem por efeito hierarquizar e classificar os alunos. A avaliação pedagógica é usada em parte como uma afirmação da primeira opção, mas é empregada fundamentalmente para a segunda. O significado principal é o de perseguir o envolvimento do aluno, sua curiosidade e comprometimento sobre o objetivo de conhecimento, refletindo juntamente com o professor sobre seus avanços e suas dificuldades, buscando o aperfeiçoamento de ambos.

Durante esses processos de avaliações, deixamos de formar um profissional competente se insistirmos na manutenção de uma prática de avaliação classificatória, aquela comprometida apenas com resultados numéricos, precisos, terminais. Nessa etapa deixamos muitas vezes de auxiliar o aluno a resolver suas dificuldades a avançar no seu conhecimento, para SAVIANI (2000, p.41), é possível afirmar que o caminho do conhecimento é perguntar dentro da cotidianidade do aluno e da sua cultura; mais que ensinar é aprender um conhecimento, é preciso concretizá-lo no cotidiano, questionando, respondendo, avaliando, num trabalho desenvolvido por grupos e indivíduos que constroem o seu mundo e o fazem por si mesmos. A imagem que uma pessoa tem de si é, em grande parte, formada com base na maneira como ela é vista pelo outro com quem convive; e a opinião do outro tem influência proporcional ao valor que ele tem de nossa vida. Assim, quando pessoas que são importantes para nós nos elogiam, sentimo-nos encorajados a enfrentar desafios, fortalecendo nossa autoimagem.

## O PAPEL DO ALUNO NA AVALIAÇÃO FORMATIVA

No processo de avaliação formativa, o aluno tem um papel diferenciado daquele que lhe é dado nas formas convencionais de avaliação. Qual é o papel dele nesse processo? É o de ser construtor, avaliador e regulador de seu aprendizado, a autonomia. Na verdade, uma soma de competências que o torna protagonista de sua formação. Mas, como a avaliação formativa proporciona esse autocontrole ao aluno? A avaliação formativa é uma ação multifacetada, na qual cada aluno é analisado respeitando-se suas diferenças individuais. Isso significa que os pontos fortes e fracos dos alunos, em cada assunto, são observados, analisados e avaliados. No que diz respeito à avaliação formativa, GARDNER (1995) afirma ser necessário auxiliar os estudantes a desenvolver suas habilidades intelectuais, explorando ao máximo as capacidades do indivíduo. Sendo assim, a avaliação formativa deve ser utilizada para informar ao professor quanto o aluno está aprendendo e para informar ao aluno sobre suas capacidades individuais.

A síntese geral desse processo não é o resultado de um único instrumento avaliativo, mas de uma série de avaliações contínuas, isso possibilitará ao aluno conhecer com mais precisão suas deficiências para poder melhorá-las durante o processo de ensino aprendizagem. Vai permitir ao aluno também descobrir como usar suas habilidades para atingir melhores resultados, classificatórios ou formativos. Dessa forma, o aluno pode assim compreender melhor seu desempenho e se conhecer melhor como indivíduo no processo de aprendizagem. Para PERRENOUD (1999) a avaliação formativa permite construir, auto avaliar e regular o aprendizado, sendo este o caminho que o aluno irá percorrer ao saber utilizar os mecanismos da avaliação formativa.

---

Nesse sistema de aprendizagem, o aluno torna-se o agente de seu aprendizado, mas isso não exclui a necessidade do educador, o professor é parte importante do processo na avaliação formativa; afinal é ele que guia o aluno na busca do conhecimento. É o professor, que orienta a visão do aluno para analisar os resultados e tomar atitudes com base neles, a observação na avaliação é muito importante. Saber observar é a chave para uma avaliação realmente formativa. Portanto, nesse processo de ensino aprendizagem na avaliação formativa é importante e necessário ter dois olhares: o de pesquisador e o de vigilante. Com o olhar de pesquisador, o professor planeja o que o aluno deve focalizar, baseado na sua ação pedagógica e com o olhar vigilante ajuda o aluno a não procurar focos de problemas já existentes, mas a prever possíveis problemas e necessidades. Portanto, observar bem é ter um olhar pesquisador, um olhar atento, que cerca o foco do problema para se chegar à solução, e o olhar vigilante, é aquele que está sempre atento às faltas e à iminência de falhas no processo pedagógico. Segundo HOFFMANN ((1998), o professor observa, direcionando o foco das suas atenções a esses pontos. Como podemos observar, não é só o aluno que é avaliado durante o processo formativo, mas também existe a necessidade da autoavaliação durante esse período. O bom professor é aquele que se avalia constantemente, aceita a mudança, aprende e pratica, ele sabe que é parte importante no processo de ensino e aprendizagem, sabe que precisa construir com seus alunos relacionamentos de confiança. Pois, sem isto, não é possível construir uma aula eficaz, onde ele consiga alcançar os objetivos propostos. No entanto, o focalizar, o olhar em determinada parte do processo não exclui a consciência da multiplicidade de agentes e de ações sobre cada parte, são essas ações, reações e relações por parte do professor, dos alunos e da equipe gestora que com uma atuação em conjunto, onde cada parte é uma engrenagem do processo formativo, conseguirão alcançar os objetivos propostos nas avaliações formativas. Mesmo ao focalizar, o campo de visão deve ser sempre amplo. Portanto, as dúvidas e as questões, os gestos de agrado e desagrado, as conversas com amigos, a autocrítica do educador e a análise de seu desempenho são ferramentas que requerem vigília constante.

O olhar do educador com intenção formativa não procura localizar o erro para ser assinalado, mas para compreendê-lo, buscando suas razões, a fim de alcançar soluções. Assim, o professor procura educar o seu modo de olhar para poder perceber a essência do que acontece nas atividades e poder encaminhar e otimizar as aprendizagens em andamento. Com base nos dados que um olhar pesquisador e vigilante registra, o professor diversifica ritmos, modalidades de atividades, recursos didáticos e formas de expressão. Não basta mais falar. É preciso boas perguntas. Só um olhar didaticamente educado levanta hipóteses para o professor realizar boas perguntas, aquelas perguntas que transformam os enganos, as dúvidas, as incertezas em aprendizado em crescimento humano. Podemos apresentar a avaliação formativa em diversas concepções; sendo a mais utilizada aquela como a avaliação na concepção construtivista, onde nessa concepção construtivista, a avaliação formativa ocorre subjetivamente por meio da autoavaliação, a avaliação é vista de forma qualitativa, preocupando-se tanto com o processo que acaba por desconhecer ou desqualificar os resultados.

## **A COMPETÊNCIA OU INCOMPETÊNCIA DO ALUNO NO PROCESSO DE AVALIAÇÃO E DE APRENDIZAGEM ESCOLAR**

A avaliação pedagógica no ensino e aprendizagem escolar constitui um processo de busca de compreensão da realidade do aluno para com a escola, com a finalidade de oferecer subsídios para a tomada de decisões quanto ao direcionamento das intervenções, sejam elas de natureza pedagógica, administrativa ou estrutural. Nessa etapa, Segundo MELCHIOR (1994), a avaliação tem um processo de educação construtivista, a avaliação é um elemento indispensável para a reorientação dos desvios ocorridos durante o processo e para gerar novos desafios ao aluno. O processo deve ser resultado de uma discussão de forma honesta e transparente, entre todos os elementos envolvidos na avaliação. Não basta apontar simplesmente acertos ou erros, sendo isso um procedimento incompleto e insuficiente, que pouco faz crescer ou acrescenta na formação pedagógica do aluno. A competência ou incompetência do aluno no processo de avaliação, resulta em última instância, da competência ou incompetência da escola, não podendo, portanto, a avaliação escolar restringir-se a um de seus elementos avaliativos de forma isolada, pois tal proposição reflete o entendimento de que a escola deve ser avaliada em sua totalidade, ou seja, de todos os elementos integrantes da organização, todos os processos devem ser foco de análise: a atuação do professor e a de outros profissionais da escola; os conteúdos e os processos de ensino. Sem dúvida, além de buscar uma nova direção para as finalidades da avaliação do processo de ensino e aprendizagem, é fundamental ampliar a discussão do processo, construindo uma proposta de avaliação da aprendizagem de todos os integrantes do sistema educativo. No sistema educacional atual, só o aluno é avaliado. Dessa forma, é usual atribuímos a ele as causas

---

do seu bom ou mau desempenho escolar. Ou seja, de todos os integrantes da escola, só o aluno é sistematicamente avaliado.

Com a avaliação interpretativa e descritiva, o aluno pode durante o processo sanar suas dúvidas com relação ao seu próprio aprendizado e o professor rever seus métodos para melhor ajudá-lo em sua busca do aperfeiçoamento pedagógico. Durante esse processo, cabe ao professor o dever de avaliar o aluno utilizando diversos meios, ao mesmo tempo em que se auto avalia. Isso é a avaliação formativa, pilar do novo conceito de ensino e aprendizagem. Existe atualmente no Brasil, uma crescente necessidade de rever a prática da avaliação educacional, pois o atual quadro no qual se encontra ainda enraizado nos padrões tradicionais burgueses (salvo raras exceções) tal constatação incita que o professor torne o ato de avaliar algo prazeroso, num processo contínuo e, acima de tudo, que a avaliação se constitua num diagnóstico da aprendizagem. Ou seja, temos que mudar nossas velhas verdades e transformá-las. A compreensão que temos hoje do processo de ensino e aprendizagem exige outro olhar para o processo de avaliação, que não pode se limitar a ser um procedimento decisório quanto à aprovação ou reprovação do aluno.

Segundo VASCONCELLOS (2001), quando optamos por uma nova postura em avaliação, deverá haver anteriormente uma mudança interna, pessoal de postura do professor. Cabe a nós educadores entender os seguintes questionamentos: por que a avaliação na escola ocupa tanto tempo das reuniões pedagógicas? Nas reuniões de professores? Nos seminários de educação? Nos congressos educacionais? Por que a avaliação tem se apresentado como tema central das conferências e de preocupação de estudiosos da Educação? A resposta para tantos questionamentos, como diz LIBÂNEO (1995), está na participação fundamental em garantir uma gestão democrática da escola, onde todos os envolvidos no processo educacional da instituição estarão presentes tanto nas decisões e construções de propostas, planos, programas, projetos, ações, eventos, como no processo de implementação, acompanhamento e avaliação. O conceito de avaliação nos faz ver suas diversas etapas no processo de aprendizagem, e como poder está associado a ela a participação na construção do saber do aluno. Falar da avaliação no âmbito da educação escolar, no campo da educação de direitos, nos leva a pensar a sua finalidade, o papel social do professor a razão da existência da escola.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo busca mostrar a necessidade dos professores em superarem essa posição individualista que muitos adotam durante o processo de avaliação pedagógica e, possam construir coletivamente novas formas de avaliação do processo de ensino aprendizagem do aluno, partindo para uma avaliação formativa, capaz de colocar à disposição do professor e da equipe escolar informações mais precisas, mais qualitativas, agregar o processo avaliativo à realidade escolar. O processo de avaliação deve ser contínuo, envolvendo um novo paradigma na relação professor e aluno, essa relação deve ser vista como uma relação de apoio e parceria.

Apesar disso, esses olhares pedagógicos não são completos no exercício da escuta. De nada vale olhar atento, quando ao observar, não se escuta o que o outro tem a dizer, não se está disponível e sensível a escutar o outro. O processo de escuta requer um abandono de si, ao conhecer o outro; impõe um desejo, um interesse em encontrar o outro. A compreensão que temos hoje do processo de ensino-aprendizagem exige outro olhar para o processo de avaliação do aluno, que não pode se limitar a ser um procedimento decisório quanto à aprovação ou reprovação do aluno, as razões sociais do que se aprende e o quanto é aprendido, pode gerar novos conhecimentos sobre as leis gerais da natureza. Para uma avaliação verdadeiramente formativa, o educador necessita ter um olhar de pesquisador e de vigilante. Na medida em que têm ficado mais claros os processos de aprendizagem o avanço na compreensão dos mecanismos envolvidos no processo de e a reflexão sobre os desafios impostos pelo mundo contemporâneo indicam a necessidade de considerar concepções mais sistêmicas e complexas no processo avaliativo, no que se refere à construção do conhecimento e à formação humana. Dessa forma, a avaliação da aprendizagem escolar é um meio e não um fim em si mesma.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Leis. Decretos. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: **Lei nº 9.394** de 20 de dezembro de 1996. Brasília, 1996.
- FRANCO, C., BONAMIN. **Avaliação, ciclos e promoção na educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.
- GAMA, Zacarias Jaegger. **Avaliação na escola de 2º Grau**. Campinas: Papyrus, 1993.
- GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

---

HOFFMANN, Jussara Maria Learch. **Pontos e contrapontos: do pensar ao agir em avaliação**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LIBÂNEO, José Carlos. Tendências pedagógicas na prática escolar. **Revista ANDE**, 1995.

MELCHIOR, Maria C.: **Avaliação pedagógica**. São Paulo: Mercado Aberto, 1994.

PELLEGRINI, Denise. É hora da recuperação. **Revista Nova Escola**. Ed. 154, agosto de 2002.

PESTANA, M. I. O Sistema de avaliação brasileiro. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 79, nº 191, p. 65-73, jan./abr. 1998.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens entre duas lógicas**. Porto Alegre: ArtMed, 1999.

ROMÃO, José Eustáquio, **Avaliação Dialógica – Desafios e Perspectiva**. São Paulo: Cortez, 1998.

SILVA, Ceris. S. Ribas da Silva. Os ciclos e a avaliação escolar. **Presença Pedagógica**. Belo Horizonte: Dimensão, v.7. nº 40. jul/ago, 2001.

SOUZA, Sandra Maria Zákia Lian. **Avaliação da aprendizagem: teoria, legislação e prática no cotidiano de escolas de 1º grau**. Série Idéias nº 8. São Paulo: FDE, 1998.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Avaliação: concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar**. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1993.



#### **Ismenia Maria Pires Vaz**

Graduação em Matemática pelo Centro Universitário Sant'Anna, SP, 2003;  
Graduação em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho, UNINOVE, SP, 2010;  
Professor de Ensino Fundamental II e Médio em Matemática na Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP. Professor de Ensino Fundamental II e Médio na rede Estadual de São Paulo, SEE.

---

## O LETRAMENTO E DESENVOLVIMENTO DOS ESTUDANTES NO ENSINO FUNDAMENTAL

JONATAS HERICOS ISIDRO DE LIMA

### RESUMO

O presente artigo discute sobre a importância da alfabetização e do letramento durante os anos iniciais do Ensino Fundamental, uma vez que quanto mais cedo forem trabalhados a leitura e a escrita, maior será o desenvolvimento dos estudantes ao longo da Educação Básica. A alfabetização e o letramento a partir do contexto histórico do Brasil, iniciaram-se por volta da década de 1880, tendo como marco principal o ano de 1922, a partir da implementação do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). Desta forma, existe a necessidade de discutir sobre o tema já que os índices de provas municipais, estaduais, nacionais e internacionais indicaram que o Brasil tem sérias dificuldades em alfabetizar seus estudantes. Assim, o presente estudo tem por objetivo discutir o processo de alfabetização e letramento nos dias atuais, bem como realizar um levantamento bibliográfico a fim de levantar as principais questões e desafios que permeiam o tema. A metodologia utilizada foi a qualitativa com base em revisão bibliográfica. Os resultados encontrados indicaram que quando o professor alfabetizador valoriza os conhecimentos prévios dos estudantes, desenvolve o comportamento leitor e o procedimento escritor ao longo de uma sequência didática, facilita o processo de aprendizagem.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Desenvolvimento. Educação. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC).

### INTRODUÇÃO

De acordo com Cagliari (1998), a escrita surgiu da necessidade do conviver em sociedade. A escrita apareceu a partir do sistema de contagem feito com marcas em cajados ou ossos, pois, há muito tempo atrás o meio de subsistência que o homem encontrava para sobreviver era criando gado e domesticando animais.

Os registros até então eram utilizados nas trocas e vendas, indicando a quantidade de animais ou de produtos negociados. Porém, o ser humano começou a perceber que a utilização dos números não era o suficiente, passando a pensar na possibilidade de criar outro sistema, os símbolos.

Em relação a essa concepção do ser humano: "Ao longo do processo de invenção da escrita também incluiu a invenção de regras de alfabetização, ou seja, as regras que permitem ao leitor decifrar o que está escrito e saber como o sistema de escrita funciona para usá-lo apropriadamente" (Cagliari, 1998 p. 15).

O termo Alfabetização, de acordo com Soares (2007), se trata da aquisição do alfabeto, ou seja, o ler e escrever. De acordo com o processo de alfabetização, a aquisição do código alfabético e ortográfico ocorre através do desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita; atividades principais que norteiam esta prática pedagógica.

No Brasil, a alfabetização ganhou destaque com a institucionalização das escolas e com a ideia de tornar as gerações mais aptas ao que viria pela frente. A escolarização e por consequência a alfabetização tornaram-se instrumento de transmissão de conhecimento, de progresso e modernização do país (MORTATTI, 2006).

Com o passar do tempo a área da alfabetização foi se desenvolvendo cada vez mais através da dedicação de diferentes pesquisadores, desenvolvendo teorias, conceitos, ideias e metodologias.

---

Porém, apesar de toda essa evolução, o Brasil ainda enfrenta um problema: a qualidade da Educação Básica, especialmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Como indício da má qualidade, existem índices de fracasso, reprovação e evasão escolar que ocorrem até hoje nas escolas.

É essencial que a escola e principalmente o professor envolvido no processo, resgate o significado verdadeiro da alfabetização e delinear corretamente o conceito de letramento, pois, os dois devem acontecer de maneira inter-relacionada. Uma prática educativa construtiva deve aliar alfabetização e letramento, sem perder a especificidade em cada um desses processos, mantendo a relação entre o conteúdo e a prática e que, tenha como principal objetivo formar um indivíduo leitor e escritor.

Como exemplo, tem-se o resultado da prova de leitura do PISA de 2009, no qual metade dos estudantes avaliados obtiveram no máximo nota de proficiência 2. Sabe-se que o processo de alfabetização e letramento não é fácil e que existem inúmeros desafios a serem ultrapassados, mas, com este tipo de resultado em uma avaliação de peso, fica claro que o problema observado neste resultado não é apenas o da alfabetização, mas o fato de que as questões exigem do estudante interpretação e raciocínio, o que pode indicar problemas no letramento e na alfabetização.

## A IMPORTÂNCIA DA ALFABETIZAÇÃO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I

Sabe-se que parte do processo de alfabetização e letramento depende em muito de como o professor realiza suas estratégias e acompanha a aprendizagem de seus estudantes durante todo o processo:

Para isso, é fundamental que o profissional tenha clareza e consciência quanto às intenções educativas que norteiam seu trabalho e elabore propostas claras sobre o que, quando e como ensinar, a fim de possibilitar atividades de ensino e aprendizagem de maneira adequada e coerente com seus objetivos, enriquecendo e promovendo o desenvolvimento das crianças (HERMIDA, 2007, P. 289).

É necessário levar em consideração também que o processo de alfabetizar não possui apenas um único método realmente eficaz ou que necessariamente já venha como uma receita pronta.

Carvalho (2008), explica que o profissional que se propõe a alfabetizar baseado ou não no método construtivista, deve pelo menos ter um conhecimento básico sobre os princípios teórico-metodológicos da alfabetização. Isso porque hoje em dia, as salas de aulas estão cheias de estudantes heterogêneos, com necessidades educacionais diferentes, mostrando assim que um único método para alfabetizar não é mais o suficiente, pois, nem todos apresentam as mesmas capacidades cognitivas e nem sempre a mesma metodologia é capaz de atingir a todos.

Outro desafio encontrado nesta área é que muitos professores não possuem conhecimento adequado sobre os princípios metodológicos e muitas vezes não se aprofundam em estudos ou formação continuada. Uma visão mais tradicionalista, por exemplo, faz com que o professor se incline a achar que o que é bom para um estudante pode ser bom a todos os outros colegas de classe o que acarretará em problemas e dificuldades adquiridas pelos estudantes contribuindo para a desconstrução do processo de alfabetização inicial.

Por isso, é essencial que o professor alfabetize na medida certa, cuidando para não privilegiar demais um ou outro processo (alfabetização x letramento), entendendo que são processos diferentes, mas, indissociáveis e que devem ocorrer de forma simultânea:

Entretanto, o que lamentavelmente parece estar ocorrendo atualmente é que a percepção que se começa a ter, de que, se as crianças estão sendo, de certa forma, letradas na escola, não estão sendo alfabetizadas, parece estar conduzindo à solução de um retorno à alfabetização como processo autônomo, independente do letramento e anterior a ele (SOARES, 2003, p.11).

Destaca-se a importância do trabalho docente dentro desse processo. Ele deve criar condições a fim de promover a construção do pensamento crítico tanto em relação ao seu trabalho quanto no que quer atingir com seus estudantes. O processo de letramento se torna uma forma de entender a si e aos outros, desenvolvendo a capacidade de questionar com fundamento, intervindo no mundo a sua volta e combatendo situações de opressão (FREIRE, 1996).

Ou seja: “Enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade” (TFOUNI, 1995 apud MORAES, 2005, p. 4).

---

Portanto, o letramento vai muito além do ler e escrever, pois o mesmo tem uma função social, enquanto que a aquisição do alfabeto encarrega-se de preparar o estudante para a leitura e um maior desenvolvimento de letramento do mesmo.

Nessa perspectiva, a alfabetização e o letramento devem caminhar sempre juntos, pois, se completam e enriquecem o desenvolvimento. Na escola e no contexto atual, o ato de alfabetizar letrando é mais que uma prática necessária, pois, só assim pode-se atingir a tão sonhada educação de qualidade e utilizar uma metodologia de ensino, em que os estudantes não sejam apenas um depósito de conhecimentos, como ocorria até então na escola tradicional, mas, que se tornem seres pensantes, críticos e transformadores da sociedade em que vivem.

## **SOBRE A ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NAS ESCOLAS**

Utilizando a Rede Municipal de Ensino de São Paulo como exemplo, pode-se dizer que apesar de existirem inúmeras ferramentas de acompanhamento e registro do desenvolvimento dos estudantes, ainda enfrentam-se certas dificuldades ao ensinar a ler e escrever.

Entre elas, tem-se o Sistema Educacional de Registro da Aprendizagem (SERAp), um sistema de acompanhamento de registro da prática pedagógica e da ação docente, em que é possível verificar resultados de provas tanto internas quanto externas, a fim de que o professor possa realizar intervenções que contribuam positivamente para os processos de ensino e aprendizagem.

Deve-se considerar ainda que existem diferentes avaliações internas e externas, que avaliam o estudante e a rede no qual este está matriculado. É possível destacar que nos anos iniciais entre as inúmeras preocupações existentes e as disciplinas alcançadas nessas avaliações, podemos destacar o baixo nível atingido na disciplina de Língua Portuguesa – Alfabetização e Letramento, e conseqüentemente em Matemática.

Avaliações como o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) e a Prova São Paulo, utilizam como base o desempenho destas disciplinas. Provas como Prova Brasil, SARESP, entre outras, realizadas pelos governos federais, estaduais e municipais, servem para avaliar e diagnosticar, em larga escala, a qualidade do ensino ofertado pelas instituições a partir de testes padronizados e questionários socioeconômicos.

Infelizmente, relacionando os índices atingidos nessas provas é possível notar que os resultados vêm se agravando, ou seja, os estudantes continuam levando suas dificuldades de uma série para a outra. E isso piora muito, pois, quando se chega ao Ensino Fundamental II, infelizmente o processo de alfabetização e letramento se perde ao longo do caminho e os profissionais em sua maioria, tendem a acreditar que se um estudante chegou até o 6º ano do Ensino Fundamental, significa que ele domina o conteúdo da leitura e da escrita.

Triste, porém, realidade: as escolas brasileiras, de modo geral, formam indivíduos que mal conseguem ler e escrever e que muitas vezes não sabem interpretar ou produzir pequenos textos.

Observando esses resultados, pode-se dizer inclusive que o baixo desempenho apresentado em Matemática, provavelmente não deve ser tanto pela dificuldade de se trabalhar com números, mas por serem questões que envolvem interpretação, se o estudante não está efetivamente letrado e alfabetizado, dificilmente se dará bem em uma avaliação como esta.

A maioria das questões independentemente da disciplina envolvidas exige diretamente conhecimentos ligados à alfabetização e letramento, para que possa interpretar o que está sendo pedido e assim concluir a questão com excelência.

As escolas brasileiras de Ensino Fundamental nas séries iniciais, de modo geral, têm formado o que se chama de analfabeto funcional. Inúmeras pesquisas educacionais tem constatado isso, porém infelizmente, mesmo chegando a tal conclusão, pouco se tem feito para mudar os índices do analfabetismo funcional aqui no Brasil.

Por isso, se fazem necessárias tanto a orientação quanto o acompanhamento da coordenação pedagógica junto ao trabalho da equipe docente, já que um bom resultado depende do empenho de todos que fazem parte da escola, a fim de traçar estratégias que contemplem o desenvolvimento de diferentes habilidades, diminuam lacunas e principalmente que respeite as diferenças entre os estudantes quanto suas dificuldades, já que as salas bastante heterogêneas, principalmente em se tratando da rede pública.

---

Além disso, é fundamental que o professor alfabetizador tenha um compromisso fiel para com o processo de alfabetização, dedicando-se e aprofundando-se em diferentes metodologias que atinjam seu trabalho. Outro desafio encontrado na Educação, é que alguns professores não apresentam tanto compromisso perante seu trabalho e seus estudantes, pois, muitas vezes por achar o ensino complexo, acaba por desestimular a curiosidade e a disposição dos estudantes em aprender.

Por isso, além do compromisso que é essencial, é importante também que os professores tenham consciência ao escolher o método de alfabetização, optando por aquele que faça sentido ao estudante, mostrando a importância do ler e escrever e que todo esse processo envolva a realidade de seus estudantes, a sua vivência de mundo, as situações que estão ao seu redor, utilizando-os como agente facilitador no papel de alfabetização e letramento.

Já ao longo do processo de alfabetização inicial, os estudantes costumam estar cheias de curiosidade e disposição para se apropriar da leitura e da escrita. Por isso, esse momento é crucial no sentido de estimulá-las para desenvolverem o hábito da leitura e o contato com a escrita. Uma das maneiras é o professor ler em voz alta para a sala textos diferenciados todos os dias como histórias, poemas, letras de música, textos, notícias, textos científicos, jornais entre outros.

Por fim:

Para a professora, seja qual for o método escolhido, o conhecimento das suas bases teóricas é condição essencial, importantíssima, mas não suficiente. A boa aplicação técnica de um método exige prática, tempo e atenção para observar as reações das crianças, registrar os resultados, ver o que acontece no dia-a-dia e procurar soluções para os problemas dos estudantes que não acompanham (CARVALHO, 2008, P. 46).

Por isso, uma prática pedagógica que leve os estudantes a desenvolver a linguagem, o cognitivo, a leitura e a escrita, facilitará não só o processo de alfabetização, mas, também desenvolverá diferentes competências e habilidades até então não desenvolvidas ou atingidas nos estudantes.

Infelizmente, sabe-se que atualmente, apesar da dedicação dos profissionais, os estudantes ainda saem da escola com certa dificuldade em perceber o mundo que os cerca e de que qualquer prática social está diretamente relacionada a um determinado gênero textual, já que estes estão materializados nos textos que circulam socialmente, o que reforça a necessidade de uma alfabetização de qualidade.

Assim, ao longo do processo de Alfabetização, é necessário que o professor se baseie, utilize e articule atividades que contemplem o que é exigido no Currículo da rede em questão, com o caderno de apoio, o livro didático e o paradidático, pensando nas atividades que serão desenvolvidas a fim de contemplar não só o processo de alfabetização, mas também outras competências e habilidades que se fazem necessárias para que os estudantes se desenvolvam de forma plena.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que a Educação no Brasil passa por diferentes problemáticas, podendo-se destacar a falta de qualidade durante o processo de alfabetização e letramento, havendo a necessidade de novos olhares e práticas transformadoras. Logo, a educação nas séries iniciais, compreende justamente com o período de início da alfabetização, sendo portanto, o alicerce de todo o desenvolvimento do estudante que ocorrerá depois, pois, é a partir daí que ele conseguirá acompanhar a aprendizagem em outras disciplinas, bem como socializar em grupo com seus colegas e com o ambiente em que vive, necessitando assim de uma atenção especial por parte do docente.

Além disso, os professores alfabetizadores precisam estar habilitados, e sempre buscar novos conhecimentos, a fim de se tornarem competentes, criativos e cientes da sua responsabilidade enquanto formadores de sujeitos intelectuais e cidadãos comprometidos com uma transformação social.

É essencial, também, que haja discussões sobre o tema alfabetização e letramento tanto nos cursos de formação de docentes, de formação continuada, e até mesmo durante períodos de estudo coletivo, como ATPC e JEIF, dependendo da Rede.

Desse modo espera-se que ocorram reflexões a respeito do tema e da prática docente, socialização de práticas que deram certo, a busca por soluções para problemas específicos da alfabetização e letramento e o desenvolvimento de práticas que atinjam os profissionais e as instituições de ensino para que a educação passe a ter mais qualidade.

---

Ainda, pode-se utilizar como exemplo as orientações didáticas do Ler e Escrever, um documento redigido e utilizado na Rede Estadual de Ensino de São Paulo, que afirma que o professor deve trazer para dentro da rotina em sala de aula, a escrita e a leitura que acontecem tanto dentro quanto fora dela.

Ou seja, ele deve ser capaz de aplicar no dia a dia dos estudantes, o hábito da leitura feita com diferentes propósitos, contemplando diferentes gêneros textuais e o letramento a partir da escrita produzida com diferentes fins comunicativos, para leitores reais.

Assim, os gêneros textuais, bem como outras atividades que contemplem a alfabetização e consequentemente o letramento, devem ser apresentados na escola relacionando-os ao máximo da versão social, para que os estudantes realmente desenvolvam as competências leitora e escritora.

Importante destacar também que quando o professor alfabetizador valoriza os conhecimentos prévios dos estudantes e desenvolve o comportamento e o procedimento escritor ao longo de uma sequência didática, facilita o processo de aprendizagem. Pesquisas indicam que quando o professor coloca os estudantes com maior dificuldade agrupados com colegas que já dominam melhor a escrita, a criança se desenvolve melhor, pois, além da linguagem ser diferente, os estudantes passam a se auxiliar mutuamente.

Por fim, pode-se concluir que a alfabetização é um processo importantíssimo de ensino e aprendizagem, que tem como principal objetivo levar o estudante a aprendizagem inicial da leitura e da escrita. Sendo assim, é possível considerar um indivíduo alfabetizado como sendo aquele que aprendeu habilidades básicas para fazer uso da leitura e da escrita, independentemente de onde estiver, quando lhe for exigido e através da utilização dos mais diferentes recursos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAGLIARI, L.C. **Alfabetizando sem o Bá-Bé-Bi-Bó-Bu: Pensamento e Ação no Magistério**. 1. Ed. São Paulo: Scipione, 1998.
- CARVALHO, M. **Alfabetizar e Letrar: Um Diálogo entre a Teoria e a Prática**. 5. Ed. Rio de Janeiro Vozes, 2008.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a uma prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HERMIDA, J. F. (org.) **Educação Infantil: políticas e fundamentos**. 1 ed. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2007.
- MORAES, M.G. **Alfabetização – Leitura do Mundo, Leitura da Palavra – E Letramento: algumas Aproximações**, 2005. Disponível em: Acesso em: 08 jul. 2019.
- MORTATTI, M.R.L. **HISTÓRIA DOS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL**. Conferência proferida durante o Seminário "Alfabetização e letramento em debate", 2006. Disponível em: Acesso em: 05 jul. 2019.
- SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 5ª Ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Os desafios da alfabetização nas escolas públicas**. Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/blogs/educacao-e-etc/os-desafios-da-alfabetizacao-nas-escolas-publicas/>. Acesso em: 14 set. 2022.



### Jonatas Hericos Isidro de Lima

Formado no Magistério. Licenciado em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraí, UVA, e em História pela Universidade Santo Amaro, UNISA. Especialista em Docência no Ensino Superior e Pedagogia Empresarial pelas Faculdades Metropolitanas Unidas FMU. Professor do Estado, SEE, e da SME na Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP.

---

The background of the image shows several yellow pencils and pink markers. One pencil is clearly labeled 'CONDEROGA' and 'SOFT'. The text is centered on a white rectangular background.

# **NÃO CUSTA NADA HOMENAGEAR UM PROFESSOR/A ESPECIAL**

Envie sua homenagem com algumas fotos para:  
[primeiraevolucao@gmail.com](mailto:primeiraevolucao@gmail.com)

## O LÚDICO COMO INSTRUMENTO NA FORMAÇÃO MORAL DA CRIANÇA

JOSEFA BEZERRA DE MENESES

### RESUMO

Através de análise bibliográfica de autores na área da moral e da ludicidade, o presente artigo apresentará como essas áreas serão correlacionadas para compreensão sobre o valor da atividade lúdica como instrumento na construção da moral da criança e, o quanto por meio das atividades brincantes, a criança comunica-se consigo mesma e com o mundo onde está inserida, aprende a respeitar o outro, estabelece relações sociais, constrói conhecimentos e conseqüentemente se constrói moralmente, desenvolvendo-se integralmente.

**Palavras-Chave:** Criança. Cotidiano escolar. Desenvolvimento. Educação. Ludicidade.

### INTRODUÇÃO

O ser humano, independente da fase de sua vida, sempre aprende coisas novas, seja pelo contato com seus semelhantes seja pelo meio em que vive. O ser humano sempre está disposto a aprender, assim sendo consegue apropriar-se de conhecimentos, os mais simples e os mais complexos. Com isso ele consegue se tornar um ser participativo, crítico e criativo. De acordo com Dallabona (2004, p.1) "a esse ato de busca, de troca, de interação, de apropriação é que damos o nome de educação. Esta não existe por si só; é uma ação conjunta entre as pessoas que cooperam, comunicam-se e comungam do mesmo saber." Na educação o ensinar pode ser desenvolvido através do lúdico, o brincar na escola pode ser diferenciado dependendo dos vários contextos. O conhecimento pode ser aprofundado através do lúdico e assim permitir que a criança possa vivenciar emoções, no seu processo de descoberta, que favoreçam o seu aprimoramento no que diz respeito a sua moral. De acordo com Santos (2010, p.7) "os educadores já perceberam também que a atividade lúdica é uma das mais educativas atividades humanas e não serve somente para aprender os conteúdos escolares, mas também para afiar as habilidades e educar as pessoas a serem mais humanas". Também Wassermann (1990) diz que, para que o professor utilize as brincadeiras no âmbito do espaço escolar com a devida "seriedade", considerando a importância de que ele reflita na e sobre a prática, ele tem que saber relacionar o processo de desenvolvimento infantil ao surgimento das brincadeiras, considerando que o brincar vai além das questões estritamente cognitivas, sendo, culturalmente, uma atividade humana.

A educação moral da criança busca atingir os valores universais da educação, pois, de acordo com Piaget (1994) a chamada autonomia moral só se desenvolve a partir de relações de cooperação, que se baseia no princípio da reciprocidade. Atualmente esses valores morais não são estabelecidos, com a consequência de a autonomia da criança ser deixada de lado e esse ser se tornar submisso à vontade da sociedade. La Taille (1994, p.77) afirma que "no campo da moral, como naquele da inteligência, Piaget opõe-se às teorias que concebem a formação da consciência como sendo uma simples interiorização de modelos culturais impostos pelo meio." Assim, a escola inconscientemente tem influência sobre a personalidade do educando, tendo o papel de prejudicar ou de contribuir para o desenvolvimento do indivíduo em direção à autonomia.

### O LÚDICO E A FORMAÇÃO DA CRIANÇA

Desde tempos remotos, a criança deveria ter o direito de brincar, o que não é um fato, pois somente atualmente há estudos da importância do lúdico nessa fase de vida da criança. O lúdico tem relevância no desenvolvimento infantil, de acordo com Piaget (1986), o lúdico vai proporcionar o aprendizado da criança. O considerado brincar pode promover sua socialização, vivenciando situações que possam ajudar nos trabalhos em equipe e respeito. Os estudos de Piaget (1994) a respeito da

construção do juízo moral na criança indicaram uma correlação evidente entre o amadurecimento da compreensão da regra da brincadeira e a percepção da importância da cooperação mútua. Ele identificou o momento em que a criança começa a jogar efetivamente conforme as regras e o fato de que ela admite que seja possível alterá-las, sem que isso constitua uma transgressão. O autor (1994) concluiu que quando a regra deixa de ser exterior às crianças para depender apenas da livre vontade coletiva, ela incorpora-se à consciência de cada um e a obediência individual não é senão espontânea. Porém, essas transformações nas concepções morais de uma criança irão ocorrer através de um processo de desenvolvimento em que alguns períodos serão marcados por certas características. O autor (1994) aponta três grandes etapas, que apresentam características diferentes de consciência moral: Anomia – A: negação - Nomia: regra, lei fase dos primeiros anos de vida em que a criança não compreende o valor das regras, ou seja, não é capaz de compreender as regras nem para o seu bem-estar e proteção. Heteronomia – A lei, a regra vêm do exterior, do outro, nesta fase ela compreende as regras, mas só as obedece porque teme desagradar quem as construiu. Autonomia – Capacidade de governar a si mesmo, uma fase em que o sujeito é capaz de construir e respeitar as regras porque compreende a sua importância para o bem-estar da comunidade. Nesta fase o sujeito aprende a conviver com consensos e divergências, aceita opiniões diferentes das suas e respeita os valores mútuos da dignidade, do diálogo e da solidariedade. É possível perceber através da descrição acima que a passagem de uma etapa para a outra representa um processo evolutivo em que a consciência moral vai se aprimorando. Contudo, é importante destacar que os efeitos da coação adulta e da cooperação entre iguais na consciência moral do sujeito influenciam no processo. Uma estratégia importante para incentivar o aprimoramento de habilidades sociais é dar oportunidade às crianças de vivenciarem brincadeiras e jogos em espaços coletivos, tais como: brinquedotecas, creches e escolas. Contudo, ao mesmo tempo esses recursos representam grandes dificuldades no campo educacional. Conciliar os conteúdos das diversas disciplinas e o oferecimento de atividades lúdicas ainda representa um grande desafio. Apesar do grande número de pesquisas voltadas para este assunto, o oferecimento do brincar nas escolas apresenta-se cada vez mais restrito. Geralmente, as atividades lúdicas são oferecidas como prêmio, após uma atividade pedagógica concluída, por um bom comportamento ou simplesmente para passar o tempo. Muitas vezes a escola oferece os conceitos das disciplinas distantes da realidade dos alunos que perdem o interesse e acabam percebendo as tarefas escolares como enfadonhas e desnecessárias. Vários autores têm apontado através de estudos os benefícios que o brincar pode trazer para o desenvolvimento cognitivo e social.

[...] jogos e desafios podem favorecer observações a esse respeito e possibilitar análises, promovendo processos favoráveis ao desenvolvimento e a aprendizagens de competências e habilidades dos alunos para pensar e agir com razão diante dos conteúdos que enfrentam em sua educação básica. Mais que isso, supomos que por meio deles podem encontrar-simbolicamente-elementos para refletirem sobre a vida e, quem sabe, realizá-la de modo mais pleno. (MACEDO, 2009, p. 08).

O ser humano encontra-se inserido numa sociedade informatizada e informativa, necessitando de pessoas capazes de criarem as próprias opiniões, seres ativos, dinâmicos, responsáveis pelos seus atos, e o lúdico é um grande auxiliar no desenvolvimento cognitivo, físico, afetivo, entre outros aspectos. De acordo com o Referencial Curricular da Educação Infantil:

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. (BRASIL, 1998, p.23).

São considerados por Piaget (1978) uma ferramenta indispensável para os jogos com regras através de contato com o outro a criança vai internalizar conceitos básicos de convivências. A brincadeira e os jogos permitem uma flexibilidade de conduta e conduz a um comportamento exploratório até a consecução de modelo ideal de portar com o próximo, resultado de experiências, conflitos e resoluções destes (BRUNER, 1968). Através do lúdico, a criança pode formar conceitos, estabelecer relações, selecionar ideias, se socializa. A vivência da ludicidade e da aprendizagem em conjunto, pode estabelecer relações com experiências vivenciadas, e também estabelecer relação com a moral que é transmitida a partir dessa formação. A formação do ser humano é “um processo que sintetiza dinamicamente um

---

conjunto de elementos produzidos pela história humana e, assim, a singularidade de toda ação educativa é sempre histórica e social.” (FANTIN, 2000). A ludicidade é uma atividade que tem valor educacional, e também pode ser utilizada como recurso pedagógico. De acordo com Teixeira (1995), há razões para os educadores aplicarem o lúdico no ensino: as atividades lúdicas são um impulso natural da criança, portanto há uma satisfação interior, pois o ser humano apresenta tendência lúdica e o lúdico é caracterizado pelo prazer e pelo esforço. Se pensarmos em outros âmbitos, o lúdico também está presente na leitura, apropriando-se da literatura o ser descobre e compreende o mundo. Tudo isso serve como potencialização para que haja a aprendizagem e a formação moral do ser. A atividade lúdica compreende a criança interagir com a coletividade e consigo mesmo. O que é de maior significado é que se a criança aprender com o lúdico, isso ficará marcado em sua lembrança para sempre.

## O LÚDICO E A MORAL

Segundo Piaget (1978), o jogo infantil é dividido em três fases distintas: jogos de exercícios, simbólicos e com regras. O jogo de exercícios ocorre na primeira infância, surge por volta dos 18 meses de vida, e são manifestações de repetições motoras que oferecem certo controle para os bebês, são resultados de suas ativas movimentações resume quase que exclusivamente a manipulações, oferecidas pelas descobertas do potencial das mãos. Depois de um ano de vida estas movimentações perdem seu valor e através de combinações das ações dos membros superiores passam a se transformar em uma nova etapa dos jogos de exercícios, a construção. Após, esse período, aproximadamente entre 2 e 4 anos, surgem os jogos simbólicos, ou faz-de-conta, são exercícios onde a criança utiliza sua imaginação, primeiramente de forma individual, para representar papéis, situações, comportamentos, realizações, utilizar objetos substitutos (por exemplo, uma espiga de milho para transformar em boneca). A última faz que Piaget (1978) classifica os jogos, são os jogos com regras (a partir de 5 anos) aqui as crianças passam do individual e vão para o social, os jogos possuem regras básicas e necessitam de interação entre as crianças, são resultados destes tipos de jogos a aprendizagem de regras de comportamentos, respeito às ideias e argumentos contraditórios e a construção de relacionamentos afetivos. Atualmente mais do que pensamos a comunicação é questão de sobrevivência. Dominar todos os tipos de linguagens e a troca de informações torna-se de extrema importância no mundo globalizado em que vivemos. Considera-se como forma de comunicação a leitura e a escrita, muitas vezes deixando de lado outros processos que são tão importantes quanto à leitura e a escrita. O lúdico é um desses processos, podendo agir no ser, na sua interpretação e na comunicação de ideias, ampliando assim o seu repertório no que diz respeito às formas de aprendizagem. Dallabona (2004) contextualiza o lúdico no processo educativo, e a importância de ser desenvolvida em sala de aula, de acordo com a autora a aprendizagem das crianças depende desse processo com o lúdico, assim como Santos (2010), que além de identificar a importância do lúdico no processo educativo, apresenta em sua obra como ensinar através do lúdico e de como tratar essas questões na sala de aula, para assim trazer um novo paradigma para a educação. Sendo assim é preciso considerar que as crianças, além de ter uma escolarização de boa qualidade, é preciso que o trabalho feito pela escola seja diferenciado. O desenvolvimento das crianças e suas potencialidades devem ser analisados para que haja novas práticas educativas. Wasserman (1990) acredita que o lúdico pode trazer benefícios no ambiente escolar, e o que chamam de brincar pode contribuir para o desenvolvimento do ser. Na nossa sociedade há transformações que ocorrem a todo o momento, onde há conflitos mais presentes, com a desvalorização do que é público, para isso é necessário que a escola esteja engajada em procurar práticas pedagógicas, para que as crianças sejam preparadas para a vida coletiva, para isso é importante a formação da moral do ser. La Taille (1994) nos estudos que envolvem Piaget demonstra a importância para identificar como é a formação dessa moral. Com isso é possível reiterar que o lúdico constitui papel de extrema importância no que diz respeito à formação moral do ser. Wasserman (1990) consegue interagir nas duas temáticas, a moral e o lúdico, e como essa interligação é constituída. Para compreender melhor sobre a formação moral e a ludicidade, Almeida (1992) que trata do lúdico, e a construção do conhecimento a partir de uma perspectiva construtivista, relata a importância de métodos diferenciados para a construção da moral. A criança em sua vida adquire variados tipos de conhecimento, desenvolve habilidades, e com o auxílio das atividades lúdicas conseguem melhorar sua socialização, podendo assim exercer sua moral em atividades que trabalhem em equipe. De acordo com Ferreira (2011), a criança enquanto cria, desenvolve o pensamento crítico. As crianças estão em constante aprendizado, cabe respeitar o tempo de cada criança e proporcionar meios facilitadores para que a moral possa se concretizar com o lúdico. Negrine (1994) relata que o lúdico é uma atividade de grande eficácia na construção do desenvolvimento infantil, pois o brincar gera um espaço para pensar, e que por meio do pensar a criança avança no raciocínio, desenvolve o pensamento, estabelece contatos sociais, compreende o meio, satisfaz desejos, desenvolve habilidades, conhecimentos e criatividade. As interações que o lúdico oportuniza favorece a superação

---

do egocentrismo, que é natural em toda criança, desenvolvendo a solidariedade e a socialização. Com frequência, nas brincadeiras das crianças, elas se interessam mais pela interação social do que pelo conteúdo da brincadeira. De acordo com Piaget (1994) vemos surgir o sinal quando ela descobre que a veracidade é necessária nas relações de simpatia e de respeito mútuos. A capacidade de interagir com o lúdico, possibilita às crianças um espaço para a resolução de todos os problemas que estão ao seu redor, através do lúdico ela pode reproduzir o discurso externo e o internalizar, assim construindo seu próprio pensamento. De acordo com Kishimoto:

Brincar é visto como um mecanismo psicológico que garante ao sujeito manter certa distância em relação ao real, fiel na concepção de Freud, que vê no brincar o modelo do princípio de prazer oposto ao princípio da realidade. Brincar torna-se o arquétipo de toda atividade cultural que, como a arte, não se limita a uma relação simples como o real. (KISHIMOTO, 2002, p.19)

Por meio das atividades lúdicas, a criança reproduz muitas situações vividas em seu cotidiano, as quais, pela imaginação e pelo faz-de-conta, são re-elaboradas. Esta representação do cotidiano se dá por meio da combinação entre experiências passadas e novas possibilidades de interpretações e reproduções do real, de acordo com suas afeições, necessidades, desejos e paixões. Estas ações são fundamentais para a atividade criadora do homem. Negrine (1994, p. 171), em estudos realizados sobre aprendizagem e desenvolvimento infantil, afirma que "quando a criança chega à escola, traz consigo toda uma pré-história, construída a partir de suas vivências, grande parte delas através da atividade lúdica". Sendo assim é possível considerar que o lúdico vem ampliando sua importância, deixando de ser um simples divertimento e tornando-se uma transição entre a infância e a vida adulta, podendo ajudar na formação da moral do ser.

## O PROFESSOR COMO MEDIADOR DA CONSTRUÇÃO DA MORAL

As relações dos professores com as crianças são cruciais para o ambiente sócio moral. O educador precisa pesquisar e estar atento às necessidades das crianças para conseguir selecionar materiais adequados, que despertem nelas o interesse, favorecendo-lhes a criatividade, introduzindo personagens e situações novas, tornando o jogo mais rico, aumentando novas possibilidades de aprendizagem. O professor precisa estar atento à idade e às capacidades de seus alunos para selecionar e deixar à disposição materiais adequados. O material deve ser suficiente tanto quanto à quantidade, como pela diversidade, pelo interesse que despertam pelo material de que são feitos. Lembrando sempre da importância de respeitar e propiciar elementos que favoreçam a criatividade das crianças. Uma observação atenta pode indicar ao professor que sua participação seria interessante para enriquecer a atividade desenvolvida, introduzindo novos personagens ou novas situações que tornem o jogo mais rico e interessante para as crianças, aumentando suas possibilidades de aprendizagem.

Educar não se limita a repassar informações ou mostrar apenas um caminho, aquele caminho que o professor considera o mais correto, mas é ajudar a pessoa a tomar consciência de si mesma, dos outros e da sociedade. É aceitar-se como pessoa e saber aceitar os outros. É oferecer várias ferramentas para que a pessoa possa escolher entre muitos caminhos, aquele que for compatível com seus valores, sua visão de mundo e com as circunstâncias adversas que cada um irá encontrar. Educar é preparar para a vida. (KAMI, 1991, 125).

É responsabilidade do professor que as crianças construam equilíbrio emocional e capacidade de enfrentamento, entendimento interpessoal e valores sociais e morais. As maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brinquedo, aquisições que no futuro tornar-se-ão seu nível básico de ação real e moralidade. O professor deve pensar em atividades que possam despertar o interesse dos alunos, para assim haver a construção do conhecimento e da formação moral do ser. Deve ser substituída a prática tradicional para que o lúdico se faça de maneira presente no cotidiano de alunos e professores.

Se este entendimento da forma como as crianças aprendem for aplicado a todo trabalho de aula, torna-se mais fácil ver que a aprendizagem de conceitos é mais um processo evolutivo do que uma questão de informação dada num determinado momento. Os professores que assim pensam, não põem de lado esta responsabilidade de ajudar as crianças a compreender mais e melhor; apenas encaram o assunto de outro modo. (WASSERMANN, 1990, p.63).

---

Quando o lúdico é trabalhado em sala de aula, várias funções são realizadas, como as psicomotoras, a concentração, além de sua moral. Assim sendo o método avaliativo dos alunos deve levar em consideração a avaliação cognitiva, que proporcionará uma melhora no seu ensino-aprendizagem. Entendendo-se que com uma avaliação que avalie seus aspectos sociais, morais, entre outros, o aluno possuirá maior facilidade em outras atividades. O professor então possui papel importante na implementação de práticas pedagógicas que envolvam o lúdico e motivem seus alunos para uma formação não somente acadêmica, mas humana.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O lúdico é uma forma facilitadora para a construção da moral. Além da construção da moral, com o lúdico a criança pode desenvolver aspectos afetivos, motores e sociais. Para isso acontecer o professor deve trabalhar de uma maneira que a criança possa construir ideias e conceitos que possam contribuir para a sociedade que vivem. Apesar disso, o lúdico é apenas uma das possibilidades de educação. O professor também possui papel fundamental para as mudanças que podem ser proporcionadas através de experiências lúdicas, é preciso que o educador se arrisque e experimente. As escolas podem mudar o jeito de administrar o lúdico no cotidiano das crianças, para que gradativamente o aproveitamento na escola melhore. Assim sendo, criar relações educativas democráticas, para que desde a primeira infância haja o exercício da cidadania, pois educar o ser hoje é educá-lo para a vida, superando todos os seus desafios.

Nunca devemos subestimar as crianças, pois se o fizermos, podemos ter uma surpresa. Numa sala de aula em que os princípios inerentes ao desenvolvimento do poder pessoal estão na base de todas as experiências de aprendizagem vividas pelas crianças, o potencial para o crescimento dessas crianças é vasto, e as surpresas reservadas aos professores que optarem por esse tipo de ação são enormes. Talvez seja isso que faz do ensino de crianças pequenas algo que compensa e vale a pena. (WASSERMANN, 1990, p.263).

Na relação do professor com a criança, é preciso que se busque o pensamento próprio das crianças, e para compreender é preciso ir à busca de sua imaginação. O brincar dá a possibilidade de transformar o mundo. Se a criança é em seu íntimo criativa e imaginativa, o professor pode se utilizar desse meio para tornar possível a educação que tanto almejamos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Áurea Maria de Oliveira. **O Lúdico e a Construção do Conhecimento**: uma proposta pedagógica construtivista. Prefeitura Municipal de Monte Mor, Departamento de Educação, 1992.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, 1998. v.2.
- BRUNER, J. **O processo de educação**. São Paulo: CIA Ed. Nacional, 1968.
- DALLABONA, Sandra Regina. O Lúdico na Educação Infantil: jogar, brincar, uma forma de educar. 2004. Disponível em: < <http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev04-16.pdf>. > Acesso em: 24/03/2014.
- FANTIN, Mônica. **No mundo da brincadeira**: jogo, brinquedo e cultura na educação infantil. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.
- FERREIRA, Rosalina Gomes. **A importância do brincar na educação infantil**. Disponível em: < <http://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-de-brincar-na-educacao-infantil/11903/>>. Acesso em: 23/03/2014.
- KAMI, Constance. DEVRIES, Rheta. Piaget para educação pré-escolar. Porto Alegre: Art. 1991.
- KISHIMOTO, Tisuko M. (org). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- LA TAILLE, Yves de. **A dimensão ética na obra de Jean Piaget**. Série idéias n. 20. São Paulo: FDE, 1994. Disponível em: <[http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias\\_20\\_p075-082\\_c.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_20_p075-082_c.pdf)> Acesso em: 05/03/2014.
- LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloísa. **Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.
- MACEDO, Lino de. **Jogos, Psicologia e Educação: Teoria e Pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.
- NEGRINE, Aírton. **Aprendizagem e desenvolvimento infantil**. Porto Alegre: Prodil, 1994.
- PIAGET, Jean. **A formação dos símbolos na criança**. Rio de Janeiro: Zabar 1978.
- PIAGET, Jean. **A linguagem e o pensamento da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus Editorial, 1994.

---

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **O Brincar na Escola:** Metodologia lúdico-vivencial, coletânea de jogos, brinquedos e dinâmicas. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

TEIXEIRA, C.E.J. **A Ludicidade na Escola.** São Paulo: LOYOLA, 1995.

WASSERMAN, Selma. **Brincadeiras sérias na Escola Primária.** Lisboa: Instituto Piaget, 1990.



---

### **Josefa Bezerra de Menezes**

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Anhanguera de São Paulo. Pós graduada em Educação Inclusiva Lato Sensu em nível de Especialização pela Faculdade Paulista de Comunicação - Campos Salles. Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura Municipal de São Paulo. PMSP.

---

## PLANO CURRICULAR NO ENSINO SECUNDÁRIO DO PRÉ-UNIVERSITÁRIO (PUNIV)-LUANDA-ANGOLA

MATEUS CANIVONGA

BELA CADETE

### RESUMO

O presente artigo, tem como tema: Estudo do plano curricular no perfil de saída profissional dos alunos da 12ª classe. O propósito é saber se o plano curricular dos cursos que compõem o segundo ciclo do ensino secundário ou pré-universitário (PUNIV) comporta o perfil de saída profissional para os alunos que concluem o respectivo ciclo de formação. O presente estudo enquadra-se na pesquisa qualitativa na sua vertente descritiva. Contribui negativamente para o surgimento do sentimento desespero, abandono escolar, repetência, frustração, alcoolismo, não realização pessoal, delinquência e de não realização profissional;

**Palavras-chave:** Currículo. Educação. Saída profissional.

### INTRODUÇÃO

A educação pertence ao domínio da arte de criar condições susceptíveis de orientar a evolução dos sujeitos e como elemento de um sistema, jamais deve permanecer estática no tempo e no espaço para atingir esse fim.

Pertencendo a um determinado meio social, a escola é influenciada pelo estado social, técnico, económico e pela ideia que se forma do seu meio, seu lugar e do seu papel.

Atualmente verifica-se que com a construção e abertura de mais escolas do ensino geral, a taxa de escolarização em Angola tenha atingido valores bastante elevados para a população jovem em idade escolar, mas, apesar dessas transformações é ainda acentuado um elevado índice de desemprego e insucesso profissional por parte de muitos jovens. Investigar até que ponto o currículo ou plano curricular deste ciclo de formação recai sobre expectativa profissional desses jovens, ajuda idealizar como a associação educação-escola-currículo e sociedade, permite unificar uma série de informações e conhecer os padrões de comportamento assumidos por cada indivíduo nos diferentes contextos sociais.

### CONCEITOS DE PLANO CURRICULAR

Neste item se pode constar alguns conceitos de plano curricular

De acordo com Torrinhas (200, p. 1129), o termo plano (do original em latim, planu) significa planta, planície, traçado, desenho, disposição geral de uma obra, projecto, desígnio. Para Tavares (2011, p. 115), plano é produto, aquilo que pode ser explicitado em forma de registo que é provisório. Corresponde ao programa de uma actividade temporária.

Segundo Vasconcellos (1995, citado por Tavares, 2011, p. 116), plano é um guia de orientação, deve ter uma ordem sequencial, progressiva, para que alcance seus objectivos, ou seja, ele deve ter objectividade e flexibilidade, bem como possuir coerência.

Noutra visão, Gill (2010, p. 96), entende o plano como sendo, documento que consolida as acções planeadas e executadas às actividades necessárias para o alcance dos objectivos pretendidos. Nessa etapa do processo é que se desenvolvem as acções didácticas, tais como a exposição, a orientação de leitura e a condução dos grupos de estudo. Corresponde a consolidação das acções planeadas tendo em vista os objectivos a serem alcançados numa actividade.

---

## PLANO CURRICULAR

O plano curricular é um documento bastante importante para a vida escolar.

O plano curricular, na maior parte das vezes aparece associado à sinónimos tais como, desenho curricular, directriz curricular, guia curricular, currículo pleno, projecto curricular, programa curricular, decisão curricular (Pilletti, 2004; Roldão e Almeida, 2018; Silva, 2011; Rosário, 2008; Gill, 2000 e Arroyo, 2011).

No intuito de Pilletti (2004, p. 56), desenho curricular é o conjunto formado pelos currículos das diferentes séries e turmas escolares. É um plano escrito, cujo objectivo é orientar os professores no desenvolvimento final do currículo, numa situação de aprendizagem. Para este autor, plano curricular é o conjunto das disciplinas, conhecimentos, métodos, estratégias, recursos e meios de ensino de que os professores põem as mãos para a efetivação da aprendizagem dos alunos de um determinado nível de escolaridade.

Para Roldão e Almeida (2018, p. 18), o plano curricular ou decisão curricular surge como um processo que implica analisar a situação que se apresenta e confrontá-la com o que se pretende conseguir da vida quotidiana da escola. Trata-se portanto, de um mecanismo que permite gerir adequadamente as mudanças nos sistemas sociais, económicos e educativos através da escola. Mais adiante, Roldão e Almeida (2018, p.161), percebem o projecto curricular como um quadro mais amplo que articula e formula as competências gerais e transversais à saída do ensino básico associadas as disciplina. Neste conceito, estes autores destacam dois aspectos importantes, o primeiro é a redução do currículo a um conjunto de disciplinas de valores transversais e o segundo dá a escola a autonomia da aplicação, avaliação, execução e gestão do plano curricular.

Silva (2011, p. 495), partilha a ideia onde o projecto curricular é visto como o conjunto de decisões articuladas e partilhada pelo corpo docente de um estabelecimento educativo tendente a adoptar de maior coerência a sua actuação, concretizando as orientações curriculares de âmbito nacional em propostas globais de intervenção pedagógico-didáctica adequadas ao contexto específico.

Conforme Rosário (2008, p. 62), o plano ou projecto curricular surge como uma dimensão do currículo à metodologia, acções e resultado do diagnóstico, modelação, estruturação e organização dos projectos curriculares. Nesta perspectiva de ideia plano curricular passa a ser a dimensão das experiências a serem desenvolvidas pelos alunos de uma estrutura escolar de forma metodológica. O plano curricular é a materialização das actividades a serem desenvolvidas pelos alunos. Envolvem as actividades extracurriculares como visitas de estudos, experiências de laboratório, visita a museus, exploração arqueológicas, práticas de natação, actividades recreativas e comemorativas. É um documento formal que expressa o conjunto de conhecimentos, habilidades, valores, atitudes e experiência educacionais a serem adquiridos por todos os alunos de um determinado sistema escolar.

Segundo Roldão e Almeida (2018, p. 528), outro aspecto a se ter em conta é que o conceito de plano, projecto, programa ou desenho curricular tem dois sentidos, um informal e outro formal. No sentido informal o plano curricular é visto como um processo decorrente da execução do projecto educativo da escola, enquanto que, no sentido formal é visto a partir dos conteúdos transversais a serem transmitidos e dos objectivos a serem almejados. Gill (2011, p. 98), acrescenta que o plano curricular indica os tópicos ou campos de estudo às demais experiências de ensino e aprendizagem que compõem os currículos, mas evitam ao máximo a fixação de conteúdos específicos com cargas horárias predeterminadas e que não poderão exceder cinquenta por cento da carga horária total dos cursos. De forma resumida pode-se comentar que na visão deste autor, plano curricular corresponde ao programa que prevê a totalidade das acções traçadas pelas políticas educacionais relativas à necessidade de formação técnica e o desenvolvimento cultural.

## ALGUMAS TEORIAS SOCIOLOGICAS E O CURRÍCULO

Moreira e Silva (2002, p. 7), afirmam que as teorias sociológicas e críticas do currículo começaram a ser desenvolvidas no final do século dezenove e início do século vinte, nos Estados Unidos, Grã-Bretanha e Inglaterra, quando um significativo número de educadores demonstraram a preocupação com os processos de racionalização, sistematização e controle da escola e do currículo. Surgiram numa altura em que o consenso teórico e metodológico da educação era dominada pela supervalorização do planeamento, pela implementação e controlo dos currículos, pelos objectivos comportamentais, pela adopção de procedimentos científicos de avaliação e pelas pesquisas educacionais quantitativa consideradas deste modo como o melhor caminho para se produzir conhecimento.

---

De acordo com, Kliebard (1965 e Shor 1986, citados por Moreira e Silva, 2002, p.18), dentre os principais representantes desta concepção teórica se destacam na América os autores como Rugg & Tyler (1949), que procuraram incorporar suas contribuições em síntese integradoras; os trabalhos de Bobbitt (1918), que apresenta o currículo como um modelo de pretensão científica que dá resposta à preocupação de preparar todos os jovens para a sua vida adulta futura;

Na Inglaterra, de acordo com Fernando (2008, p. 53), surgem como representantes, Stenhouse & Elliot (1966), que analisaram a relação entre a escola e a sociedade de modo a solucionar determinados problemas da sociedade e buscar soluções através das relações didáticas complexas entre o professor e os alunos; Schwab (1969), que procurou dar resposta ao paradigma ecológico e demonstrou a necessidade do plano curricular ser concebido a partir das experiências diárias dos alunos e não pela opinião pré-estabelecida e, Niebla (1976) cujo marco de opinião considera o currículo como produto do referencial social, económico, político e científico. Para ele, o plano curricular de um determinado nível de ensino deve ser elaborado em função das características da prática profissional, da acção interdisciplinar sobre o objecto de transformação, dos modelos e das tipologias de avaliação.

## TEORIAS CURRICULARES SÓCIO-CRÍTICAS

Para Rosário (2008, p. 47), as teorias curriculares de âmbito sócio-crítico surgem como sucessão das concepções conductistas e oposição das concepções fundamentadas na tecnologia educativa. As suas teses são fundamentadas na tecnologia educativa e nos processos de socialização dos alunos na sala de aula, na análise dos problemas e na procura de soluções através da busca minuciosa do conhecimento.

### Critérios para elaboração do plano curricular

As fases de elaboração do projecto curricular, na visão de Silva (2011, p. 497), implica obedecer os seguintes critérios:

- Definição dos objectivos gerais da aprendizagem. Envolve a selecção das competências que servem de referência para as decisões sobre as actividades a avaliar e o progresso dos alunos;
- Selecção dos critérios de interdisciplinaridade, integração e globalização para melhor definir e organizar os conteúdos;
- Definição das orientações metodológicas que servirão de suporte as diversas opções individuais;
- Selecção das unidades didáticas integradoras com base na calendarização das actividades;
- Definição dos critérios de organização espaço-temporal com o propósito de se criar as condições adequadas para a realização e desenvolvimento das actividades dos alunos;
- Selecção dos manuais curriculares que serviram de apoio e consulta;
- Decidir sobre o campo das adaptações curriculares em função das necessidades educativas específicas de cada aluno e estabelecer os critérios de avaliação formativa e sumativa que serviram de indicadores para orientar os alunos;
- Selecção dos materiais didácticos a serem utilizados como critérios para organização e utilização das actividades propostas.

## MODELOS DE PLANOS CURRICULARES

De acordo com Roldão e Almeida (2018, p. 19), as políticas de gestão e flexibilidades criaram a necessidade de agrupar o plano curricular em quatro níveis: central, institucional, grupal e individual. O primeiro nível de desição curricular estabelece o currículo nacional delineado pela administração central, faz a prescrição das aprendizagens comuns a serem promovidas pela escola e se materializa a partir dos programas, orientações curriculares e documentos afins. Dito em outras palavras, corresponde aos programas das políticas educacionais de âmbito geral.

Moreira e Silva (2002, p. 60), esclarecem que este modelo de plano curricular deve estar sob-responsabilidade dos grupos de direitas que precisam pensar com extremo cuidado sobre o que pode acontecer no futuro, analisar os conteúdos básicos e fundamentais que determinam as metas e os objectivos a serem alcançados e caracterizar a pauta política na educação de todas as áreas da política nacional através das quais os vinte por cento mais ricos da população ficam com oitenta por cento dos benefícios.

---

Roldão e Almeida (2018, p. 20), definem o plano curricular de nível institucional ou meso, como sendo, um processo de adaptação do currículo nacional ao contexto das escolas, do projecto educativo que expressa a visão e o instrumento de gestão educativa da escola. Este modelo de plano curricular, de acordo com Galeão (2005, p. 22), contribui para a continuidade e coerência da actuação educativa da equipa de professores dos diferentes níveis de escolaridade. Em outras palavras, o plano curricular escolar ou institucional procura materializar o plano curricular central em função da realidade apresentada por cada escola.

Na visão de Costa e Ramos (2004, p. 88), o projecto curricular institucional deve ser elaborado em função do plano central, do contexto sociocultural onde está inserida, da finalidade educativa e das características específicas de cada escola, alunos e professores. Gill (2010, p. 98), acrescenta a definição da missão da escola e dos seus objectivos, descrição das suas metas, bem como, apresentação dos dados referentes à sua organização académica e administrativa, planeamento e organização didáctica-pedagógica, oferta de cursos e programas, infra-estrutura académica e o projecto de acompanhamento e avaliação do desempenho institucional.

Nobre (2003, p. 31), demonstra que a finalidade do processo de elaboração ou construção do plano curricular de nível institucional visa assegurar o sucesso de todos os alunos, proporcionar igualdade de acesso e oportunidade educativa, encontrar no trabalho de equipa dos professores a maneira mais adequada para a efectivação do plano central ou nacional à escola, sendo posteriormente a base para a elaboração dos vários projectos curriculares de turmas.

Gill (2010, p. 98), explica que a elaboração do plano curricular institucional é importante, por que, possibilita refletir sobre o seu passado, presente e o futuro, identificar seus pontos fortes e fracos, as ameaças e as oportunidades a que pode estar sendo submetida.

O projecto curricular institucional se manifesta no modo de como a escola organiza as diversas áreas e disciplinas do currículo, a carga horária, os tempos lectivos, a distribuição do serviço docente e o modelo de selecção, valorização, avaliação dos processos, produtos culturais e a forma de comunicação, Nobre (2003, p. 33). O plano curricular institucional, se desdobra em plano curricular grupal e o plano individual.

## SISTEMA EDUCATIVO ANGOLANO

O Ministério da Educação (MED, 2019, p. 8), esclarece que a génese da educação em Angola está intrinsecamente ligada com a proclamação da independência de 11 de Novembro de 1975. É a partir da independência que ocorreram profundas transformações no sistema político e socioeconómico angolano, como por exemplo, a passagem da economia socialista para a economia de mercado, a mudança do sistema político monopartidário para o sistema político multipartidário e a implementação da segunda reforma educativa que passaram a abranger o sistema de educação e ensino.

Essas transformações, segundo Dacal (1986, citado por Arroiteia, 2008, p. 157), contribuíram para uma acção instrutiva desenvolvida de acordo com os princípios e técnicas de carácter científico e deram respostas às solicitações, expectativas e necessidades da sociedade e grupos que a integram.

Segundo a Lei de Bases do Sistema de Educação (LBSE, 2001, p. 2) e INIDE/MED (2019, p. 9), criou-se um sistema de educação e ensino que eliminou os vestígios da política educativa colonial, tendo esta sido consagrada na lei constitucional, como um direito de todos os cidadãos, sem discriminação de sexo, raça, etnia e crença religiosa. Este veio contribuir para a escolarização de todas as crianças em idade escolar, reduzir o elevado índice de analfabetismo em jovens e adultos, aumentar a eficácia do sistema educativo, garantir a igualdade de oportunidades no acesso, gratuidade do ensino a todos os níveis, aperfeiçoamento constante do pessoal docente, contribuir para expansão da rede escolar, melhorar a qualidade de ensino, reforçar a eficácia e melhorar a equidade do sistema de educação.

Para o Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento da Educação e Ministério da Educação (INIDE/MED, 2019, p. 10), a Lei nº 13/01 de 31 de Dezembro de 2001, definiu os princípios organizadores e estruturantes que estabeleceram as bases legais do sistema de educação para a melhoria da qualidade de ensino, reforço a eficácia do sistema de educação de forma significativa, construção de mais escolas em todo o país, elaboração dos materiais pedagógicos e o reforço da eficácia e da equidade do sistema. Estes princípios são inspirados num conjunto de exigências resultantes do actual contexto sócio-económico onde o livro escolar é destacado como fonte de informação científica para a transformação do processo educativo e dos recursos didáctico-pedagógicos relevantes.

---

Deste modo, o sistema educativo angolano, para o Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento da Educação e Ministério da Educação (INIDE/MED, 2019, p. 11), passou a ser entendido como o conjunto de estruturas, modalidades e instituições de ensino, por meio das quais realiza-se o processo educativo, tendente à formação harmoniosa e integral do indivíduo, com vista à construção de uma sociedade livre, democrática, paz, progresso social e direito. Trata-se porém de um conjunto de instituições públicas e privadas que respondem às necessidades de instrução e formação da população nas diferentes etapas da sua vida pessoal.

De acordo com a Lei de Bases do Sistema de Educação (LBSE, 2001, p. 2), o sistema educativo está sob-tutela da lei constitucional e desenvolve-se em todo o território nacional sobre responsabilidades e iniciativas do poder central do estado, sociedades filantrópicas, associações religiosas, poder local do estado, organizações não governamentais e iniciativas privados. Gill (2010, p. 95), defende que também deve estar sobre as directrizes do plano nacional de formação de quadros, coordenação geral do Ministério da Educação e Cultura, do Ministério do Ensino Superior, Ciência e Tecnologia e dos acordos de cooperação e experiências adquiridas.

INIDE/MED (2019, p. 11), demonstra que do ponto de vista geral ou organizacional, o sistema educativo angolano está dividido em quatro níveis de ensino de disposição funcional, nomeadamente, educação pré-escolar; ensino primário; ensino secundário e o ensino superior. Desse contexto adstrito ou estrutural, o sistema educativo angolano aparece analisado a partir de um padrão unificado dividido em seis subsistemas: subsistema de educação pré-escolar; subsistema de ensino geral; subsistema de ensino técnico-profissional; subsistema de formação de professores; subsistema de educação de adultos e, subsistema de ensino superior.

### **SUBSISTEMA DE EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR**

Segundo Nérice (2011, p. 34), a educação pré-escolar pode também ser denominada por ensino pré-escolar, pois, teve como fundador, o inesquecível educador alemão Friedrich Froebel, que anteviu a necessidade da estimulação precoce da criança para o seu normal desenvolvimento. Para Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento da Educação e Ministério da Educação (INIDE/MED, 2019, p. 18), este nível de ensino é dirigido a indivíduos da primeira infância, cuja idade vai desde o nascimento aos cinco anos de idade aproximadamente e corresponde a fase da vida da criança em que se devem realizar acções de condicionamento e desenvolvimento psicomotor. É a base da educação que cuida da construção das habilidades da primeira infância, de modo a preparar a criança para o ensino obrigatório, satisfazendo as suas necessidades básicas de aprendizagem.

De acordo com a (LBSE, 2001, p. 6), este subsistema de ensino aparece estruturado em dois ciclos de aprendizagem, designadamente, a creche que agrega os indivíduos dos três meses aos três anos de idade e o jardim de infância que agrega as crianças dos três aos cinco anos de idade aproximadamente.

O subsistema de Educação Pré-escolar, de acordo com INIDE/MED (2019, p. 17), procura alcançar os seguintes objectivos: estimular o desenvolvimento intelectual, físico, moral, estético e afetivo da criança, garantindo-lhe um ambiente sadio, de modo a facilitar a sua entrada no subsistema de ensino geral; melhorar a participação da criança, através da observação e compreensão do meio natural, social e cultural que a rodeia; desenvolver as capacidades de expressão, de comunicação, de imaginação criadora, estimulando a curiosidade e a actividade lúdica da criança. Nérice (2011, p. 34), acrescenta ainda o de dar continuidade ao trabalho educativo iniciado no lar; desenvolver a psicomotricidade que favoreça o desenvolvimento da personalidade e para o aprendizado da leitura e escrita; estimular a curiosidade, iniciativa, criatividade e a independência da criança; promover hábitos de asseio, ordem e economia; desenvolver o senso de auto-disciplina e auto-consciência.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Portanto, os cursos que compõem o segundo ciclo do ensino secundário ou pré-universitário (PUNIV), possuem apenas perfil de saída de âmbito académico e por este motivo causa um impacto negativo na saída profissional dos alunos da 12<sup>a</sup> classe;

A falta da componente prática no plano curricular dos cursos que compõem o segundo ciclo do ensino secundário ou pré-universitário (PUNIV) dificulta a inserção profissional dos alunos da 12<sup>a</sup> classe;

O plano curricular do segundo ciclo do ensino secundário contribui para o surgimento do sentimento de abandono escolar, repetência, frustração, alcoolismo, desespero, não realização pessoal, delinquência e de não realização profissional.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARROYO, Miguel G.. **O Currículo: Território em disputa**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2011.
- ARROTEIA, Carvalho Jorge. **Educação e desenvolvimento: fundamentos e conceitos**. Unidade de investigação. Construção de conhecimento pedagógico no sistema de formação. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2008.
- COSTA, J. e RAMOS M.. Os professores e a construção do currículo no escola: a construção de projectos curriculares de escola e de turma. In **gestão curricular-percurso de investigação**. Lisboa: Universidade de Aveiro, 2004.
- FERNANDO, Rosário, **Material de apoio de Teoria e Desenvolvimento Curricular**. Luanda: Instituto Superior de Ciências da Educação, 2008.
- GALEÃO, Correia Borges Filipa Raquel. **Desenvolvimento curricular: análise de projectos curriculares**. Competências transversais nos projectos curriculares de escola. Coimbra: Porto Editora, 2005.
- GILL, Carlos António. **Didáctica do ensino superior**. 4ª Edição, Editora Atlas, 2010.
- INIDE/MED. **Plano curricular: Pré-escolar e ensino primário**. Actualização curricular. Luanda: Editora Moderna, Gest Gráfica, S.A, 2019.
- INIDE/MED, **Plano curricular: Ensino secundário pedagógico**. Actualização curricular. Luanda: Editora Moderna, Gest Gráfica, S.A, 2019.
- Lei de Bases do Sistema de Educação**. Luanda: Assembleia Nacional, 2001.
- MOREIRA, Flávio António e SILVA, da Tadeu Tomas (Orgs). **Currículo, cultura e sociedade**. São Paulo: Cortez Editora, 2002.
- NÉRICI, Imídeo G.. **Introdução a Didáctica Geral**. São Paulo: Editora Atlas, 2011.
- NOBRE, P.. **Desenvolvimento curricular: Documentos de apoio às aulas**. Coimbra: Faculdades de Ciências do Desporto e Educação Física, 2003.
- PILETTI, Claudino. **Didáctica geral**. São Paulo: Ática Editora, 2004.
- ROLDÃO, do Céu Maria & ALMEIDA, de Sílvia. **Gestão Curricular para a autonomia das escolas e professores**. Direcção geral da educação 2018. Disponível em: [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/AFC/livro\\_gestao\\_curricular.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/AFC/livro_gestao_curricular.pdf).
- SILVA, da Ribeiro Manuel Carlos. **Desenvolvimento curricular e construção do conhecimento profissional**. Porto: Instituto de Educação, 2011.
- TAVARES, Horta Rosilíne. **Didáctica Geral**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- TORRINHAS, Francisco. **Dicionário de língua portuguesa**. Lisboa: Editorial Notícias, 2005.



---

### Mateus Canivonga

Licenciado em Ciências da Educação. Opção: Psicologia, pelo Instituto Superior de Ciências da Educação-Luanda-Angola. Professor de profissão.



---

### Bela Cadete

Licenciada em Ciências da Educação. Opção: Psicologia, pelo Instituto Superior de Ciências da Educação-Luanda-Angola

---

## PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO AMBIENTE ESCOLAR

NEIDE BENEDITA DE MORAES

### RESUMO

Este artigo tem o objetivo de discorrer a respeito do preconceito linguístico no ambiente escolar pois da mesma forma que a humanidade evolui e se modifica com o passar do tempo, a língua acompanha essa evolução e varia de acordo com os diversos contatos entre os seres pertencentes à comunidade universal. Assim, é considerada um objeto histórico, sujeito a transformações, que se modifica no tempo e se diversifica no espaço. Assim, a pesquisa contextual foi o método utilizado para discorrer sobre o tema. Quantas vezes ouvimos de pessoas próximas frases do tipo “eu não sei português”, “eu não gosto de português”, “eu falo errado”, “fulano fala tudo errado”, “eu já falo português, por quê preciso estudar isso?”, entre outras afirmações e questionamentos que fazem com que nossa língua se pareça com um mistério insondável? É possível que você, falante da língua portuguesa, possa não saber nada sobre seu próprio idioma? Foi possível entender que é preciso superar o preconceito linguístico para ultrapassar os obstáculos e garantir uma educação de qualidade para todos, a fim de superar o pensamento de que é preciso saber tudo e adentrar as minúcias gramaticais. Pois bem, quando o poeta gritou para o mundo que “canta em português errado”, na verdade ele sabia que, às vezes, “falar errado” deixa o idioma mais vivo e miscigenado como é característica do nosso país.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Educação. Letramento. Interdisciplinaridade.

### INTRODUÇÃO

Temos que tentar compreender de uma forma um pouco mais acurada como os especialistas que refletem sobre as relações entre linguagem e sociedade compreendem as implicações do preconceito linguístico para o ensino de língua. Assim como qualquer outro elemento da humanidade, a linguagem também se modifica através dos tempos, sendo denominada um organismo vivo dentro da sociedade ela sofre as mais diversas transformações a partir do seu uso pelos falantes e o conseqüente contato entre eles.

Desde o nascimento, o indivíduo possui formas internalizadas da linguagem, e assim, escutando outras pessoas conversarem, consegue, com o tempo, aprender a se comunicar através da fala. Quando esse sujeito é inserido no ambiente escolar, inicia-se o processo de aprendizagem da língua padrão, ensinada através das Gramáticas Tradicionais, a qual muitas vezes é divergente da língua natural apreendida até então. Esse aluno ingressante, que já possuía sua “própria língua”, na escola descobre que tudo o que aprendeu é considerado errado e dessa forma, sua personalidade se perde abrindo espaço para o preconceito em relação a outros modos de se falar.

A linguagem é um fenômeno social e está ligada ao processo de dominação, tal como o sistema escolar, que é a fonte da dominação linguística”. A linguagem então está intrinsecamente ligada ao social, à dominação de classes, à manutenção do poder nas mãos da classe dominante (aquela que teve acesso à cultura, é óbvio). O indivíduo que frequentou uma escola, quando for à procura de um emprego, possivelmente, conseguirá um cargo melhor que aquele que não teve esse privilégio, isso ocorre porque a sociedade reforça o comportamento da escola, aceitando somente aquele que se utiliza do português padrão.

O papel das instituições escolares deveria ser o de ensinar o aluno que existe uma norma padrão, mas que também existem suas variações e que todos nós devemos identificar as situações nas quais utilizaremos uma em detrimento da outra, o aluno deve saber que não existe certo e errado, apenas situações de uso, para que o aluno não ache que o dialeto caipira, por exemplo é errado, ou que o jeito

---

como seus pais se comunica em casa (provavelmente informalmente) também é errado. O aluno como indivíduo inserido na sociedade deve saber refletir, não só sobre o uso da língua, mas sobre todas as questões que afetam a relação entre os seres humanos de maneira geral.

O objetivo principal da linguagem é a comunicação, o aluno deve saber disso.

## OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) mostram que o professor de língua portuguesa deve propiciar ao aluno um ambiente em que este possa opinar, defender seus pontos de vista, aprendendo a respeitar opiniões diferentes, pois só assim o aluno adquirirá segurança, dominando a linguagem em diversas situações. Não é suficiente saber ler e escrever, é necessário ter a linguagem como um instrumento para participar efetivamente da sociedade, tornando-se um cidadão. Este é o objetivo principal da língua portuguesa.

O objetivo de formar cidadãos participativos que expressem suas opiniões e defendam suas ideias, utilizando a linguagem de forma clara e objetiva, deve ser trabalhado durante toda a vida escolar do aluno. Entretanto, os PCN's (1998) vão além, destacando que se deve fugir dos exercícios mecânicos, valorizando mais o trabalho a partir de textos e não de sentenças. A gramática normativa não deve ser tão valorizada em sala de aula, pois a maioria de seus exemplos é de formas arcaicas que não se utiliza mais, além de ressaltar mais as exceções do que as regras; é preciso trabalhar o texto para que o aluno mergulhe no prazer de ler e não o fragmentar, utilizando-o como pretexto para ensinar regras gramaticais.

Como sugere o documento do Ministério da Educação, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 31):

Muito preconceito decorrente do valor atribuído às variedades padrão e ao estigma associado às variedades não padrão, consideradas inferiores ou erradas pela gramática. Essas diferenças não são imediatamente reconhecidas e, quando são, é objeto de avaliação negativa. Para cumprir bem a função de ensinar à escrita e a língua padrão, a escola precisa livrar-se de vários mitos: o de que existe uma forma "correta" de falar, o de que a fala de uma região é melhor do que a outras, o de que a fala "correta" é a que se aproxima da língua escrita, o de que o brasileiro fala mal o português, o de que o português é uma língua difícil, o de que é preciso "consertar" a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. Essas crenças insustentáveis produzem uma prática de mutilação cultural [...]

O professor deve usar como exemplo, a fala do aluno, para mostrar essa diferença e não como erro para se corrigir, esclarecendo que não existe uma única forma de se falar português, apresentando ao aluno as diversas variedades do português e as situações que devem ser utilizadas, ressaltando a importância de respeitar as diversas variações que o português adquiriu em cada região do país e em cada grupo socioeconômico.

## O CARÁTER SOCIAL DA LINGUAGEM

Desde o início da Linguística, com os estudos de Sussure, a linguagem vem sendo encarada como um fenômeno eminentemente social, porém o estabelecimento de uma ciência enfocando especificamente esse aspecto, a sociolinguística, se deu apenas em 1964. Segundo Bright, "uma das maiores tarefas da sociolinguística é mostrar que a variação ou a diversidade não é livre, mas que é correlata às diferenças sociais sistemáticas" (apud Calvet, 2002, p.29).

O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais e para poder ensinar a Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos.

Segundo BORTONI "Todas as sentenças produzidas pelos falantes de uma língua são bem formadas, independentemente de serem próprias da chamada língua padrão ou de outras variedades" (BORTONI – Ricardo, 2004, p.21).

O ensino da língua portuguesa também tem o papel de lutar contra as dominações sociais. Para Soares o indivíduo deve aprender a norma de prestígio "não para adaptar-se à sociedade, mas para lutar contra ela, para adquirir essa arma que os dominantes têm [...] um instrumento de luta contra a discriminação de luta contra a discriminação social [...] que permita ao indivíduo a participação política" (apud Faraco e Tezza, 2005, p.69).

---

## UM CONCEITO LINGUÍSTICO DE NATUREZA FISIOLÓGICA

O ser humano assim o é, um arquiteto da vida, tentando ajustar o mundo à sua própria existência; por ser autêntico, conquistador e de natureza extremamente temperamental.

Condições climáticas, sociais e políticas, já comprovaram exercer forte influência na transformação do homem, tanto no que se refere aos aspectos físicos e comportamentais, como também na forma pela qual condiciona o seu estado de sobrevivência na sociedade em que habita, na comunidade que frequenta, ou nas crenças que o conduzem, porém, nenhuma delas é tão marcante e soberana quanto a comunicação.

Aquilo que se fala foi no decorrer das eras amoldando-se comunitariamente em cada território do globo, praticamente condicionou-se margeando os primeiros rabiscos do ser humano até que dele surgissem linhas entendíveis coletivamente, e assim, formalizadas para que, dali em diante surgisse uma espécie de aceitação geral.

A fala deu origem às transcrições, e estas, às leituras, que por sua vez modificaram a fala, padronizando a grafia, que se tornou a gramática. Se refere aos primórdios, porém, não podemos deixar de classificar as mais recentes referências em relação aos estudos científicos dos séculos XIX e XX, como também um fator extremamente radical e persuasivo na escolha da comunicação formal para uma comunidade.

Para renomados mestres da ciência da comunicação, encontrar o ritmo do esclarecimento sobre as questões da fala humana bem como o seu discernimento é contribuir sobremaneira para que os homens possam valorizar ainda mais o contexto histórico de suas origens linguísticas, através da Diacronia Linguística, a fim de vislumbrar a natural evolução da raça como também do próprio Signo, incorporado em cada um de seus gestos, na coletividade.

Segundo o linguista e professor universitário William Labov (1927), um dos grandes influenciadores do estudo linguístico em relação ao comportamento social, denominado de Sociolinguística, a língua existe e sobrevive enquanto socializada, transformando-se em função de um contexto histórico-social.

## A VARIEDADE LINGUÍSTICA DO PORTUGUÊS E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO

A variação linguística está muito ligada aos problemas de diferenças na fala e na escrita. Essas diferenças devem-se às transformações que ocorrem nas línguas ao longo do tempo, no entanto, essas transformações não devem ser vistas como erro e sim como um uso diferente da língua.

Existem muitas variações da língua portuguesa no Brasil, mas tradicionalmente elas são consideradas numa escala valorativa, por exemplo, a língua padrão é equivocadamente considerada como a língua do português correto, enquanto as outras, de menos prestígio, são tidas como erradas.

Segundo Bagno (2004) a língua falada é que é a verdadeira língua natural do indivíduo, a língua que o sujeito aprende na realidade em que vive, e que está em constante transformação. Por isso, não existe erro em língua, só se pode caracterizar um erro, quando a comunicação entre os interlocutores é comprometida.

Para o autor, ninguém fala errado porque quer ou porque é "burro", as pessoas simplesmente obedecem às regras gramaticais da variedade de sua língua, realizando uma pronúncia sistemática, assim, pronunciam as palavras sempre da mesma maneira, não por preguiça ou por falta de inteligência, mas por acharem que essa é a forma correta de falar.

De acordo com Bortoni (2004), os principais fatores responsáveis pela variação linguística são: os grupos etários: em uma mesma família, de uma mesma região, os avós falam diferente dos filhos e dos netos; o gênero: as mulheres costumam usar mais diminutivos, e a linguagem dos homens é mais marcada pelos palavrões ou gírias; o status socioeconômico: diferenças que representam desigualdades na distribuição de bens materiais que acabam refletindo em diferenças sociolinguísticas; o grau de escolarização: os anos que um indivíduo frequentou a escola interfere diretamente em seu repertório linguístico; e a rede social: indivíduos de uma mesma classe social adotam comportamentos semelhantes, inclusive características de seu repertório sociolinguístico.

O preconceito linguístico é, na verdade, um disfarce do preconceito social, pois não é apenas a linguagem da pessoa que é discriminada, mas sim a própria pessoa, pela sua situação econômica, geográfica, cor da pele etc. Podemos afirmar, então, que o preconceito linguístico é apenas um dos preconceitos embutidos num profundo e complexo preconceito social instaurado na sociedade brasileira.

---

## O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA ESCOLA

Segundo Soares (1995), nossas escolas ainda estão longe de ser uma escola para todos, pois têm se mostrado incompetentes para lidar com a educação das camadas populares, acentuando cada vez mais as desigualdades sociais. Para a autora, é o uso da linguagem na escola que evidencia mais claramente as diferenças entre os grupos sociais, gerando discriminações e fracassos, já que a escola usa e quer ver usada a variante padrão socialmente prestigiada.

É fundamental que a escola reconheça que existem as variações linguísticas e busque soluções para os problemas linguísticos que nela ocorrem, não impondo e aceitando somente a língua padrão, mas também incluindo a linguagem popular, ao invés de supervalorizar a gramática normativa. Isso porque esta, na maioria das vezes, não corresponde às necessidades de uso da língua portuguesa do Brasil, pois é baseada na norma gramatical de Portugal e as regras que são ensinadas na escola em muitos casos não correspondem à língua falada e escrita no Brasil.

A escola e os professores devem então estar atentos ao preconceito linguístico, e para isso Bagno (2005) propõe um ensino crítico da norma-padrão, em que a escola dê espaço para todas as manifestações linguísticas possíveis: rurais, urbanas, formais, informais, cultas, não cultas, orais, escritas etc. Assim, quando o aluno tem contato com todas as variações linguísticas, pode ter a possibilidade de escolha ao se expressar nas diferentes circunstâncias de interlocução.

A grande tarefa da escola com relação ao ensino de língua é ensinar e propor a reflexão da norma padrão, já que só se ensina algo que ainda não é sabido, para isso não é necessária a exclusão e a rejeição ao dialeto utilizado pelo aluno. O papel da escola é o de acolher e respeitar os diferentes dialetos, mas ao mesmo tempo possibilitar o aprendizado e o reconhecimento das variedades linguísticas, como forma de incentivar a aquisição de novas habilidades de uso da linguagem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível que a escola, apesar de ser tradicionalmente excludente, passe a contribuir profundamente para a libertação e formação do indivíduo, é seu papel lutar contra todos os tipos de preconceito, não só o preconceito linguístico, mas as discriminações sexuais, de raças e sociais. É assim que a escola proporcionará condições de aprender. É hora de a escola desvincular-se dos interesses sociais e políticos das classes dominantes para dar lugar à política das diferenças.

O ensino na escola, hoje, deve ser voltado à emancipação dos indivíduos, oportunizando a seus alunos “a construção de conhecimentos, destrezas, atitudes, normas e valores necessários para ser um bom cidadão”. As ações que a escola desenvolve devem levar o educando à tomada de decisões, a debates, à defesa de opiniões, objetivando a formação de cidadãos críticos.

A valorização da cultura popular por parte da escola pode ser o ponto principal na luta contra o preconceito e as desigualdades. Respeitar cada um na sua individualidade, proporcionar a todos condições iguais de aprendizagem deve ser o objetivo maior da escola.

Os professores de língua portuguesa deveriam levar o assunto ainda mais próximo da realidade dos alunos, que seria mostrar as variedades existentes dentro da comunidade em que eles estão inseridos, incentivando-os a pesquisar sobre a língua que eles falam, estimulando-os para que eles conheçam outras variedades e mostrando que as diferenças não são erros, mas apenas, diferenças. É importante essa busca para o desenvolvimento da aprendizagem.

Não se está com isso, querendo dizer que o aluno não comete desvios da norma padrão e que tenham que permanecer nessa condição de meros conhecedores, apenas dessa variedade, pelo contrário, deve-se pela escola, aprender as variedades, para assim poder transitar entre ambas com desenvoltura e, inclusive, aprender a respeitar estas variedades. Cabe, portanto, ao professor, como orientador, apresentar ao aluno as diversas formas da língua portuguesa, e fazê-lo compreender que cada situação exige sua própria variedade e que é necessário que ele as conheça para que possa expressar-se corretamente.

A escola tem que conscientizar-se que não pode contribuir para disseminação de preconceitos inclusive o linguístico que exclui seus alunos fazendo com que alguns desistam antes de determinar o Ensino Fundamental, pois este é um dos vários motivos que levam alunos a desistirem de estudar, a distância que a escola e a sociedade elitista põem entre esses indivíduos e a língua portuguesa da elite, a norma culta e porque não dizer única, pois é o que as escolas estão pregando com esse ensino arcaico.

Sendo assim, apesar disso, observamos que os alunos têm noção do que seja preconceito linguístico e que ele existe, discriminando tanto quanto os outros tipos de preconceitos. Embora o governo tenha dado alguns passos em relação a esse ponto, como os Parâmetros Curriculares Nacionais, que expõe o assunto e sugere estratégias para trabalhá-lo em sala de aula, sabemos que é pouco apenas elaborar um documento para combater um preconceito que atinge milhões de pessoas.

É preciso haver uma integração do governo, para que o professor se atualize e se capacite, podendo dedicar-se mais à pesquisa e, assim, melhorar suas aulas. E os professores que se conscientizem, pois estão transmitindo informações, auxiliando o indivíduo a construir seu próprio conhecimento. Sendo assim, formando cidadãos conscientes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNO, M. (1999). **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola.
- \_\_\_\_\_, STUBBS, Michael, GAGNÉ, Gilles. O que é letramento? In: **Língua materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- \_\_\_\_\_. **A norma oculta. Língua e poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola editorial, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Nada da língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. 2007. São Paulo Parábola Editorial, 2007.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BORTONI-RICARDO, Estella Maris. **Educação em língua materna – a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.
- LOURENÇO, Julia. **Preconceito Linguístico e Ensino**. Encontrado em: [http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao03/reportagem\\_lourenco.php](http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao03/reportagem_lourenco.php). Acesso em 20 jul. de 2022.
- LOURO. G. L. (1997) **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes.
- POSSENTI, Sirio. Não existem línguas uniformes. IN FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão. **Práticas de texto para estudantes universitários**, 13ª Ed. Petrópolis, Vozes, 2005.
- QUEIROZ, Sônia (orientadora); FERREIRA, Ana Flávia Inácio; SOUZA, Dennys Bacelete de; VALE, Denize Schenneider; LOPES, Edilson Salatiel; DIAS, Éicia Geraida ;NETO, Joaquim Guimarães Pereira; NEVES, Joelma de Fátima da Costa; MARQUES, José; MAGALHÃES, Magda Procópio; OLIVEIRA, Natalino da Silva de; SOUSA, Rosilene Fátima de; REIS, Sandra de Souza; FILHO, Sebastião Guimarães Costa. **Oralidade no ensino. Sugestões de Atividades**. Belo Horizonte. 2004. 2. Disponível em: <[www.lettras.ufmg.br/vivavoz/data1/.../oralidadenoensino-site.pdf](http://www.lettras.ufmg.br/vivavoz/data1/.../oralidadenoensino-site.pdf)>. Acesso em 14 de jun. 2002.
- RAMOS, Jânia M. **O espaço da oralidade na sala de aula**. São Paulo. Martins Fontes, 1997.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Doam-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 13. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- SOUZA, Luciane Felix da Silva. **O preconceito linguístico dentro e fora da escola**. Junia. 2010 p.46. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Graduação em Letras – Habilitação em português/Inglês e respectivas literaturas do Instituto Superior de Educação da AJES. Disponível em > [http://www.biblioteca.ajes.edu.br/arquivos/monografias\\_20110915225707.pdf](http://www.biblioteca.ajes.edu.br/arquivos/monografias_20110915225707.pdf). Acesso em 17 de jul. 2022.
- Ensino da língua portuguesa: reconhecimento do preconceito e possibilidade de trabalho com a variedade padrão**. Autores Andreia Rezende Garcia Reis, Mariana Altomar Barbosa. Encontrado em: <http://www.ufjf.br/praticasdelinguagem/files/2014/01/379-%E2%80%9393-386-Ensino-de-L%C3%ADngua-Portuguesa-reconhecimento-do-preconceito-e-possibilidade-de-trabalho-com-a-variedade-padr%C3%A3o.pdf>. Acesso em 10 de ser. 2022.



### Neide Benedita de Moraes

Graduada em Licenciatura Plena para o Magistério nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental pela UNESP; Pós Graduada em Educação Ambiental pela Universidade Católica Paulista; Bacharel em Direito pela Universidade São Francisco; Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP.



## CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ROSINALVA DE SOUZA LEMES

### RESUMO

Este artigo discute sobre a cultura africana e afro-brasileira nas escolas, particularmente na Rede Municipal de Ensino de São Paulo, dado seu forte compromisso com as questões envolvidas. Para discutir o assunto, foi idealizado a questão da leitura como ferramenta pedagógica, a fim de desenvolver o hábito e o gosto pela leitura entre os alunos, além de desenvolver a oferta de conhecimento e discussão sobre a questão étnico-racial. A pesquisa foi baseada em levantamento bibliográfico e legislação pertinente para discutir métodos que possam contribuir para essa discussão. Os resultados encontrados demonstraram que é preciso utilizar diferentes elementos para que os alunos não apenas observem, mas, interajam com o assunto e aprendam que existem outras culturas além da sua, a fim de valorizá-las e reconhecê-las como pertencentes a ela.

**Palavras-chave:** Cultura Africana e Afro-brasileira. Diversidade. Pluralidade Cultural. Rede Municipal de Ensino de São Paulo.

### INTRODUÇÃO

Políticas públicas que focam em questões étnico-raciais têm sido introduzidas por diferentes países e setores da sociedade atualmente. Eles levantam inúmeras questões sobre discursos e práticas eurocêntricas, homogeneizadoras e monoculturais em relação aos processos sociais e educacionais, e também levantam questões relacionadas nas escolas.

O Brasil foi moldado por um regime escravista em que prevaleciam ideias e imposições eurocêntricas. Após um longo período baseado nesse regime, em que negros foram levados da África como escravos em condições extremamente precárias e para minimizar os erros do passado, a sociedade começou a repensar as questões étnico-raciais.

Questões como racismo, insubordinação e discriminação ainda emergem como um problema nos dias de hoje e, portanto, é preciso que a educação mude essa situação, discutindo questões atuais para colaborar para o conhecimento dos alunos e para o reconhecimento de sua história, sociais, culturais e políticos, suas origens e aprender a valorizar a si e aos outros.

O presente artigo teve como objetivo realizar um levantamento documental-bibliográfico do contexto educacional a partir de discussões étnico-raciais, especialmente na Educação Infantil, contemplando o desenvolvimento da retomada da leitura, a partir do trabalho em sala de aula e assim promover o hábito da leitura no início da Educação Básica.

Portanto, a escola tem que trabalhar diferentes questões para que ocorra o reconhecimento dessas identidades culturais.

### POLÍTICAS PÚBLICAS E AÇÕES ANTIRRACISTAS

Segundo Petronilha Silva (2007), a escola funciona como um espaço que favorece as interações entre os indivíduos, mesmo com diferentes origens e níveis socioeconômicos. Além disso, é um ambiente favorável ao ensino de regras para a convivência democrática e o respeito às diferenças.

A escola desempenha, assim, um papel essencial numa educação igualitária, para que não se exima da responsabilidade de lutar por uma educação que seja, acima de tudo, inclusiva e transformadora. Portanto, é importante que a escola reverta a mentalidade racista e discriminatória que persiste em

---

nossa sociedade até os dias atuais, a fim de superar o etnocentrismo europeu e valorizar as relações étnico-raciais e sociais e alienar os processos pedagógicos (BRASIL, 2013).

Segundo Abramovay (2006), a implementação da Lei nº 10.639/2003 surgiu como forma de remediar os danos, injustiças e marginalizações que os negros e seus descendentes vêm sofrendo desde sua chegada em solo brasileiro. A lei molda a política positiva, fruto da luta de diferentes movimentos sociais.

Portanto, os profissionais da educação precisam discutir outras práticas educativas e pedagogias fora do tradicionalismo para atender às novas demandas e propostas que surgem dos novos desafios sociais. Uma forma de trabalhar esses temas é por meio da literatura. Portanto, os professores precisam estar cientes da importância da leitura para o seu desenvolvimento e, por isso, espera-se que reflitam sobre sua prática pedagógica, pois na Educação Infantil podem ser mediadores entre os alunos e o mundo literário.

Assim, o professor consegue não só desenvolver o gosto pela leitura, mas também estimular futuros leitores e ajudar na educação e promover a continuidade da leitura com as famílias. É essencial então que ele traga livros e pratique assim o hábito da leitura, fazendo contato com essas histórias pelo menos semanalmente.

## O USO DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalhar a representação negra e sua importância para a autoestima e os traços das crianças negras para romper com os estereótipos da sociedade atual e combater o racismo a partir dos fundamentos pedagógicos da educação em questões étnico-raciais.

O desenvolvimento das habilidades de leitura desde a Educação Infantil é de suma importância, pois viver em sociedade exige compreender não apenas o que é dito, mas também o que é lido. Infelizmente no Brasil, o sistema educacional brasileiro tem um grande déficit e por conta disso, o país não consegue oferecer educação de qualidade para todos. As várias deficiências incluem a falta de estímulo à leitura como um fator importante que deve estar sempre presente em contexto escolar.

A literatura voltada para o desenvolvimento das discussões referentes ao tema envolve despertar nos alunos o interesse pela leitura, para estimulá-los e ajudá-los a compreender e apreciar as diferenças. Portanto, essas questões precisam ser abordadas por meio de atividades e projetos que desenvolvam o respeito às diferenças dos alunos e isso pode ser alcançado por meio da leitura, demonstrando sua importância tanto no aprendizado quanto na vida. Dessa forma, o comportamento de leitura deve ser construído nos alunos desde a mais tenra idade.

Os projetos devem envolver o trabalho com as questões étnico-raciais com as crianças sobre identidade, autoestima, combate ao racismo e à discriminação, por meio de livros, jogos, filmes, etc.

A escola é essencial para ensinar diversidade aos alunos, seja de raça, gênero, religião, origem, entre outros, pois vivemos em uma sociedade multicultural que ainda não aprendeu plenamente a conviver e respeitar as diferenças. A família também influencia esse processo, ainda que de forma indireta, pois tem uma estreita relação com a formação de sua visão no ambiente familiar, o que muitas vezes causa choque cultural e confusão para o aluno entre o que está sendo ensinado na escola e o que está sendo transmitido para ela. escola lhes é imposta família. Família (BARBOSA, 2011, p. 12).

Por isso, é importante trabalhar a diversidade cultural no ensino fundamental I. Uma prática pedagógica baseada na valorização da cultura indígena, africana e afro-brasileira a partir de sua riqueza histórica ajuda a combater a discriminação e o preconceito e também promove a igualdade, o respeito e o reconhecimento dos alunos. Assim, os docentes da Educação Infantil devem promover a aceitação e o respeito às diferenças, independentemente de raça, gênero, etnia, cultura e religião. Eles devem trabalhar essas questões por meio de atividades e projetos que desenvolvam o respeito às diferenças entre os alunos (COSTA, 2018).

## REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SÃO PAULO

A Rede Municipal de Ensino da Cidade de São Paulo apresenta forte relação com as questões étnico-raciais. Utilizando diversos recursos para enriquecer a contação de histórias, pode-se desenvolver projetos baseados no documento de Priorização Curricular 2021 disponibilizado pela Secretaria Municipal de Educação (SME), que não só estende o projeto para a sala de aula, mas também o desenvolve no ambiente da Sala de Leitura.

---

Especificamente nesta rede, o documento Diretrizes Curriculares Expectativas de Aprendizagem para a Educação Étnico-Racial (2008), em conjunto com o Conselho Nacional de Educação (CNE), aponta para o trabalho voltado para as etnias:

[...] A necessidade de diretrizes que orientem a formulação de projetos empenhados na valorização da história e cultura dos afro-brasileiros e dos africanos, assim como comprometidos com a educação das relações étnico-raciais positivas a que tais conteúdos devem conduzir (BRASIL, 2004, p.1-2).

Por meio da participação das crianças, é possível observar as contribuições da leitura para o ensino da cultura africana e afro-brasileira por meio de livros, narrativas e histórias relacionadas a essas culturas, trazendo suas identidades e culturas e desenvolvendo conhecimentos sobre elas. As raízes que compõem o povo brasileiro.

A ideia de trabalhar o tema é evitar ao máximo situações como racismo, desrespeito e discriminação, e daí a necessidade de as escolas discutirem questões relacionadas ao tema para trabalharem em conjunto para a cognição Das crianças nesta etapa a fim de conhecer sua história social e cultural, conhecer mais sobre seu núcleo e aprender a apreciar o outro.

O projeto de intervenção didática também espera alcançar o desenvolvimento de novos valores sociais por meio do contato com os outros, ampliar seu repertório cultural, ampliar a perspectiva dos alunos para além de suas conexões no ambiente familiar, onde o diferente muitas vezes é silenciado.

Por isso, é de extrema importância investir em projetos e pesquisas que estimulem a leitura desde cedo e desenvolvam nela as habilidades de questionar, raciocinar e comunicar suas ideias para a construção do conhecimento. Como a leitura é vista como uma ferramenta de acesso à informação, é importante que o aluno tenha uma relação com essa prática para que possa compreender melhor o mundo ao seu redor e compreender e respeitar as questões étnico-raciais tão presentes na cultura brasileira.

Além disso, é importante que a leitura seja algo estimulante e estimulante para que os futuros leitores possam ser educados. A leitura rica e variada leva a um aprofundamento dos conhecimentos inerentes ao homem e permitirá à criança no futuro uma maior apreciação do mundo real e dos seus valores culturais:

O hábito da leitura ajudará na formação da opinião e de um espírito crítico principalmente a leitura dos livros que formam o espírito crítico, enquanto a repetição empobrece. O exercício da mente e do espírito aguça a inteligência, refletindo no pensamento lógico e seu sentido prático; no equilíbrio para harmonizar realidade e irrealidade; na capacidade de imaginação e fantasia; na lucidez, originalidade, poder de observação e captação do fundamental. Podemos dizer que a leitura é a melhor ginástica para a mente. Ela capacitará o melhor uso inteligente e de interação das potências mentais e espirituais (GOES, 2004, s/p.).

Quanto às escolas, o ensino dessas culturas não deve ficar limitado ao Dia do Índio em 19 de abril ou ao Dia da Consciência Negra em 20 de novembro. Isso acontece muitas vezes nas escolas onde a celebração ou menção deste tema ocorre apenas nestas datas, por exemplo pintando rostos ou dando-lhes papéis com desenhos para que possam pintar.

É importante neste nível escolar harmonizar diferentes elementos para que os alunos não apenas observem, mas também interajam com o assunto e aprendam que existem outras culturas além da sua e que é necessário valorizá-las e reconhecê-las como pertencentes a ela. Afinal, as contribuições africanas foram numerosas para a construção do país.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo visa, salvar a representação negra do auto engrandecimento da criança negra, a fim de romper com estereótipos sociais ainda arraigados na sociedade. Pode-se dizer que as culturas africana e afro-brasileira devem, mas, são parcialmente valorizadas nas escolas. Para que isso aconteça, a contribuição da comunidade escolar é fundamental para mostrar que a cultura é muito rica e que seu estudo pode contribuir não só para uma educação cultural, mas também social.

---

Ressalta-se também que os desafios são inúmeros e o preconceito e a discriminação ainda existem, embora hoje exista legislação e por isso é necessário discutir a diversidade cultural na Educação Infantil. As sugestões pedagógicas para a valorização destas culturas devem não só contribuir para a divulgação desta cultura, mas também podem promover a redução ou mesmo a eliminação da exclusão, discriminação, racismo e preconceito.

Por isso, é importante abordar o tema por meio de atividades que promovam a aceitação e o respeito às diferenças, independentemente de raça, gênero, etnia, religião ou cultura. A valorização começa com o reconhecimento de que uma sociedade mais justa é aquela que valoriza as diferenças e promove a igualdade e o respeito.

Em relação ao uso da literatura, pode-se dizer que amplia as possibilidades, por meio de diferentes práticas e atividades que podem ser desenvolvidas em grupo, para que as crianças desenvolvam prazer e gosto pela leitura, o que facilita o trabalho do professor, enriquecimento do repertório e vocabulário através do contato com a literatura.

É, portanto, necessário abordar a diversidade cultural desde o início da Educação Básica, ainda na Educação Infantil. Isso porque as propostas educativas de valorização das culturas africanas e afro-brasileiras não só contribuem para a divulgação dessas culturas, mas também garantem a redução ou mesmo a eliminação da exclusão, discriminação, racismo e preconceito que hoje ainda ocorrem tanto.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, M.; Mary, G. **Relações Raciais na Escola: Reprodução de Desigualdades em Nome da Igualdade**. Brasília: UNESCO, INEP, Observatório de Violência nas Escolas, 2006. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001459/145993por.pdf> Acesso em: 16 set. 2022.

BARBOSA, L.M.A. (Org.). **Relações Étnico-Raciais em Contexto Escolar: fundamentos, representações e ações**. São Carlos: EdUFSCar, 2011. 71 p.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC, 2013.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP 3/2004**. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 19 mai. 2004.

COSTA, J.C.S.C. **"A importância da valorização da cultura indígena na educação infantil: relato de prática pedagógica"**. In: ANAIS DO CONGRESSO INFANTIL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / CONGRESSO DE CRECHES UNIVERSITÁRIAS DA AMÉRICA LATINA E CARIBE/UDUAL, 2016. Anais eletrônicos... Campinas, GALOÁ, 2018. Disponível em: <https://proceedings.science/coneinf-concuni/trabalhos/a-importancia-da-valorizacao-da-cultura-indigena-na-educacao-infantil-relato-de-pratica-pedagogica>. Acesso em: 15 set. 2022.

GOES, V.L.P. **Introdução a Literatura Infantil e Juvenil**. 2ª ed. Editora Pioneira. São Paulo: 2004.

SÃO PAULO. **Parecer CNE nº 201/10**. Disponível em: [http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:FRF9xSale4cJ:www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/educacao/cme/Par\\_CME\\_201-10.doc+&cd=9&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:FRF9xSale4cJ:www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/educacao/cme/Par_CME_201-10.doc+&cd=9&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br). Acesso em: 20 ago. 2022.

SILVA, P.B.G. **Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil**. Porto Alegre/RS, n. 3 (63), p. 489-506, 2007.



### Rosinalva de Souza Lemes

Graduada em Pedagogia; Pós graduada em Psicopedagogia, Docência do Ensino Superior, Formação e Profissão Docente, Professora de Educação Infantil, PEI e Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I, PEIF na Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP.

---

## A EVOLUÇÃO DO E-LEARNING E SUAS PRINCIPAIS FERRAMENTAS DIGITAIS

RUBIA MARA REQUENA DOS SANTOS

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo demonstrar a importância do e-learning, suas ferramentas digitais e como esta modalidade de ensino, que continua em crescente expansão, tem se tornado indispensável para variados grupos na nossa sociedade. Por meio da revisão de literatura, poderemos confrontar informações diversas sobre o assunto, veremos uma “linha do tempo” da implantação do e-learning e por fim, algumas ferramentas digitais indispensáveis para que o e-learning aconteça. Prós e contras sobre e-learning existirão sempre, mas, já não há dúvidas sobre a sua importância e sobre o uso das ferramentas digitais que são recursos indispensáveis para a interação entre homem e computador, seja para sua vida profissional, pessoal ou educacional.

**Palavras-chave:** Acessibilidade. Interação. Recursos. Tecnologias.

### INTRODUÇÃO

E-Learning é um termo da língua inglesa resultante da contração de eletrônico learning (aprendizagem eletrônica). Ele faz referência a experiências de aprendizagem baseadas em tecnologias eletrônicas.

Ao vermos a palavra e-learning, praticamente fica subentendido que se trata de algo eletrônico, afinal, várias palavras com o prefixo “e” fazem parte do nosso cotidiano como e-mail, e-book ou até mesmo e-commerce.

Podemos dizer que o e-learning é um método de educação a distância desenvolvido por meio de um ambiente digital.

As informações necessárias à aprendizagem e que são disponibilizadas em um site é que são chamadas de Ambiente Virtual de Aprendizagem.

Essa pode ser vista como a principal diferença entre um curso e-learning e outras modalidades de EAD. Afinal, EAD é o ensino à distância (pode ser por correspondência, por exemplo), já o e-learning funciona dentro de um ambiente virtual de aprendizagem. A principal diferença é essa.

O foco do e-learning é a autoaprendizagem. Ele pretende disponibilizar todos os recursos necessários para que o estudante possa se desenvolver por conta própria.

Nem todas as pessoas têm disciplina suficiente para estudar sozinhos. Este é o desafio do e-learning, conquistar os estudantes e mostrar que eles são capazes de gerenciar o seu próprio desenvolvimento.

As Tecnologias Digitais provocaram mudanças nos processos de ensino-aprendizagem devido a velocidade na produção da informação e, principalmente, a facilidade de acesso a ela. A escola deixou de ser o único lugar destinado ao acesso à informação.

Segundo Coutinho e Bottentuit Junior (2007) a cada dia que passa, mais e mais pessoas estudam em casa. Elas podem buscar informações nas redes de computadores que correspondam às suas necessidades e exigências pessoais de conhecimento.

Como já foi dito, a produção de informação ocorre a todo o instante, por meio de diferentes mídias digitais. As pessoas podem publicar textos, vídeos e fotos por meio da Web.

---

Essa transformação de comportamento provocou a necessidade de práticas pedagógicas que não foquem somente em fornecer conteúdos, mas principalmente em auxiliar as pessoas a estabelecer relações que possam ajudá-las dar significado às informações.

## CARACTERÍSTICAS DO E-LEARNING

Há duas grandes vantagens do e-learning: a primeira é a sua possibilidade de estudar em locais onde não existam escolas que proporcionem o curso desejado. A segunda, é a questão da flexibilização do tempo. Cada aluno consegue estudar da sua forma, nos horários que ele julgar mais conveniente.

O e-learning permite uma formação mais eficiente para um público geograficamente disperso. Apresenta publicações de conteúdos de qualidade a custos de distribuição reduzidos. Ganham os alunos que conseguem ter acesso mais facilmente a conteúdos que não poderiam se não existisse essa modalidade de ensino, ganham as escolas pois conseguem por meio da gravação de uma aula, por exemplo, atingir um público muito maior do que conseguiria atender presencialmente.

A aprendizagem acontece no ritmo de cada um. Algumas pessoas podem aumentar o ritmo de aprendizagem ou eliminar instruções redundantes, enquanto outras pessoas podem prosseguir a um ritmo mais lento, ou mesmo repetir as lições sem se sentirem frustradas ou desanimadas. Cada um no seu tempo. No caso de existir alguma dúvida, existem formas de conversar com seus professores ou tutores, seja de forma assíncrona (e-mail, mensagem) ou síncrona com uma chamada de vídeo ou marcando um horário na sala de aula virtual.

O e-learning não é a solução de todos os problemas educacionais. Na verdade, ele está longe de ser perfeito, mas não se pode negar que ele está em franco crescimento e há muito público novo para ser atingido.

## MÉTODO

O método escolhido para a realização desta pesquisa foi a Revisão de Literatura. A partir da busca e análise de livros e artigos relevantes sobre o tema, foi possível explanar algumas ideias de pesquisadores do assunto e-learning. Essas leituras a respeito do assunto foram fundamentais para enriquecer este artigo.

## A EVOLUÇÃO DO E-LEARNING

A história do e-learning não é linear e não tem um significado único. A aprendizagem eletrônica teve início quando um professor conseguiu integrar, pela primeira vez, a utilização de um receptor de rádio, com tubos de amplificação eletrônica, num contexto de aprendizagem, isso, no início do século XX.

Para auxiliar na compreensão da história do e-learning, apresentaremos uma pequena “linha do tempo” sobre sua evolução.

Em 1900, algumas Universidades europeias deram início ao ensino por correspondência. Elas realizavam cursos e emitiam certificados. Os alunos recebiam em suas casas o material, estudavam, faziam as atividades e mandavam de volta para a Universidade. O contato para esclarecer dúvidas era muito demorado.

Nos anos 1950, aconteceu a primeira grande mudança no paradigma da educação à distância. Nesta época iniciou-se o uso da televisão, fitas cassetes, slides e vídeos em VHS. O contato com o tutor ocorria, geralmente, por telefone.

A partir de 1980, a aprendizagem começou a se adaptar ao mundo moderno. Foi criada a ideia de campus virtual. Para auxiliar, surgem os CDs como meio de instrução. Em 1995 inicia-se o desenvolvimento do ensino através da internet. Surgiram as primeiras salas de aulas virtuais por meio de plataformas acadêmicas. Em 1996 nasce o conceito de e-learning.

No ano 2000 começam a surgir materiais educacionais com vídeos, áudios, simulações, e outros recursos, de uma certa forma, esses recursos já eram parecidos com os que utilizamos hoje.

A partir de 2006 o e-learning entrou em franco crescimento.

De acordo com o desenvolvimento das plataformas virtuais o e-learning foi se desenvolvendo e passou a ser oferecido também por meio dos Smartphones, tablets e outros dispositivos móveis. Isso fez com que ele se consolidasse como um meio acessível a mais pessoas.

---

A partir de 2010, o e-learning se consolidou no mundo, oferecendo alta qualidade de ensino.

Já era claro que o e-learning seria o ensino do futuro, porém, no ano de 2020, quando aconteceu a pandemia da Covid-19 o mundo todo ficou impactado com as restrições a que fomos submetidos. O distanciamento social de uma certa forma nos “obrigou” a utilizar a tecnologia muito mais rápido do que seria normalmente.

No Brasil, o ensino remoto passou a fazer parte do cotidiano de professores e estudantes das mais diversas idades, estados e condições sociais. De uma forma ou de outra, as ferramentas digitais entraram no nosso cotidiano e as pessoas precisaram aprender para poder trabalhar de casa, para conversar com quem estava longe e principalmente para aprender.

Hoje, com a pandemia controlada e o ensino presencial autorizado a voltar ao normal, percebemos que o ensino a distância ainda está em crescimento. Ele evoluiu de um ensino por correspondência, apoiado em materiais impressos, até a utilização de várias tecnologias de informação e comunicação. Ele tem sido uma alternativa ao ensino presencial, e cada vez mais está superando os preconceitos e conseguindo atingir seus objetivos.

Muitas universidades adotaram o ensino híbrido. O estudante não deixa de comparecer presencialmente, mas algumas disciplinas são feitas de forma virtual. Podemos dizer que essa foi uma das heranças deixadas pela pandemia. Conseguimos ver que nem tudo precisa ser feito de forma presencial.

## VANTAGENS E DESVANTAGENS DO E-LEARNING

Prós e contras do e-learning existirão sempre, mas já não há discussão no que se diz respeito à sua crescente importância e oferta diversificada de conteúdos.

Sabemos que o e-learning vem assumindo um papel cada vez maior no ensino e na formação profissional. Muitas empresas asseguram a formação dos seus colaboradores através desses sistemas, porém, algumas pessoas ainda não confiam plenamente nesse sistema. O preconceito está diminuindo, mas algumas pessoas ainda mostram resistência ao virtual.

Deve-se salientar que por mais que o e-learning seja vantajoso para um indivíduo e/ou instituição, nunca eliminará completamente os professores nem a formação presencial. Sobretudo quando falamos de Ensino Infantil e Fundamental. As crianças talvez não tenham a maturidade necessária para um ensino autoinstrucional. Para crianças e adolescentes é melhor que exista um acompanhamento mais de perto, um mediador no processo de ensino-aprendizagem e este é o papel do professor.

É importante deixar claro que o ensino presencial não perderá a sua importância, e sim, o e-learning conseguirá trazer um novo público ao ensino, o que tem alguma dificuldade em frequentar um curso presencial. Não se trata de substituição de um modo por outro, e sim, ambos podem se complementar para alcançar um público cada vez maior.

Devemos admitir que ainda existem dificuldades para a implementação e utilização do e-learning, porém, não se deve deixar de lado as vantagens que o ensino com o auxílio da tecnologia pode trazer. Algumas vantagens do e-learning são:

- A flexibilidade no acesso à aprendizagem. Ela pode acontecer em qualquer lugar e em qualquer dispositivo disponível (celular, tablet ou computador);
- Economia de tempo e redução de custos pois ocorrem menos deslocamentos de todas as partes envolvidas;
- Há uma rápida atualização de conteúdos e materiais pedagógicos;
- A Aprendizagem pode ser mais personalizada. Cada pessoa pode optar pelo programa que melhor se encaixe ao seu perfil, fazendo adequações aos seus conhecimentos e perspectivas;
- As instituições de ensino podem contar com vários perfis de docentes, discentes e metodologias de ensino;
- As ferramentas estimulam a troca de informação e de experiências entre os colaboradores e entre estes e os formadores, em chats, fóruns de discussão ou por e-mail contribuindo para a criação de mais conhecimento;
- Os conteúdos estão sempre disponíveis. Pode-se voltar tirar dúvidas sempre que necessário;

---

A principal dificuldade para a expansão do e-learning é a falta de acesso à internet. Nas grandes cidades é relativamente fácil conseguir acesso, mas à medida que vamos nos distanciando dos grandes centros, a qualidade do sinal muitas vezes não é tão boa, o que atrapalha muito, principalmente, eventos síncronos.

O desenvolvimento e a expansão da internet estão acontecendo com muita rapidez e acreditamos que em pouco tempo muito mais pessoas terão condições de contar com as facilidades do uso das ferramentas tecnológicas para o ensino.

Algumas desvantagens do ensino por meio do e-learning:

- Dificuldades de acesso aos conteúdos. Muita informação pode confundir ou desmotivar;
- O aluno tem de ser responsável pelo seu próprio aprendizado. É uma desvantagem para quem não tem bons hábitos de estudo;
- Os custos de acesso à Internet ainda são altos para alguns alunos, sobretudo se o acesso for feito a partir de casa;
- Os alunos devem dominar as ferramentas disponíveis como chats, fóruns interativos para a comunicação e envio de arquivos;
- Dificulta a socialização. A pequena interação entre alunos e professor pode dificultar a socialização e a criação de vínculos e até isolamento;
- Sintomas de resistência à mudança. Ainda existe desconfiança por parte de alguns educadores, alunos ou responsáveis de instituições que são resistentes à inovação;

## FERRAMENTAS DIGITAIS DO E-LEARNING

De acordo com o site “wwwwhat’s new”, as ferramentas digitais são recursos que permitem uma interação entre homem e computador, seja para profissional, pessoal ou educacional (WWWWHAT’SNEW, 2014).

Segundo Bartolomé (2008: 258) “O termo “Web 2.0” gerou uma revolução na Internet e abriu caminho a novas ideias para o ensino, identificadas por e-learning 2.0”.

Vários outros autores concordam que o termo e-learning 2.0 serve para designar a nova geração de e-learning que acompanhou a mudança de paradigma na Web.

O termo web 2.0 foi utilizado pela primeira vez em 2004, durante a Media Live International, por Tim O’Reilly. A principal característica da segunda geração da Internet está na forma de interação com o usuário, porque ele passa a ser o produtor de conteúdo.

Vejamos algumas ferramentas digitais da web 2.0:

- Blog: Para Zago (2012), o termo blog foi criado em 1997 por Jorn Barger, e é a simplificação de Weblog que é um registro feito na Internet. Serve como uma agenda eletrônica ou um diário pessoal virtual. É composto basicamente, por: post (postar) que é a postagem de pequenos textos, e comments (ou comentários), que são os comentários dos leitores sobre o assunto postado. Por isso, o blog tem a função de expressar ideias, divulgar informações, comunicar experimentos e resultados e compartilhar conhecimentos.

- Ferramentas de Vídeos: As ferramentas que proporcionam esses recursos estão no YouTube, o que permite ao professor criar um canal e tornar aquele ambiente uma sala virtual e compartilhar experiências e informações. O vídeo é uma forma de fixar mais o conteúdo abordado em sala de aula. Se o aluno perde alguma aula, ele ainda tem uma forma de estudar o conteúdo passado pelo professor. Estamos focando mais no ensino tradicional, mas no YouTube podemos encontrar uma infinidade de cursos, de idiomas, de culinária, de música, enfim, uma infinidade de coisas que podem ajudar no desenvolvimento dos indivíduos, tudo isso, sem sair de sua casa.

- Softwares Sociais: Sites de relacionamento tornaram-se comuns no mundo virtual. Os usuários buscam pessoas com opiniões e interesses em comuns. São as chamadas Softwares Sociais, como: Facebook, Google Plus, Instagram, LinkedIn, Tik Tok, entre outros. De acordo com um levantamento realizado em 2014 pela rede Facebook, 92 milhões de pessoas de todo o Brasil acessam a plataforma todos os meses, o que corresponde a 45% de toda a população brasileira, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (INSTITUTO..., 2014).

- Google: O Google é uma empresa que sempre procura inovar suas ferramentas. Ele está sempre surpreendendo por meio da integração social e proporcionando informação e

interatividade. Trabalha com uma visão voltada à acessibilidade de seus aplicativos. Podemos dizer que praticamente o Google se tornou sinônimo de “tira-dúvidas”. Qualquer coisa que não sabemos, podemos encontrar no Google. Só é necessário ter um cuidado com a veracidade das informações ali encontradas, afinal, ele é uma ferramenta maravilhosa e sua equipe toma muito cuidado para que ele assim permaneça, mas há pessoas de má-fé que insistem em colocar conteúdos falsos, as chamadas “Fake News”. Cabe aos usuários identificar e denunciar esses casos para o bem de todos que tem boas intenções e entendem a importância dessa plataforma.

- Ferramentas de Teleconferência: A teleconferência torna possível uma conversa síncrona com transmissão de vídeo e áudio por meio de dispositivos eletrônicos e conexão com a Internet. Algumas dessas ferramentas são: WebEx, Skype e Google Hangout. Na pandemia, se tornaram muito conhecidas as ferramentas Zoom e Teams. São ferramentas que suportam uma grande quantidade de usuários de uma só vez, o que acabou facilitando que ocorrem reuniões, conferências e até mesmo festas.

- Twitter: É um meio de comunicação onde o usuário expõe suas ideias por meio de postagens limitadas a 140 caracteres. Os tweets podem ser compartilhados em tempo real.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estamos na era da informação e a cada dia as pessoas têm mais fontes de informação ao seu alcance. Entretanto, é necessário aprender a interpretar a enorme quantidade de informações que recebem.

Os conteúdos se renovam constantemente e as crianças e os adolescentes conquistaram um novo lugar no espaço. Eles sabem operar computadores e celulares melhor do que muitos adultos, sabem postar fotos, vídeos e várias outras coisas. Essa nova realidade requer um mediador no processo de ensino-aprendizagem. Ele deve ser capacitado para lidar com as tecnologias e que possa assumir novos papéis na escola da sociedade da informação.

Desde o ensino por correspondência até ao e-learning, o ensino a distância tenta encurtar a fronteira que o separa dos contextos e metodologias de trabalho pedagógico e escolar característicos do modelo escolar tradicional ou presencial.

Um grande salto qualitativo no processo de expansão do ensino a distância foi registrado nas últimas décadas do século XX com o desenvolvimento e generalização progressiva da Internet.

As redes de informática interativa permitem que o ensino a distância possibilite aos estudantes comunicarem entre si e com o professor em tempo real.

Depois da pandemia da Covid-19 o avanço do e-learning se intensificou. A necessidade de comunicação por meio de ferramentas digitais se tornou indispensável e até pessoas que nunca tinham utilizado aparelhos eletrônicos puderam perceber como é importante saber manejá-los, nem que seja apenas para coisas simples. Puderam também notar que não é necessário ser um especialista em informática para mandar mensagem ou fazer uma ligação ou mesmo uma reunião por vídeo. Enfim, a necessidade fez com que muitos mitos sobre o uso das ferramentas digitais fossem destruídos e um novo público pode ser contemplado. Talvez esse novo público possa ser responsável por um crescimento ainda maior do e-learning. Novas possibilidades atraem novos públicos.

A partir da Introdução da Internet no ensino a distância, as condições de comunicação passaram a ser possíveis tanto de uma forma assíncrona como síncrona. Desta forma, torna-se tecnologicamente viável que os estudantes possam ser mais facilmente acompanhados e orientados por um tutor e trabalhar em conjunto com os outros colegas na resolução de problemas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAUJO, M. S. EaD em tela: docência, ensino e ferramentas digitais. **Rev. bras. linguist. apl.**, Belo Horizonte, v. 14, n. 3, p. 735-741, Sept. 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-63982014000300011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982014000300011&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 15 Janeiro 2022. <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-63982014000300011>.
- BARTOLOMÉ, A. A. **Web 2.0 e os novos paradigmas de aprendizagem**. 2008. Disponível em: [http://www.elearningpapers.eu/index.php?page=doc&doc\\_id=11654&doclng=16](http://www.elearningpapers.eu/index.php?page=doc&doc_id=11654&doclng=16) Acesso em: Janeiro de 2022.
- COUTINHO, C. P.; BOTTENTUIT JUNIOR, J. B. Blog e Wiki: os futuros professores e as ferramentas da Web 2.0. In M. J. Marcelino & M. J. Silva (Org.), **Atas do IX Simpósio Internacional de Informática Educativa (SIIE 2007)**, pp. 199-204. Porto: ESE-IPP. Acesso em 15 dez. 2021.

---

GROSSI, M. G.; MURTA, F.; SILVA, M. A aplicabilidade das ferramentas digitais da web 2.0 no processo de ensino e aprendizagem. **Revista Contexto & Educação**, v. 33, n. 104, p. 34-59. Acesso em 15 dez. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Acompanhe o IBGE nas mídias sociais. 2014 Acesso em: 15 dez. 2021.

O'REILLY, Tim. **What Is Web 2.0: Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software**. 2005. Acesso em: 15 dez. 2021.

SOUSA, H. (2002), **Ensino online**. [online]. Disponível em: <http://student.dei.uc.pt/~hlsousa/ensinoonline.htm#indice>. Acesso em: 15 dez. 2021.

VARGAS, Eduardo Raupp de; ZAWISLAK, Paulo Antônio. Inovação em serviços no paradigma da economia do aprendizado: a pertinência de uma dimensão espacial na abordagem dos sistemas de inovação. **Rev. adm. contemp.**, Curitiba, v. 10, n. 1, p. 139-159, Mar. 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141565552006000100008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141565552006000100008&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 10 de dezembro de 2021.

WWWWHATSNOW. **50 de las mejores herramientas gratuitas y on-line para profesores en 2014**. Disponível em: <https://www.whatsnew.com/2014/01/30/50-mejores-herramientas-online-profesores-2014/> Acesso em: 15 de julho 2022.

ZAGO, Gabriela da Silva. **Dos Blogs aos Microblogs: aspectos históricos, formatos e características**. 2012. Acesso em: 15 de setembro 2022.



### **Rubia Mara Requena dos Santos**

Bacharel em Gerontologia pela USP (Universidade de São Paulo), Pós-graduação em Língua Inglesa pela FAIARA (Faculdade Integrada de Aracatins), Licenciatura em Pedagogia pela FAPI (Faculdade de Pinhais) e Letras pela Unicastelo (Universidade Camilo Castelo Branco). Professora de Língua Portuguesa na Rede Estadual e de Língua Inglesa na Rede Municipal de São Paulo, PMSP.

---

## A HORA DA HISTÓRIA E O PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM

SILVANA TRINDADE DE AZEVEDO

### RESUMO

Esse artigo pretende buscar reflexões sobre a relação do processo ensino aprendizagem com a hora de histórias. As histórias podem narrar tanto eventos reais quanto fantástico, mas a base da qual a história surge geralmente é algum fato simbólico. A história como recurso educacional pode ser uma ferramenta muito útil para trabalhar diferentes áreas e conteúdos. É muito comum os professores pedirem aos estudantes que escrevem histórias baseadas em suas experiências pessoais, sobre o que mais gostam, sobre qual seria sua excursão favorita, mas neste caso ele vai um pouco mais longe e abordará a questão de como usar a história para aprender ciências naturais, por exemplo. A história permite trabalhar de forma interdisciplinar. Ensinar ciências naturais significa apenas ensinar flora, fauna ou meios de transporte ou qualquer outro conteúdo de forma exclusivamente teórica, mas essa atividade pode variar de inúmeras maneiras.

**Palavras-chave:** Conteúdos. Desenvolvimento. Experiências Pessoais. Ludicidade.

### INTRODUÇÃO

Um dos elementos mais importantes na educação é a comunicação e, precisamente, a história é um elemento que pode nos ajudar a alcançá-lo, pois é capaz de gerar muitas interações entre os estudantes e o professor. Se a história que foi presente para as crianças é do seu agrado, você pode fazer com que os estudantes escrevam histórias semelhante, conversar com seus colegas sobre uma determinada ação e, sem dúvida, alguns, isso beneficia o aprendizado, porque eles se lembram de conteúdos que não lembrariam se os mesmos fossem transmitidos teoricamente.

O professor deve ter a capacidade de escolher a história mais conveniente para o que quer trabalhar. Além disso, também é muito importante que ao contar uma história, o educador não apenas narre, mas que tenha foco em transmiti-lo, ou seja, mergulhar no mundo fantástico da história e fazer com que os estudantes viajem com ele pela história. Por outro lado, também é importante que os professores estejam dispostos a ir até o fim, e em caso de que não encontram uma história de determinado tema, que se atreva a escrevê-la, para ter continuidade na metodologia utilizada, pelo menos, na maior extensão possível.

Quando se começa a trabalhar com histórias, é importante que elas sejam simples, porque os estudantes têm que perder o medo de trabalhar com eles. É óbvio que este recurso é um pouco limitado pela idade, mas é importante que mesmo quando as crianças não sabem escrever, que os professores os insiram no universo das histórias.

Mas, além de ampliar uma noção de educação e aprendizagem para usar a contação de história como recurso didático, os professores devem estar cientes de que ele pode realmente ser usado e que dará resultados positivos. Isso, além de ajudar as crianças a adquirir o conteúdo presente em cada uma das histórias, também os ajuda a alcançar com firmeza, solidez e confiança um bom hábito de leitura.

As histórias, além de melhorar as habilidades linguísticas, também facilitam e aumentam a aquisição de conteúdos (tanto ciências naturais como qualquer outro assunto) e são muito adequados para melhorar a criatividade e os relacionamentos que se estabelecem com o trabalho em grupo, pois as histórias permitem estabelecer laços afetivos e sociais.

Segundo Coelho, (2002 p. 12):

A história infantil mantém o mundo mágico que tem na criança há quem conte histórias para destacar mensagens, repassar conhecimento, fazer

---

obedecer até fazer uma espécie de intimidação se não bagunçar, conto uma história. “se isso” “se aquilo” quando contrário que funciona

Em resumo, a história é um recurso educacional que está disponível para qualquer professor. As histórias podem ser um suporte muito importante e fácil de encontrar, já que em todas as escolas podemos encontrar muitos exemplares. Embora se considere importante não trabalhar a história apenas como meio de entretenimento, mas como recurso elemento de socialização, descoberta da identidade pessoal de cada aluno e, além disso, aprender conteúdos presentes em cada um deles.

As histórias servem para desenvolver a imaginação e a fantasia, fornecendo aos estudantes a capacidade de criar seus mundos internos. Além disso, uma de suas virtudes é que permite sequenciar a aprendizagem dos conteúdos, pois se queremos que os estudantes aprendam um determinado conceito que aparece em um momento da história, podemos contar a história e refletir junto com os mesmos sobre esse conceito.

## A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E AS EMOÇÕES

A ligação estabelecida entre o transmissor e o ouvinte remonta a as origens da humanidade. Em algum momento no passado, em algum lugar remoto, alguém começou a contar histórias e desde então fazem parte da sociedade humana. Por exemplo, no Tibete, devido à sua situação de isolamento, a contação de histórias tornou-se um meio de transmitir ensinamentos morais. Tradicionalmente, as avós assumiam o papel de explicar, sentado em frente a uma fogueira, histórias populares para o resto da família. Desta forma como transmitiram o conhecimento da história do país e os valores de sua sociedade às gerações mais jovens.

As histórias são verdadeiras fontes de sabedoria, que têm papel formador da identidade. Há pouco tempo, elas foram redescobertas como fonte de conhecimento de vida, tornando-se também um grande recurso para educadores. Com o advento da comunicação, ampliação dos seus recursos e a globalização das informações, a linguagem falada tende a definir, porém, concomitante a esse desenvolvimento, surgiu uma necessidade de resgatar os valores tradicionais e a própria natureza humana. A tradição oral dos contos, não só não reapareceu, como está ganhando força nos últimos tempos (BUSATTO, 2006, p. 21).

Ler histórias abre um espaço para compartilhar emoções, gera interessantes espaços emocionais, onde todos os seres humanos podem se comunicar, pois a linguagem do coração é uma linguagem universal que vai além das palavras. Quando a emoção é adicionada às palavras, já temos um binômio perfeito que garante poder extrair da leitura todas as suas potências de agir.

Uma leitura mecânica não é entoada, portanto, está indicando que o aluno não sente ou entende o que está lendo. Em vez disso, quando o leitor sente, a linguagem torna-se música, com ritmo, melodia e pausas, e as palavras, em notas musicais que dançam em um pedaço de papel.

A leitura ajuda-nos a crescer, a conhecer as nossas emoções mais intensas, a desenvolver a visão interior, através da qual novas áreas são despertadas em nosso cérebro. E aqui começa sua função como elemento de educação emocional, uma de suas missões mais sagradas.

Quando as crianças ouvem histórias e depois aprendem a ler, a mente como um leque desdobrado e aprende a descobrir os mil mundos sonhados por outros, as mil maneiras de viver fora da própria vida, acessando com isso uma visão mais ampla da realidade e gerando uma compreensão e uma empatia que lhes permite ser mais abertos, mais tolerantes.

As experiências imaginadas são uma fonte muito poderosa de aprendizado, como a neurociência demonstrou ao localizar neurônios-espelho e ler neurônios, e como sabemos pelo efeito terapêutico do sono e das visualizações.

O medo do abandono ou desamparo sentido pelas crianças em processos de separação é difícil de verbalizar, mas a criança compreenderá profundamente como João e Maria se sentem no meio da floresta. É assustador ter raiva dos próprios pais, de quem depende em todos os níveis e principalmente no nível afetivo, mas é lícito querer derrotar uma madrasta ou um gigante. As mensagens ocultas das histórias infantis são simples e significativas, e falam a cada um de acordo com o que precisam.

Histórias clássicas não entendem gênero, todas as crianças se identificam com o protagonista, o bom, aquele que foi em frente, foi engenhoso, ajudou os mais fracos e graças a isso conseguiu ajuda,

---

superou dificuldades, foi salvo. E eles vão entender que o castigo dos ímpios é a solidão e que só o amor faz a vida valer a pena, porque as histórias falam em uma linguagem simbólica que todos nós entendemos em um nível inconsciente.

## AS FUNÇÕES DOS CONTOS

Ler é encontrar a vida através dos livros, e graças a eles, compreendê-lo e vivê-lo melhor, é ousar sentir todos os tipos de emoções que eles estão ao redor da página esperando pelo leitor.

As histórias têm diferentes leituras e diferentes funções. Talvez a primeira é alimentar essa função mágica que satisfaz e estimula a imaginação e a fantasia, qualidades que precisamos muito em um mundo cada vez mais materialista e técnico. Mas esta função não esgota a suas potencialidades, pois a característica essencial das histórias é a multiplicidade de níveis em que pode ser compreendida e sua enorme capacidade de adaptação diferentes momentos de desenvolvimento, idade, cultura, situação e ponto de vista do leitor ou ouvinte, de forma que cada um interprete as histórias de de acordo com sua capacidade de compreensão, necessidades e interesses.

Outra segunda função não menos importante é fornecer personagens, situações e intrigas que satisfazem nossa necessidade lúdica, de evasão da realidade. Cada história tem uma função para entreter, divertir e às vezes nos fazem sorrir com suas histórias.

Mas há uma terceira função fundamental relacionada ao tema: a intenção de quase todas as histórias é também transmitir um ensino moral, propondo conduta ética e, às vezes, consequências do comportamento antiético. Neste caso, o argumento permite encenar determinados valores através de situações em que os personagens devem decidir como agir, sendo recompensados se seu comportamento for o caminho certo ou, pelo contrário, consequências infelizes.

É importante entender que, neste caso, a possível "moral" deve ser intuir, não tornar explícito, a menos que a maturidade do leitor ou do público assim o determine. Cada história deve deixar um rastro no pensamento, como uma memória, que como imagem ou final, pode ajudar a entender o que a história representa e quer transmitir. A maioria dos contos populares chegaram até nós foram usados para transmitir valores morais, pois a verdade ética entra mais facilmente em nossa consciência se for acompanhada por uma história simples, cheia de simbolismos e personagens próximos.

Mas há também uma quarta função importante é a de função espiritual. As tradições espirituais de todos os tempos recorreram a parábolas, contos e narrativas para transcender a mente lógica e tocar a alma. Neste caso, a intuição é quem toma o bastão, pois não se pretende que ambos cheguem ao raciocínio ou ao discurso, mas à compreensão de verdades e valores universais. Quando a dimensão da mente racional é transcendida, a verdade chega diretamente ao coração, contornando as barreiras e filtros que eles tendem a distorcer sua verdade. Isso porque a maioria das verdades metafísica, ética e filosófica não pode ser explicada usando a linguagem convencional, porém uma simples parábola, uma anedota, uma alegoria, um exemplo, uma lenda, são capazes de explicar, em sua aparente simplicidade, os mistérios insondáveis, as mais altas verdades. É por isso que Carl Jung trabalhou com as histórias dos sonhos, procurando os arquétipos ocultos muitas vezes em descrições de seus pacientes e usá-los como sinais que o guiaram através do labirinto de sua mente.

Por outro lado, uma peculiaridade essencial dessas histórias é que elas podem ser compreendidas mesmo pelo mais ignorante dos homens, com o qual a verdade torna-se acessível a todos os públicos, algo impossível se fosse transmitida por canais mais elaborados, que poucos entenderiam. É mais fácil aceitar a verdade quando ela é apresentada na forma de uma história cativante e divertida, porque o prazer que a leitura ou audição traz para baixo barreiras, nossa resistência e nosso condicionamento.

Uma quinta e última propriedade das histórias é o que podemos chamar de sua função terapêutica, consistindo em um curioso fenômeno verificado por nossa experiência. Talvez um dia, quando tivermos um problema, uma situação difícil que requer uma decisão complicada, alguma história surgirá em nossa memória das profundezas do inconsciente e saltará para a nossa consciência, transmitindo-nos uma solução para o nosso dilema, a ponto de parece-nos que somos os protagonistas dessa história que apareceu de forma quase milagrosa, pois teremos a sensação de que a história foi feita para nós e que seus ensinamentos se encaixam perfeitamente em nossa situação de vida.

Abramovich afirma que,

As histórias têm como valor específico o desenvolvimento das ideias, e cada vez que elas são contadas acrescentam às crianças novos conhecimentos. O ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar,

---

o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Afinal, tudo pode nascer dum texto! (2003, p. 23).

Este é o ponto em que a história é verdadeiramente compreendida, porque então estamos vivendo em nossa carne, e desta experiência vem o verdadeiro conhecimento.

## OS CONTOS DE FADA E SUAS CONTRIBUIÇÕES DURANTE O PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM

Adequados para o aprendizado das crianças, para entender os valores e a moral da nossa sociedade, além de começar a entender as próprias emoções e as dos outros, são muitas as histórias que trabalham a empatia, algo fundamental para o desenvolvimento das pessoas.

No sentido da língua, particularmente, as histórias: enriquecem a experiência; desenvolvem a capacidade de dar sequência lógica aos fatos; dão o sentido da ordem; esclarecem o pensamento; educam a atenção; desenvolvem o gosto literário; fixam e ampliam o vocabulário; estimulam o interesse pela leitura; desenvolvem a linguagem oral e escrita. As histórias são fontes maravilhosas de experiências. São meios preciosos de ampliar o horizonte da criança e aumentar seu conhecimento em relação ao mundo que a cerca. (BUSATTO, 2006, p. 02)

Os contos de fadas ajudam as crianças a aprenderem a resolver problemas por si mesmas, pois quando estão imersas na história, elas realmente são as protagonistas do conto de fadas. Eles também ajudam as crianças a pensar criticamente e aprender a distinguir o certo do errado, eles vão aumentar a imaginação, eles vão ver a recompensa da coragem e da paciência necessária para resolver problemas (como na maioria dos contos de fadas e também na Bela Adormecida).

As crianças aprendem com a linguagem que ouvem; portanto, quanto mais rico o ambiente linguístico, mais rico o desenvolvimento da linguagem. O processo de apropriação da linguagem continua ao longo dos anos escolares, por isso esses anos devem ser preenchidos com as imagens e o vocabulário emocionantes que a literatura infantil oferece. O termo literatura pode ser definido a partir de uma perspectiva histórica ou cultural, do ponto de vista de um ou outro crítico, ou de um ou outro leitor.

Quando se conta uma história, começa-se a abrir espaço para o pensamento mágico. A palavra com seu poder de evocar imagens, vai instaurando uma ordem mágico-poética, que resulta do gesto sonoro e do gesto corporal, embalados por uma emissão emocional...é ele o elo da comunicação. (SISTO, 2005, p. 28)

Pode-se afirmar que a criança, desde muito jovem, participa da literatura como jogo, diversão ou entretenimento. Quando vai para a escola tem também contato com a literatura não só para fins recreativos, mas também com outras intenções: aprender a ler e escrever, cultural, moral, religiosa e pedagógica.

Da mesma forma, a história é uma ferramenta que estimula o pensamento criativo, imaginativo e crítico nas crianças, permitindo que elas se expressem de várias maneiras. Desde a Educação Infantil, as crianças demonstram interesse em explorar e estabelecer contato com diferentes materiais de leitura e escrita, que as induzam a manifestar experiências e vivências reais e imaginativas, dando origem à expressão das suas próprias ideias, emoções e sentimentos que permitem que seu mundo interior emergja. Por esse motivo, o uso da história torna-se um instrumento pedagógico útil para acompanhar as crianças emocional e criativamente em seu processo de formação.

A literatura infantil constitui um poderoso meio de transmissão de cultura, de integração de áreas do conhecimento: história, música, arte, psicologia, sociologia, etc., de enriquecimento de universos conceituais e de formação de valores. Além disso, a literatura desempenha um papel fundamental na escola e em casa como ferramenta que favorece uma abordagem dos processos de leitura e escrita.

O objetivo principal da incorporação de períodos permanentes de leitura em sala de aula deve ser orientado pela recreação e curiosidade, e não como tarefa escolar. Para isso, o contato inicial nos anos iniciais deve ser interessante e prazeroso, onde o professor lê e conta histórias para as crianças utilizando livros com ilustrações atrativas. Durante a Primeira Etapa, do primeiro ao terceiro ano, devem ser proporcionados contatos prazerosos com a literatura infantil por meio de dramatizações, hora do conto ou em atividades na área de linguagem. Na Segunda e Terceira Etapa, os interesses por temas que surgem das atividades regulares das aulas devem ser complementados com a leitura independente de literatura para crianças e jovens, como leitura de poemas, novelas curtas e momentos de partilha.

---

No nível intermediário, os eventos promovidos devem ter como principal objetivo contribuir para o desenvolvimento de um gosto genuíno pela literatura, o despertar de novos interesses e o cultivo de atitudes favoráveis aos diferentes gêneros literários. Acreditamos ser importante lembrar que o professor é o mediador entre a criança e o texto, pois se aprende a ler lendo boas leituras, inteligentemente direcionadas e avançando gradativamente.

Sabemos que algumas crianças aprendem a ler com facilidade, enquanto outras aprendem a ler através de uma estrada esburacada. Seja qual for a maneira que professores e pais usem para ajudá-los, há a necessidade de expô-los e envolvê-los com “livros reais”. Quando os livros estão disponíveis para crianças e jovens, eles começam a procurá-los e sua capacidade de leitura aumenta. Associado à disponibilidade está o interesse; já que a falta dele pode causar, tanto em crianças quanto em adultos, falhas na leitura. Ao contrário, quando há um alto grau de interesse, os estudantes persistem no trabalho que envolve a leitura até ficarem satisfeitos.

A leitura de textos literários pode se tornar uma das atividades mais divertidas e prazerosas, a preferida das crianças, se lhes proporcionarmos bons e belos livros e se os cercarmos de um ambiente acolhedor e agradável. Porque a literatura é certamente um prazer. Um prazer muito particular que nos permite imaginar acontecimentos, personagens, lugares; além de enriquecer nossa experiência pessoal e desenvolver nossa capacidade de compreensão e expressão. Nesse sentido, um bom leitor poderá se desenvolver com mais fluência em seus estudos e também terá a possibilidade de se tornar um cidadão informado, ciente de suas decisões.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lemos para aprender e lemos para desfrutar. Com as contações de histórias podemos rir e chorar, viajar para novos lugares e viver aventuras emocionantes.

A atividade de leitura deve gerar conhecimento e despertar experiências prévias sobre o tema, os personagens e os acontecimentos que acontecem na narrativa.

As crianças são formadas como leitores literários através da leitura de livros infantis. Saber como são esses textos, que temas abordam, que características apresentam e que valores transmitem é conhecimento essencial para todos aqueles que se interessam em formar as novas gerações como leitores. O importante não é apenas reconhecer o texto literário como a forma mais complexa de articulação discursiva caracterizada por uma retórica específica e complexa, a predominância de funções poéticas e metalinguísticas, procedimentos de conotação, empréstimos intertextuais, o modo particular de trabalhar com a referência ou a peculiaridades do sistema de enunciação, mas também, como instrumento pedagógico relacionado com: a Língua e formação integral; Formação de leitores autônomos e escritores críticos; Gozo, recreação, criatividade e desenvolvimento da fantasia; Conhecimento da realidade e maior apropriação do conhecimento; e Dimensão ética, pois são múltiplos os valores universais, nacionais e locais que estão presentes nas obras literárias.

A tarefa de contadores de histórias para crianças na escola nos leva a identificar, analisar, compreender e explicar os múltiplos fatores que intervêm para que a literatura chegue aos leitores, tais como: ambiente familiar e escolar, prática pedagógica, formação de professores, contato com textos, experiência de leitura ou contexto cultural. Desta forma, pretende-se aprofundar a compreensão do problema e oferecer razões para instalar um espaço que permita outras formas de relação com a literatura.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo, SP: Scipione, 2003.
- BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar – pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BUSATTO. **A Arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. Petrópolis: Vozes, 2006
- COELHO, Betty. **Contar histórias uma arte sem idade**. São Paulo, 2002. Editora Ática.
- SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Positivo. 2ª Ed. Curitiba Série: Práticas educativas, 2005.



---

### Silvana Trindade de Azevedo

Graduação em Pedagogia e Pós-Graduação em Psicopedagogia Clínica e Educacional ambas pela Universidade Nove de Julho, UNINOVE, SP. Professora de Educação Infantil na Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP.

---



## A ALFABETIZAÇÃO DESDE A TENRA IDADE

SOLANGE ALVES GOMES ZAGHI

### RESUMO

Esse artigo procura refletir a respeito da alfabetização desde a tenra idade. A alfabetização precoce é a base para falar, ler, escrever e crescimento acadêmico geral. Experiências que estimulem as crianças a ouvir, falar, ler e escrever são fundamentais para a alfabetização futura. Essas habilidades estabelecem o sucesso de uma criança na escola e na vida. O desenvolvimento da alfabetização começa desde a tenra idade e está altamente correlacionado com o desempenho escolar. Todos os domínios do desenvolvimento de uma criança – físico, socioemocional, cognitivo, de linguagem e alfabetização – são inter-relacionados e interdependentes. Para que a alfabetização se torne significativa as crianças devem receber os mais variados estímulos.

**Palavras-chave:** Aprendizagens. Domínios. Desenvolvimento. Experiências. Habilidades.

### INTRODUÇÃO

Geralmente a alfabetização refere-se ao uso funcional, social e cognitivo da linguagem escrita, e que é um processo que se tornou possível há muitos anos. À medida que as crianças adquirem, desde os anos pré-escolares, uma série de conhecimentos que lhes permitem aprender a ler e escrever, por meio da interação com uma comunidade linguística e letrada.

As crianças desenvolvem-se em direção ao conhecimento de adultos alfabetizados por meio de sua participação em atividades significativas de leitura e escrita, bem como por meio da expressão oral. O desenvolvimento da alfabetização inclui falar, aprender, ler e escrever. Por esse motivo, o desenvolvimento da linguagem é um fator muito importante para o acesso à linguagem escrita. Do lar à pré-escola, por meio de experiências linguísticas interativas orais e escritas, os adultos são responsáveis por preparar as crianças para a alfabetização em sua educação formal.

Na medida que a criança percebe que, além de objetos, é possível também desenhar a fala, faz uma descoberta fundamental para o desenvolvimento dessa linguagem. E a partir daí passa a construir hipóteses de escrita que lhe propiciam compreender os processos implicados nessa aprendizagem (STEMMER, 2010, p.135).

Por outro lado, a escola primária tem como uma de suas principais tarefas garantir que as crianças desenvolvam a alfabetização, mas a realização dessa tarefa exige, segundo Davina (1999), reconhecer que a alfabetização é um processo linguístico e social, uma prática cultural que foi institucionalmente construída a partir do cotidiano escolar e, portanto, para os professores continua sendo uma responsabilidade alcançar a interação dos alunos com os professores e com os textos em sala de aula, como forma de alfabetização.

[...] a criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, essa criança é ainda “analfabeta”, porque não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do letramento, já é, de certa forma, letrada (grifo da autora) (SOARES, 2009, p.24).

A sociedade continua a reconhecer que o ensino da leitura e da escrita é uma das funções básicas que justifica o próprio estar na escola, em virtude de nos ensinar a ser instrumental para a aprendizagem

---

de outros saberes. Mesmo quando se reconhece que a alfabetização ocorre em diferentes contextos de interação, a escola continua ocupando um lugar preponderante para o desenvolvimento do processo (Davina, 1999). Portanto, é fundamental pensar nas decisões que podem ser tomadas quando você é responsável por ensinar a ler e escrever nas primeiras séries, pois é aí que são os primeiros passos que os alunos dão na escola.

Há ao menos duas razões pelas quais a língua falada e a escrita devem ser consideradas juntas. Em primeiro lugar, está relacionado às ligações óbvias entre os sistemas, em segundo lugar, que muitos dos processos envolvidos no desenvolvimento da linguagem são semelhantes aos da escrita. Em ambos os casos, a criança precisa da ajuda de um adulto ou de alguém que seja fluente na língua e que apresente as situações interativas que facilitam o domínio linguístico da criança. A este respeito, Ferreiro esclarece que o processo de aquisição da língua escrita deve ser concebido como "um modo particular de representação da língua" (Ferreiro, 2004, p. 179).

É agora reconhecido que existe um desenvolvimento contínuo da linguagem, começando como balbúcio, incluindo a fala estruturada, e continuando como leitura e escrita. De fato, ou o período inicial do desenvolvimento da linguagem escrita (pré-alfabetização) começa na Educação Infantil, com vários contatos que foram criados dentro de uma sociedade letrada e estão intimamente relacionados ao desenvolvimento da linguagem oral.

## AS MODALIDADES LINGUÍSTICAS

A influência mútua de ambas as modalidades linguísticas também é reconhecida. Para que uma criança desenvolva habilidades de leitura e escrita, é necessário que ela tenha desenvolvido determinadas habilidades correspondentes à linguagem oral, como habilidades fonológicas, descrição de eventos e assuntos, estrutura de frases e expressão de ideias que cercam o uso de conceitos, bem como compreensão e exposição de narrativas estruturadas lógicas e cronologicamente. Mas, por sua vez, o contato com a linguagem escrita resulta em melhores habilidades de linguagem oral, uma vez que as crianças integram estruturas e conceitos mais formais adquiridos através da linguagem escrita e não do discurso oral.

Portanto, independentemente da polêmica relacionada aos métodos globais ou fonéticos de ensino, é preciso ter em mente o que se deseja alcançar no processo de alfabetização. Os resultados da pesquisa evidenciam que aprendizes alfabetizados são capazes de desenvolver uma dinâmica para conectar a leitura (e a escrita) da esquerda para a direita, linha por linha, palavra por palavra, palavras isoladas e encontrar relações entre letras e sons, e que também são capazes de processar letras e palavras sem desviar a atenção e compreensão do significado ou conteúdo da mensagem, conseguindo prever palavras com base no contexto da leitura, bem como compreender os conceitos contidos nos textos.

O desenvolvimento ideal dessas competências está fortemente relacionado ao desenvolvimento prévio de habilidades como atenção visual e auditiva, habilidades fonéticas, a possibilidade de distinguir entre diferentes fonemas e símbolos, a compreensão e uso de vocabulário ou o desenvolvimento da linguagem em geral, bem como outras habilidades perceptivas e de pensamento. A relação entre as habilidades que as crianças desenvolvem não é livre, mas a relação entre o desenvolvimento psicológico geral e as oportunidades proporcionadas pelo meio social. Esta série de habilidades linguísticas e pré-acadêmicas em crianças pode facilitar o aprendizado da leitura e da escrita, independentemente do método seguido para seu ensino formal.

As investigações realizadas em diferentes países, para fornecer conhecimento sobre os fatores que influenciam o desenvolvimento psicológico das crianças, permitirão localizar a estreita relação que existe entre o nível de desenvolvimento alcançado pelas crianças nos primeiros anos de vida e os níveis de aptidão acadêmica durante os anos escolares. Da mesma forma, revelarão a grande influência que o meio físico, social e cultural em que as crianças são criadas não tem nenhum grau de desenvolvimento psicológico e acadêmico que elas consigam alcançar.

Enfrentar a tarefa de aprender a ler, sem desenvolver a linguagem oral e as habilidades pré-acadêmicas, pode dificultar que as crianças foquem sua atenção em palavras e sons, dominem a decodificação de textos e encontrem significados. No entanto, enfrentar a tarefa de comunicar algo por escrito – em diferentes níveis de complexidade – pode ser ainda mais problemático para essas crianças, assim como a capacidade de se expressar por meio da comunicação oral estruturada, além da compreensão do discurso oral, ou do desenvolvimento da linguagem escrita as habilidades de composição por parte de um aprendiz exigem compreensão prévia da linguagem escrita, ou seja, compreensão de leitura.

---

A expressão escrita, pode ser ainda mais difícil do que a leitura quando as habilidades linguísticas e pré-acadêmicas são insuficientes, ou quando geralmente ocorre em crianças de famílias com baixo nível sociocultural, bem como a capacidade de se expressar por meio de uma comunicação oral estruturada e após a compreensão de outros dois discursos orais, ou o desenvolvimento de habilidades de composição escrita por um aprendiz que requer uma compreensão prévia da linguagem escrita, ou seja, a compreensão da leitura.

## A EDUCAÇÃO INFANTIL E SUA IMPORTÂNCIA

O conhecimento das formas e funções da impressão serve como base a partir da qual as crianças se tornam cada vez mais sensíveis às formas das letras, nomes, sons e palavras. No entanto, nem todas as crianças vêm para o jardim de infância com níveis semelhantes de conhecimento sobre a linguagem impressa. Estimar onde cada criança está desenvolvendo e construir sobre essa base, uma característica-chave de todo bom ensino, é particularmente importante para o professor de jardim de infância. A instrução precisará ser adaptada para levar em conta as diferenças das crianças. Para as crianças com muitas experiências impressas, a instrução estenderá seus conhecimentos à medida que aprenderem mais sobre as características formais das letras e suas correspondências sonoras.

Na educação infantil, ler com os ouvidos e escrever com a boca (situação em que a professora ou o professor se põe na função de enunciativa ou de escriba) é mais fundamental do que ler com os olhos e escrever com as próprias mãos. Ao ler com os ouvidos, a criança não apenas se experimenta na interlocução com o discurso escrito organizado, como vai compreendendo as modulações de voz que se enuncia num texto escrito. Ela aprende a voz escrita, aprende a sintaxe escrita, aprende as palavras escritas (BRITTO, 2012, p.17).

Para outras crianças com menos experiências anteriores, iniciando-as no princípio alfabético, que um conjunto limitado de letras compreende o alfabeto e que essas letras representam os sons que compõem as palavras faladas, exigirá uma instrução mais focada e direta. Em todos os casos, entretanto, as crianças precisam interagir com uma rica variedade de impressos.

Os professores do jardim de infância precisam aproveitar todas as oportunidades para aprimorar o desenvolvimento do vocabulário das crianças. Uma abordagem é ouvir histórias. As crianças precisam ser expostas ao vocabulário de uma ampla variedade de gêneros, incluindo textos informativos e narrativas. O aprendizado do vocabulário, entretanto, não é necessariamente simplesmente um subproduto da leitura de história. Algumas explicações de palavras do vocabulário antes de ouvir uma história estão significativamente relacionadas ao aprendizado de novas palavras pelas crianças, por exemplo, descobriram que fazer perguntas preditivas e analíticas antes e depois das leituras produziu efeitos positivos no vocabulário e na compreensão.

Atividades que ajudam as crianças a esclarecer o conceito de palavra também merecem algum tempo e atenção no currículo do jardim de infância. Os gráficos de experiência de linguagem que permitem que os professores demonstrem como a conversa pode ser escrita, fornecem um meio natural para o desenvolvimento da consciência das palavras pelas crianças em contextos significativos. A transposição de palavras faladas por crianças em símbolos escritos por meio de ditado fornece uma demonstração concreta de que sequências de letras entre espaços são palavras e que nem todas as palavras têm o mesmo comprimento.

Muitas crianças entram na educação infantil com pelo menos algum conhecimento superficial das letras do alfabeto. Uma meta importante para o professor de educação infantil é reforçar essa habilidade, garantindo que as crianças possam reconhecer e discriminar essas formas de letras com facilidade e fluência crescentes. A proficiência das crianças na nomeação de letras é um indicador bem estabelecido de suas conquistas no final do ano, provavelmente porque medeia a capacidade de lembrar sons.

Mais ou menos na época em que as crianças são capazes de identificar os nomes das letras, elas começam a associá-las aos sons que ouvem. Um insight fundamental nesta fase de aprendizagem é que uma letra e as sequências de letras são mapeadas nas formas fonológicas. A consciência fonêmica, entretanto, não é apenas um insight solitário ou uma habilidade instantânea. Leva tempo e prática.

Na educação infantil, muitas crianças começarão a ler algumas palavras por meio do reconhecimento ou do processamento de relações entre letras e sons. Quanto mais oportunidades as crianças tiverem de escrever, maior será a probabilidade de reproduzirem a grafia das palavras que

---

viram e ouviram. Embora não sejam convencionais, essas grafias provavelmente mostram maiores correspondências entre letras e sons e codificação parcial de algumas partes das palavras.

De acordo com Garcia (1993, p. 19):

(...) a função da educação infantil não é apenas dar continuidade à aprendizagem da linguagem escrita, uma entre tantas linguagens, mas contribuir para que as crianças vivenciem as diferentes linguagens e usá-las para se expressar – a linguagem corporal, a linguagem musical, a linguagem plástica, a linguagem fotográfica, a linguagem do vídeo, a linguagem da mímica, a linguagem teatral e, por que não, a linguagem da informática.

As primeiras atividades de alfabetização ensinam às crianças muito sobre escrita e leitura, mas geralmente de maneiras que não se parecem muito com a instrução tradicional do ensino fundamental. Tirando proveito da natureza ativa e social da aprendizagem das crianças, a instrução precoce deve fornecer ricas demonstrações, interações e modelos de alfabetização no curso de atividades que façam sentido para crianças pequenas. As crianças também devem aprender sobre a relação entre a linguagem oral e escrita e a relação entre letras, sons e palavras. Em salas de aula construídas em torno de uma ampla variedade de atividades impressas, ao falar, ler, escrever, brincar e ouvir umas às outras, as crianças vão querer ler e escrever e se sentirão capazes de fazê-lo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alfabetização é a base de todo aprendizado. Um aluno que sabe ler com confiança, compreender completamente e escrever abre claramente as portas para mundos de descobertas em ciências, matemática, literatura e história. Os adultos que lutam para ler e escrever ficam sem empregos com melhores salários e dificultam seu desenvolvimento pessoal.

Tornar-se alfabetizado não se resume apenas a conhecimentos e habilidades. Certos comportamentos e disposições ajudam os alunos a se tornarem aprendizes eficazes, confiantes e motivados a usar amplamente suas habilidades de alfabetização.

Todas as crianças merecem a oportunidade de aprender a usar a leitura e a escrita de maneira significativa em suas vidas para se tornarem alfabetizadas. Uma jornada de alfabetização ao longo da vida pode começar com passos pequenos, mas emocionantes, à medida que as crianças experimentam a emoção de se perder em uma história ou o poder de expressar suas próprias ideias por escrito.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRITTO, Luiz Percival Leme. "Letramento e alfabetização: implicações para a educação infantil". FARIA, Ana Lúcia Goulart de; MELLO, Suely Amaral (Orgs). **O mundo da escrita no universo da pequena infância**. 3ª edição. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.
- DAVIÑA, L. **La adquisición de la lectoescritura**. México, Homo Sapiens Sarmiento. 1999.
- GARCIA, Regina Leite. Discutindo a escola pública de Educação Infantil – a reorientação curricular. In: GARCIA, Regina Leite. **Revisitando a pré-escola** – São Paulo. Cortez, 1993.
- FERREIRO, E. Alfabetização infantil e fracasso escolar: problemas teóricos e demandas sociais, in E. Ferreiro, **Alfabetização. Teoria e prática**. México, século XXI. 2004.
- SOARES, Magda. Alfabetização e letramento na educação infantil. **Revista Pátio Educação Infantil** – Ano VII – Nº 20 – Oralidade, alfabetização e letramento Jul/Out, 2009.
- STEMMER, Márcia Regina Goulart S. A educação infantil e a alfabetização. ARCE, Alessandra; MARTINS, Lígia M (Org.). **Quem tem medo de ensinar na educação infantil? : em defesa do ato de ensinar**. 2ª edição. Campinas, SP: Editora Alínea, 2010.



### Solange Alves Gomes Zaghi

Graduação em Pedagogia, pela Faculdade Anhanguera, em 2012. Pós-Graduação em Gestão Escolar, pela Faculdade Campos Elíseos, em 2017 e em Neuropsicopedagogia, pela FAETI, em 2019. Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I, na Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP.

## A IMPORTÂNCIA DA PSICOPEDAGOGIA NA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

TATIANE PAVÃO ONGARO BORGES

### RESUMO

A intenção deste artigo foi a de abordar as principais contribuições da Psicopedagogia no contexto escolar, enfatizando a sua importância para prevenir o insucesso das crianças na fase da alfabetização. Sendo assim, torna-se necessário conhecer a Psicopedagogia e seus saberes no combate da não-aprendizagem no contexto escolar. A metodologia utilizada para desenvolver essa temática foi através de pesquisa bibliográfica abordando a Alfabetização, Causas de suas dificuldades no processo de aprendizagem e a Contribuição da Psicopedagogia no processo de alfabetização. Esse trabalho destaca os pressupostos teóricos para fundamentar a prática do profissional da Psicopedagogia que visa a melhor qualidade do ensino e sucesso da criança no contexto escolar.

**Palavras-chave:** Aprendizagens. Desenvolvimento. Imigração. Inclusão Escolar. Práticas Pedagógicas.

### INTRODUÇÃO

Nos últimos anos o Brasil tem sido destino de imigrantes de diversas nacionalidades, em busca de refúgio, melhores condições de vida e trabalho, suas famílias compostas de crianças e adolescentes, ou até crianças refugiadas que migram sozinhas. Por conta disso, são necessárias adaptações nas práticas pedagógicas para que os estudantes estrangeiros consigam aprender a língua portuguesa e, assim, acompanhar as aulas, assimilar os conteúdos propostos e, de fato, se inserirem não apenas na comunidade escolar, mas na sociedade como um todo e essa situação vem exigindo uma resposta das escolas.

### ALFABETIZAÇÃO

A alfabetização é o processo em que as crianças se apropriam do ensino e da aprendizagem, principalmente no que se refere à leitura e a escrita, no entanto, esse processo não acontece apenas na escola.

De acordo com Ferreiro, Teberosky (1999), "as crianças se apropriam da leitura e da escrita mesmo quando ainda não as fazem convencionalmente". Nessa perspectiva, as crianças aprendem naturalmente no meio em que vivem, através de estímulos visuais, sonoros.

A leitura está presente na vida cotidiana sempre buscando compreensão e significados para o mundo. Para Paulo Freire (2000, p.5), "leitura boa é a leitura que nos empurra para a vida, que nos leva para dentro do mundo, que nos interessa a viver".

Para que a criança desperte sua curiosidade pela leitura é preciso que o educador faça sempre leituras interessantes e atividades que favoreçam a participação das mesmas, possibilitando-as uma compreensão sobre o significado das palavras. Isso só ocorrerá realmente por intermédio das práticas de alfabetização que estimulam a leitura e a escrita, levando-os ao prazer de estarem sempre lendo e desta forma aprender a escrever com autonomia.

Sabe-se que muitas vezes a criança não está conseguindo dominar as habilidades de leitura e escrita e culpa-se a família ou a falta de interesse dos mesmos, mas, é preciso que o professor quando perceber que determinados alunos não estão avançando na aprendizagem, busquem subsídios para que estes problemas sejam solucionados. Também, torna-se relevante o educador se autoavaliar,

---

examinando sua prática pedagógica, pois muitas vezes o aluno é rotulado como alguém que não “aprende nunca”, causando sérios constrangimentos e traumas em sua vida.

As crianças que apresentam realmente dificuldades em aprender, precisam ser acompanhadas pelo profissional responsável nessa área que é o Psicopedagogo, pois, através do diagnóstico que ele fará, dependendo do problema observado, ele saberá o melhor caminho a percorrer para que essas crianças possam avançar em suas aprendizagens.

## AS CAUSAS DAS DIFICULDADES NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Entre os fatores que interferem no processo de aprendizagem encontram-se as causas físicas; sensoriais; neurológicas; emocionais e as intelectuais ou cognitivas.

Segundo Guerra “as dificuldades de aprendizagem se estabelecem quando a criança encontra problemas em se perceber, perceber seu mundo e relacionar-se com outras pessoas” (apud PASSOS, 2010, p.16). A verbalização natural e um bom equilíbrio emocional podem mascarar os transtornos de aprendizagem que devem ser diagnosticados precocemente, evitando maiores prejuízos na alfabetização ou em fases posteriores.

Problemas como atraso da fala, Dislalias, Disglossias, afasia, disfasia, dislexia, Discalculia, Disgrafia, hiperatividade, entre outros, também são fatores agravantes que resultam em dificuldades de aprendizagem.

As crianças com dificuldades de aprendizagem comumente têm problemas em mais de uma área. Por exemplo, a deficiência primária de uma criança (aquela que está causando mais problemas na escola) pode envolver problemas com a compreensão da linguagem, mas ela também pode ter problemas com a concentração e estar um pouco atrasada no desenvolvimento de sua coordenação motora fina. Em casos como esse, é necessário compreender não apenas cada uma das deficiências, mas também como podem complicar umas às outras.

Todas essas causas de uma forma ou de outra trarão à criança problemas de aprendizagem. Nesse sentido compete à escola proporcionar oportunidades adequadas às crianças que chega até ela. Sendo que quanto mais cedo essas dificuldades forem detectadas no educando, mais cedo será tratada, dessa maneira oferecendo à criança um melhor aprendizado.

## A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOPEDAGOGIA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Através do estudo de como a criança adquire o conhecimento compreende-se que existem diversos fatores para que aconteça a alfabetização, ou seja, na concepção psicopedagógica estão os “[...] aspectos orgânicos, físicos, psicológicos, cognitivos, psicomotores, econômicos, sociais, culturais, políticos, escolares, familiares, históricos, entre outros” (GRASSI, 2009, p.137).

Para Rubinstein (In SCOZ et al.,1987) são múltiplos os fatores que intervêm na aprendizagem, mas os mais específicos são os aspectos cognitivos, responsáveis pela objetividade e os aspectos afetivos, responsáveis pela subjetividade.

Neste sentido, a psicopedagogia na instituição escolar pode contribuir desenvolvendo estes aspectos realizando um trabalho junto aos professores para evitar o atraso na alfabetização, ou seja, de prevenção.

Segundo Bossa (2011) a prática preventiva do psicopedagogo na instituição escolar se baseia na observação e análise profunda de uma situação concreta. O psicopedagogo faz um trabalho de investigação e intervenção, identifica os obstáculos, os elementos facilitadores e pesquisa as condições para que se produza a aprendizagem do conteúdo escolar.

Para Mery (1985) o trabalho do psicopedagogo é específico e, no seu ponto de vista, assume uma dupla polaridade de seu papel, realiza tarefas de pedagogo sem perder de vista os propósitos terapêuticos de sua ação psicopedagógica. Bossa (2011, p.141) relata que o psicopedagogo na instituição escolar, cumpre uma importante função social, “[...] a de socializar os conhecimentos disponíveis, promover o desenvolvimento cognitivo e a construção de regras de conduta, dentro de um projeto social mais amplo”. Isso quer dizer, que o campo de atuação do psicopedagogo na escola é muito abrangente, o qual pode estar intervindo e possibilitando a criança uma aprendizagem significativa, que tenha relação com sua vida. A ligação do que é aprendido na escola com a realidade da criança, ou seja, o conhecimento prévio, além de facilitar a assimilação dos conteúdos, propicia o conhecimento do mundo.

---

Percebe-se que o psicopedagogo pode realizar um trabalho preventivo, visando a prática do professor durante o processo de alfabetização das crianças, pois deve ir além da codificação e decodificação de palavras, formar crianças letradas, que saibam usar a leitura e a escrita fora da escola.

A tarefa mais importante da ação psicopedagógica preventiva é estar atento a qualquer situação dentro do contexto escolar, buscando novas formas de aprimorar o ensino, fornecendo subsídios à equipe educativa para o melhor andamento da aprendizagem. Portanto, percebe-se a que é de extrema importância o psicopedagogo no contexto escolar para realizar um trabalho preventivo e contribuir com a aprendizagem das crianças durante o processo de alfabetização.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola tem um papel fundamental na vida de cada aluno e é preciso perceber as dificuldades na aprendizagem.

Após a tentativa de utilizar vários recursos para reverter o problema e, ainda assim, o aluno apresentar dificuldades, deverá ser encaminhado para uma avaliação do psicopedagogo que deverá promover o diagnóstico e verificar se esse aluno deverá receber um tratamento com profissional específico.

A atuação do psicopedagogo compreende os processos de desenvolvimento e os caminhos da aprendizagem fazendo as intervenções necessárias para a evolução de aprendizagem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSSA, N. A. A. *Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática*. Porto Alegre, Artes Médicas, 2000.
- CIASCA, S. M. (org) *Distúrbios de aprendizagem: proposta de avaliação interdisciplinar*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003, 220p.
- FERNANDEZ, A. **A inteligência aprisionada: Uma abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. 261 p. p. 23, 43.
- FONSECA, V. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. 2ª ed, Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- FRANÇA, C. apud NUTTI, J. Z. **Distúrbios, Transtornos, Dificuldades e Problemas de Aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.
- GRIGORENKO, Elena L. TERNEMBERG, Robert J. **Crianças Rotuladas – O que é necessário saber sobre as Dificuldades de Aprendizagem**. Porto Alegre, Artmed, 2003.
- JARDINI, R. S. R. **Método das boquinhas: Alfabetização e reabilitação dos distúrbios da leitura e escrita**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- SANCHEZ, Jesus Nicasio Garcia. **Dificuldades de aprendizagem e intervenção psicopedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- SCOZ, Beatriz. **Psicopedagogia: O caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional**. Porto Alegre. Artes Médicas, 1986.
- STRICK, C e SMITH, L. **Dificuldade de Aprendizagem de A a Z. Um guia completo para pais e educadores**, Porto Alegre: Artmed, 2001.
- TIBA, Içami, **Quem ama Educa**. 165 edição. São Paulo: Gente, 2002.
- WEISS, M. L. L. **Psicopedagogia Clínica: Uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. Rio de Janeiro: Ed. DP&A. 8ª edição, 2001. P. 95, 97.
- BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **PSICOLOGIAS: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 13ª edição reformulada e ampliada— 1999. 3ª tiragem — 2001.



### Tatiane Pavão Ongaro Borges

Licenciada em Pedagogia Plena pela Faculdade Fundação Santo André, SP. Pós Graduada em Psicopedagogia pela Universidade Metodista, SP. Professora de Ensino Fundamental I na Rede Estadual de São Paulo, SEE e Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Rede Municipal de São Paulo, PMSP.

---



## O DESENHO COMO LINGUAGEM ARTÍSTICA

VANESSA IZIDORIO DE ARRUDA DOMINGUES

### RESUMO

Este artigo tem a proposta de discutir a importância do desenho como linguagem artística na educação. Investigar as oportunidades que os desenhos possibilitam os alunos de expressar seus sentimentos a respeito de algo. Analisar as concepções que têm a função do desenho para o desenvolvimento infantil, observar, caracterizar e analisar seu uso. Identificar e desconstruir ideias preconcebidas relativas ao desenho e com o abandono de vícios inerentes à sua construção. A ideia é justamente para que os alunos se livrem desses estereótipos, deixem de rastrear e aceitem os erros como um processo de composição. Isso permite mais autonomia para usar o próprio erro para construir o projeto. Assim foi realizado um levantamento teórico objetivando a compreensão do desenho como linguagem artística procurando diagnosticar como os mesmos podem auxiliar no desenvolvimento dos alunos.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento. Educação. Expressão. Múltiplas Linguagens.

### INTRODUÇÃO

O desenho incentiva as crianças a exercitar suas habilidades motoras e desenvolver sua imaginação. Por meio da assunção de riscos e do uso de diferentes movimentos, as crianças buscam o controle sobre o próprio corpo e maior autonomia no contato com os objetos durante a exploração do espaço.

De acordo com o dicionário desenho é a representação de seres, objetos etc. feita sobre uma superfície, por meios gráficos, com instrumentos apropriados. Passeando um pouco sobre a história do desenho percebemos que o desenho é conhecido desde que o homem primitivo começou a expressar se artisticamente em suas pinturas rupestres. O desenho na Pré-história ora representava um motivo estético, ora possuía a função de projeto.

Poucos adultos percebem até que ponto os desenhos infantis podem revelar níveis de maturidade, equilíbrio emocional e emocional, desenvolvimento motor e cognitivo das crianças. Entre vários autores que falam sobre a importância da pintura, destacamos os pilares.

Segundo Piaget, a criança desenha mais o que sabe do que realmente consegue ver. Ao desenhar ela elabora conceitualmente objetos e eventos. Daí a importância de se estudar o processo de construção do desenho junto ao enunciado verbal que nos é dado pelo indivíduo.

Para Vygotsky, o desenvolvimento do desenho requer duas condições. A primeira é o domínio do ato motor, por isso, para o autor, inicialmente, o desenho é o registro do gesto e logo passa a ser o da imagem. Assim, a criança percebe que pode representar graficamente um objeto. E essa característica é o um indício de que o desenho é precursor da escrita, pois a percepção do objeto, no desenho, corresponde à atribuição de sentido dada pela criança, constituindo-se realidade conceituada.

Embora os dois autores analisados tenham focado diferentes aspectos do desenho, Piaget, focando mais os aspectos epistêmicos e Vygotsky, os aspectos mais sociais, os dois autores se aproximam em dois pontos básicos: em relação à importância do desenho no desenvolvimento da criança e à característica de que a criança desenha o que lhe interessa e o que sabe a respeito de um objeto.

Ainda no que se refere a legislação brasileira e a prática pedagógica, o estudo de Ferri (2008) traz à tona uma discussão acerca do papel das diretrizes curriculares nacionais como agente castrador da autonomia e da criatividade das crianças quando estão envolvidas em atividades de artes planejadas pelos adultos sem considerar a criança como portador de um potencial estético e artístico

---

que deve ser valorizado e desenvolvido. Faz, portanto, críticas à legislação brasileira no que concerne à formação do professor de Educação Infantil para inserir a linguagem artística na sua prática pedagógica com um olhar sensível para as necessidades educacionais de aprendizagem do sujeito.

## LINGUAGEM ARTÍSTICA NA EDUCAÇÃO

As linguagens artísticas podem, muitas vezes, passar despercebidas e não receberem o devido valor da comunidade escolar como um todo. Entretanto, elas são uma das responsáveis por iniciar a formação cultural e a construção de habilidades sensitivas e emotivas nas crianças, no que envolve o campo de experiência com traços, sons, cores e formas, previsto pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

As atividades artísticas contribuem com ricas oportunidades para seu desenvolvimento, uma vez que põem ao seu alcance diversos tipos de materiais para manipulação, além da arte espontânea que surge em brincadeiras ou a partir de uma proposta mais direcionada.

A expressividade infantil implica na construção de formas de linguagem e comunicação exercidas no processo de socialização. Atuando expressivamente é que a criança aprende e vivencia formas de ser e de estar no mundo humano.

O lúdico, o teatro, a dança, a pintura, o desenho, a criatividade, o conto de fadas, fazem parte de um momento em que as crianças se expressam, comunicam e transformam a vida na relação com a arte, ou seja, “somos potencialmente criadores, possuímos linguagens, fazemos cultura” (PIRES, 2009, p. 47).

Segundo Dewey, enquanto experiência, a arte faz parte das relações que o homem estabelece com seu entorno, isto é, a arte ganha um caráter prático e articula-se com a vida e a cultura.

## ARTE NA EDUCAÇÃO

A arte, ou expressão artística, é um dos maiores instrumentos de avaliação com que o educador pode contar. Através dela, pode-se avaliar o grau de desenvolvimento mental das crianças, suas predisposições, seus sentimentos, além de estruturar a capacidade criadora, desenvolver o raciocínio, a imaginação, a percepção e o domínio motor.

Mesmo antes de aprender a ler e escrever, as crianças são capazes de responder positivamente aos estímulos artísticos porque são potenciais criadores. Nesta fase, as atividades artísticas proporcionarão ricas oportunidades para o desenvolvimento das crianças, pois colocam os mais diversos materiais dentro de suas habilidades.

Nas unidades de Ensino quanto maiores forem as oportunidades de descobertas, manipulações e construções que o educador oferecer às crianças, maiores serão as chances de um desenvolvimento harmonioso e compatível com suas possibilidades. Sendo assim, entre os cantinhos exploratórios, não pode faltar um dedicado às artes. Quando se desenha ou se desenvolve uma atividade artística criativa, podemos dizer que se vive um momento de introspecção. Um tempo para si, de reflexão e de expressão sobre si mesmo e o mundo que o cerca. Dentro do processo de construção de conhecimentos e significados, é evidente que desenvolver a percepção é um objetivo importantíssimo. E, para concretizá-lo, é preciso que a escola, entre outras coisas, dedique mais tempo e abra mais espaço às artes.

É necessário atentar para como as crianças se aproximam e agem em relação ao aspecto artístico do conhecimento, essas observações ajudarão o professor a planejar, sabendo como propor experiências, atividades e situações que façam avançar as percepções e observações das crianças, bem como seu repertório de saberes.

## PROCESSOS DE ANÁLISE: ATIVIDADE ARTÍSTICA PARA EDUCAÇÃO INFANTIL

Neste processo de análise, os cantinhos artísticos foram bem explorados com o objetivo de proporcionar diversas experiências prazerosas, pois pretende igualmente dar a oportunidade às crianças de ter uma participação ativa no seu currículo e uma crescente autonomia, ou seja, a criança escolhe o modelo que quer desenhar, tal como o material e o suporte utilizado.

A primeira atividade realizada foi com os cantinhos artísticos. O espaço organizado na sala de aula favorece as práticas interdisciplinares dentro de uma proposta construtiva, em que o educador poderá atuar de um modo mais criativo e direto, oferecendo às crianças oportunidades para que expressem seus sentimentos e anseios, através de atividades de pintura, modelagem, expressão corporal, músicas e brincadeiras diversificadas.

---

O uso constante do cantinho das artes desenvolverá nas crianças sua imaginação e sua sociabilidade, além de dominar as angústias e os medos que aparecem mesclados de fantasia e realidade. Destaco aqui a importância de oferecer os mais diversos materiais a fim de transformar a sala de aula e seu cantinho num ambiente realmente estimulante e significativo, propício às descobertas e à construção de conhecimentos.

No final da concretização das atividades, expõem-se os trabalhos na sala de aula para uma apreciação positiva individual e coletiva.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considero que a minha experiência como professora de Educação Infantil demonstrou ser fundamental no momento de concepção do projeto, no decorrer das aulas e na obtenção dos resultados alcançados. Por ter contacto com o público infantil e por conhecer as atividades e materiais que melhor proporcionariam resultados, permitiu-me exemplificar na prática esses aspectos e ajudar as crianças a fortalecerem o conhecimento na prática. Relembrando Perrenoud, é necessário que o professor domine o conteúdo que ensina e tenha “uma prática pessoal do uso dos conhecimentos na ação” (Perrenoud, 1999: 56). Reuzulli reforça (Ap. Fleith, 2007), salientando que o professor deve dar a sua própria contribuição criativa, de modo a poder estimular nos seus alunos o interesse, a motivação e a curiosidade. Considero que as crianças corresponderam bem às expectativas, tornando-se visível através do empenho e das atitudes demonstradas ao longo do projeto, assim como dos resultados dos trabalhos. Relativamente à relação pessoal com as crianças, esforcei-me sempre por manter uma relação de proximidade, sinceridade e de respeito perante as suas opiniões e os seus interesses. A concretização do projeto constituiu uma experiência única para todos os intervenientes e espera-se que venha a ser impulsionadora de outras tantas no futuro

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL - Ministério da Educação - **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil** - Volumes I - II - III - Brasília, MEC/SEF, 1998.

AMABILE, T. M. Como não matar a criatividade. São Paulo: **HSM Management**, p. 110- 115, jan./fev, ano 1999.

BAHIA, Sara (2007) - **Psicologia da Criatividade. Manual de Apoio para a disciplina de Psicologia da Criatividade**. Mestrado em Teatro e Comunidade da ESTC/IPL.

DEWEY, John. **O ensino da Arte no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2001.

Fleith, D. S. (2007). A promoção da criatividade no contexto escolar. Em AMR Virgolim (Org.), **Talento criativo : expressão em vários contextos** (pp.144-157). Brasília: Universidade Brasília.

FERRI, Márcia Barcellos. **Artes na educação infantil: crítica das orientações e diretrizes**

**curriculares**. 2008. 87 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em [http://bdt.d.ibict.br/vufind/Record/PUC\\_SP-1\\_91e51ac109f3f091c15b21847269d987.%20Acesso%20em%2015/08/2018](http://bdt.d.ibict.br/vufind/Record/PUC_SP-1_91e51ac109f3f091c15b21847269d987.%20Acesso%20em%2015/08/2018)

PIAGET, Jean. **A equilibração das estruturas cognitivas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

PIRES, E. **Proposta Curricular da Educação Infantil**. Campinas: Prefeitura Municipal de Campinas, 2009.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

PERRENOUD, Philippe (1999) – **Construir as competências desde a escola**, Porto Alegre: Artmed.



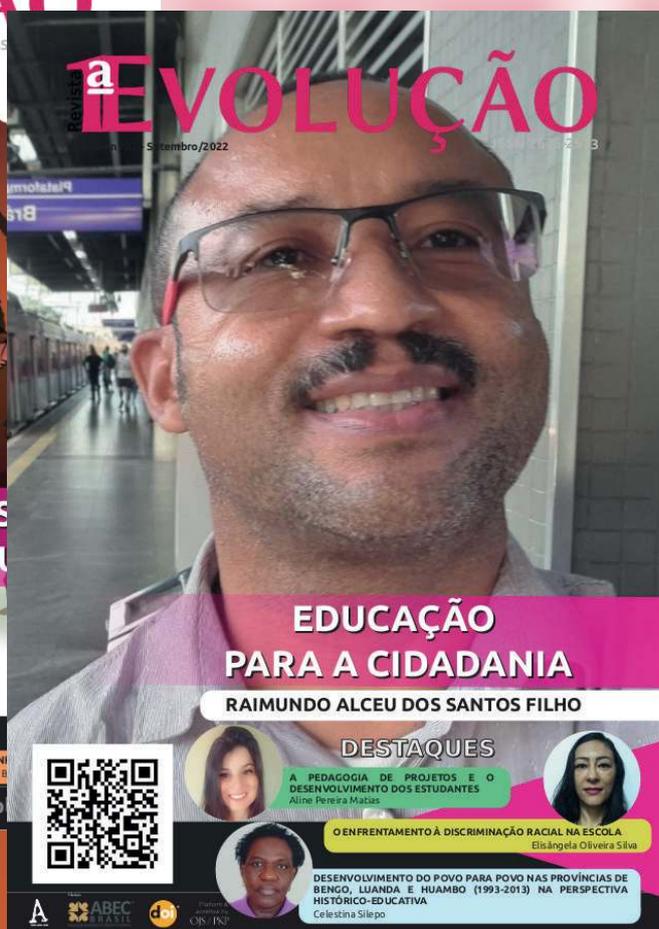
---

### Vanessa Izidorio de Arruda Domingues

Formada no Magistério pelo CEFAM (Centro de Formação Específica e Aperfeiçoamento do Magistério). Pós-graduação: em Psicopedagogia, Docência do Ensino Superior e Políticas Públicas. Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP.

---

EVOLUÇÃO



**ORGANIZAÇÃO:**

Manuel Francisco Neto  
Vilma Maria da Silva

**AUTORES(AS):**

Aline Lima Carvalho  
Aline Pereira Matias  
Celestina Silepo  
Elisângela Oliveira Silva  
Gabriela Amorim Guerra Bezerra  
Geni Santana Cardoso  
Ilda Helena Domiciano Paukoski  
Ismenia Maria Pires Vaz  
Jonatas Hericos Isidro de Lima  
Josefa Bezerra de Meneses  
Mateus Canivonga e Bela Cadete  
Neide Benedita de Moraes  
Rosinalva de Souza Lemes  
Rubia Mara Requena dos Santos  
Silvana Trindade de Azevedo  
Solange Alves Gomes Zaghi  
Tatiane Pavão Ongaro Borges  
Vanessa Izidorio de Arruda Domingues

ISSN 2675-2573



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.32>

Produzida com utilização de softwares livres



Platform & workflow by OJS / PKP

[www.primeiraevolucao.com.br](http://www.primeiraevolucao.com.br)

